



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL**  
**UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE**

**EDRIANE ANDRADE DE SOUZA**

**LITERATURA E ENSINO EM DIÁLOGO COM AS TECNOLOGIAS DIGITAIS:  
PRODUÇÃO DE MINICONTOS A PARTIR DA OBRA *ADEUS CONTO DE FADAS*,  
DE LEONARDO BRASILIENSE**

Campo Grande/MS

2018



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL**  
**UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE**

**EDRIANE ANDRADE DE SOUZA**

**LITERATURA E ENSINO EM DIÁLOGO COM AS TECNOLOGIAS  
DIGITAIS: PRODUÇÃO DE MINICONTOS A PARTIR DA OBRA *ADEUS  
CONTO DE FADAS*, DE LEONARDO BRASILIENSE**

Campo Grande/MS  
2018



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL**

**UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE**

**EDRIANE ANDRADE DE SOUZA**

**LITERATURA E ENSINO EM DIÁLOGO COM AS TECNOLOGIAS  
DIGITAIS: PRODUÇÃO DE MINICONTOS A PARTIR DA OBRA *ADEUS  
CONTO DE FADAS*, DE LEONARDO BRASILIENSE**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS – Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras.

Área de concentração: Linguagem,  
Língua e Literatura

Orientador: Prof. Dr. Lucilo Antonio Rodrigues

Campo Grande/MS  
2018

S714L Souza, Edriane Andrade de

Literatura e ensino em diálogo com as tecnologias digitais:  
produção de minicontos a partir da obra Adeus conto de fadas,  
de Leonardo Brasiliense/ Edriane Andrade de Souza. – Campo  
Grande, MS: UEMS, 2018.

155f.

Dissertação (Mestrado Profissional) – Letras –  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2018.

Orientador: Prof. Dr. Lucilo Antonio Rodrigues.

1. Miniconto 2. Intervenção 3. Literatura 4. Tecnologias  
digitais I. Rodrigues, Lucilo Antonio II. Título

CDD 23. ed. - 807

**EDRIANE ANDRADE DE SOUZA**

**LITERATURA E ENSINO EM DIÁLOGO COM AS TECNOLOGIAS DIGITAIS:  
PRODUÇÃO DE MINICONTOS A PARTIR DA OBRA *ADEUS CONTO DE FADAS*,  
DE LEONARDO BRASILIENSE**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagem, Língua e Literatura

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Lucilo Antonio Rodrigues (Presidente)  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

---

Profa. Dra. Maria Leda Pinto (Titular)  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

---

Profa. Dra. Rosana Cristina Zanelatto Santos  
(Titular Externo)  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

---

Prof. Dr. Fábio Dobashi Furuzatto (Suplente)  
Universidade Estadual de Mato Grosso do  
Sul/UEMS

---

Prof. Dr. Danglei de Castro Pereira (Suplente)  
Universidade de Brasília/UnB

Campo Grande/MS, 27 de Março de 2018.

Dedico este trabalho às minhas filhas Emanuely e Julya.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo subsídio educacional e apoio à pesquisa;

Agradeço, em especial, ao orientador Lucilo Antonio Rodrigues pela dedicação e conhecimentos dispensados durante a realização deste trabalho;

Aos meus pais pelo cuidado com minhas filhas na minha ausência para estudos.

"O mais difícil não é escrever muito: é dizer tudo,  
escrevendo pouco."

(Júlio Dantas)

Souza, Edriane Andrade de. Literatura e ensino em diálogo com as tecnologias digitais: produção de minicontos a partir da obra *Adeus conto de fadas*, de Leonardo Brasiliense 2018. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2018.

## RESUMO

A presente dissertação apresenta a fundamentação teórica para a proposição da metodologia e as conclusões obtidas por meio de uma pesquisa interventiva realizada no primeiro semestre do ano de 2017, na Escola Estadual Luiz Frutuoso da Silva, do município de Sapezal – MT, com os estudantes do 7º ano A. A intervenção baseou-se na pesquisa-ação defendida por Michael Thiollent (2011), que se caracteriza como uma forma de ação coletiva que visa à resolução ou discussão de problemas e a suas possíveis soluções. Nessa perspectiva, buscamos apresentar os problemas relacionados ao aprendizado dos alunos do 7º ano A nos eixos temáticos leitura, interpretação, escrita e produção textual, visto que os índices que a escola apresentou na última avaliação do IDEB/MEC nesses eixos são considerados insatisfatórios. Nesse sentido, propomos uma intervenção metodológica que, tendo como base o texto literário, apresentasse estratégias para o desenvolvimento da aprendizagem nos referidos eixos temáticos. Após sondagem verificamos que o ensino de literatura na referida escola baseava-se nos textos literários oferecidos pelo livro didático. Ao observarmos os aspectos negativos dos textos oferecidos por esse material, propomos que as atividades tivessem como ponto de partida o texto literário na íntegra e escolhemos o gênero literário miniconto para o desenvolvimento de habilidades, conforme propõe Spalding (2008). Baseando-se no que propõe Candido (1995), buscamos, assim, apresentar uma metodologia que evidenciasse a função humanizadora do texto literário e que apresentasse a tecnologia como potencial para que o ensino de literatura fuja da fragmentação e da descontextualização.

Palavras-chave: Miniconto. Intervenção. Literatura. Tecnologias digitais

Souza, Edriane Andrade de. Literatura e ensino em diálogo com as tecnologias digitais: produção de minicontos a partir da obra *Adeus conto de fadas*, de Leonardo Brasiliense. 2018. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2018.

## ABSTRACT

The present dissertation presents the methodology and the conclusions obtained through an interventional research carried out in the first semester of 2017 at the Luiz Frutuoso da Silva State School, in the municipality of Sapezal - MT, with students of the 7th grade A. The intervention was based on action research advocated by Michael Thillent (2011) that is characterized as a form of collective action that aims at solving or discussing problems and their possible solutions. In this perspective, it was tried to present the problems related to the learning of the 7th grade A students in the thematic axes reading, interpretation, writing and textual production, since the indexes that the school presented in the last evaluation of IDEB/MEC in these axes were considered unsatisfactory. In this sense, it was proposed a methodological intervention that, based on the literary text, presented strategies for the development of learning in the said thematic axes. After the survey it was verified that the teaching of literature in this school was based on the literary texts offered by the textbook. When observing the negative aspects of this material, it was proposed that the activities had as starting point the literary text in its entirety and the minitale genre was chosen for the development of abilities, as proposed by Spalding (2008). Based on what Candido proposes (1995), it was tried to present a methodology that evidences the humanizing function of the literary text and that presents the technology as potential for the teaching of literature to avoid fragmentation and decontextualization.

Keywords: Minitale. Intervention. Literature. Digital technologies.

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 – As características da pesquisa-ação em comparação.....	20-21
Tabela 2: Representação do ciclo de pesquisa.....	21
Tabela 3 – As fases e as ações realizadas na pesquisa-ação.....	22-23

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Quem mais influenciou o hábito de leitura: por perfil leitor X não leitor.....	31
Figura 2 - Quem mais influenciou o hábito de leitura: por perfil leitor X não leitor.....	32
Figura 3 - Pessoas que influenciaram o gosto pela leitura: por Escolaridade.....	33

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>CAPÍTULO 1 - SITUAÇÃO INICIAL E A PROPOSTA DE INTERVENÇÃO.....</b>	<b>16</b>
1.1 – Pesquisa – ação: características e propostas .....	18
<b>CAPÍTULO 2 – O ENSINO DE LITERATURA NA ESCOLA.....</b>	<b>24</b>
2.1- O texto literário nos anos finais do ensino fundamental.....	28
<b>CAPÍTULO 3 - O CONTO E O MINICONTO: A CONCISÃO AO NARRAR.....</b>	<b>35</b>
3.1 – O miniconto: uma forma breve na literatura brasileira.....	37
<b>CAPÍTULO 4 – PROPOSTA INTERVENTIVA.....</b>	<b>46</b>
4.1- Sequência Didática das atividades de leitura e produção.....	48
4.2- Abordagem sobre o módulo I: leitura e interpretação de minicontos.....	51
4.3. Descrição da obra Adeus conto de fadas.....	58
4.4. Abordagem das atividades realizadas nos módulos II e III.....	64
4.5. A Estratégia da Reprodutibilidade transformativa.....	69
<b>CAPÍTULO 5 – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....</b>	<b>74</b>
<b>CAPÍTULO 6- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>99</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>102</b>
<b>ANEXO 1 – Versão final dos minicontos produzidos pelos alunos .....</b>	<b>105</b>
<b>ANEXO 2 – Frames produzidos pelos alunos (MÓDULO IV) .....</b>	<b>112</b>
<b>ANEXO 3 – Fotos da aplicação da sequência didática (aulas e divulgação ao público).....</b>	<b>140</b>
<b>ANEXO 4 – Registros da exposição do livro da turma do 7º “A” na III Feira do conhecimento .....</b>	<b>149</b>

## INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, muito se tem falado sobre a *crise na literatura*, não faltando quem afirmasse o seu declínio e mesmo o seu fim. No contexto da sala de aula tais vaticínios parecem mesmo estar em vias de se cumprir, dadas as atuais políticas educacionais. A diminuição ou a retirada das disciplinas de literatura da sala de aula pode ter efeitos nefastos para a educação, uma vez que, apesar de esta existir fora da escola, a leitura do texto literário, de acordo com inúmeras pesquisas, ocorre, em grande parte, no ambiente escolar.

Desse modo, não é por outro motivo que escritores, leitores críticos e educadores continuam lutando para que a literatura tenha espaço garantido em sala de aula ao lado de outros espaços que poderão ser consolidados caso haja um efetivo trabalho na escola. Consideramos que não há nenhuma contradição, uma vez que em todo mundo os leitores continuam a aumentar. A prova disso é que “o número de obras literárias, em livros impressos e e-books, continua a crescer de modo espetacular em todo mundo” (PERRONE-MOISÉS, 2016, p.8). Neste trabalho, o propósito foi apresentar a literatura não como uma instituição falida, mas como uma atividade intelectual que proporciona grandes contribuições para a formação do sujeito crítico nos diversos âmbitos: estético, político, linguístico e humano, no sentido proposto por Antonio Candido.

No contexto escolar, a crença de que a literatura está mesmo desaparecendo coincide com o dito “desinteresse” dos alunos pela leitura, principalmente, os dos anos finais do ensino fundamental. Muitas justificativas são apresentadas pelos educadores, principalmente, das escolas públicas, para que o referido “desinteresse” seja operante no contexto escolar, como: falta de bibliotecas, avanço tecnológico, despreparo dos docentes, entre outros. Assim, a literatura perde espaço e as dificuldades dos alunos em relação à leitura, interpretação e produção textuais só aumentam.

Outra dificuldade que os educadores enfrentam em relação ao ensino da literatura refere-se à preferência de leitura dos alunos. Boa parte dos estudantes, principalmente os adolescentes, leem diariamente os *best-sellers*, coleção vaga-lume ou obras consideradas de menor valor literário, mas que na maioria dos casos constituem-se de textos longos. No entanto, prevalece a *crença*, entre uma parcela significativa dos educadores, principalmente, os professores de Língua Portuguesa, de que os alunos não leem. Nesse sentido, na sondagem que antecipou a pesquisa propomos a observar o que esses adolescentes leem, por que leem ou para quem leem, para assim, desenvolvermos metodologias que ampliem o hábito da leitura.

A escola e os professores como mediadores do processo de leitura tornam-se peças fundamentais para realizar o trabalho de investigação sobre o que os alunos leem e, a partir dessas conclusões, apresentarem estratégias para que os alunos não deixem de ler o que leem, mas desenvolvam outras experiências de leitura.

Com a finalidade de desenvolver o gosto pela leitura, as atividades realizadas na pesquisa-ação aplicada em uma escola estadual de Sapezal-MT dão prioridade à leitura e produção de texto literário. Neste trabalho, temos como objeto de estudo e análise o gênero miniconto e as produções dos alunos do 7º ano “A”, a partir da obra *Adeus conto de fadas*, de Leonardo Brasiense.

A leitura de textos atuais, apresentados neste trabalho, visa mostrar a importância dos mesmos, não em detrimento dos clássicos, mas como uma dessas estratégias para ampliar o repertório dos alunos. Assim, o miniconto conhecido como “o gênero da era tecnológica”, representa algumas das tendências contemporâneas que podem ser trabalhadas no ensino da literatura.

A presente dissertação é composta por seis capítulos, sendo que, no primeiro, expusemos o contexto de aplicação da pesquisa e os motivos que influenciaram a elaboração da mesma na escola Estadual Luiz Frutuoso da Silva. Na análise do contexto da pesquisa, pudemos observar que a leitura ainda é um desafio na realidade escolar e que os educadores ainda encontram dificuldades para utilizar as tecnologias digitais no ensino da literatura. Para buscar resolver esses problemas ou dificuldades, nos baseamos nas propostas da pesquisa-ação de Michel Thiollent (2011), que oferece metodologias para a elaboração, desenvolvimento e aplicação da pesquisa.

No segundo capítulo, discutimos sobre o ensino de literatura na escola, em especial, nos anos finais do ensino fundamental. Nessa perspectiva, propomos a importância dos gêneros literários para ampliar o hábito de leitura nos estudantes.

No terceiro capítulo, realizamos uma abordagem referente ao gênero conto, visto que este possui características comuns ao miniconto. Após essa abordagem, nos dedicamos ao estudo do gênero literário miniconto, expondo suas origens e sua presença na literatura brasileira.

No quarto capítulo, apresentamos a proposta interventiva da pesquisa. Para tal, nos baseamos na *estratégia de reprodutibilidade transformativa*, de Rodrigues (2014). Baseando-

nos nesse método, mostramos como é possível não só ler o texto literário na escola, mas também transformá-lo, utilizando-se de diversos mecanismos, como a tecnologia.

Para elaborarmos as atividades desenvolvidas ao longo da pesquisa, baseamos, de forma não linear, no que propõem Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004). Assim, expomos a proposta da pesquisa, sua aplicação e a sequência didática das atividades de leitura e produção, tanto dos minicontos como dos frames, do livro da turma e dos vídeos.

No quinto capítulo, discutimos os resultados da pesquisa-ação em todas as suas etapas e analisamos o produto final da pesquisa, no caso, os vídeos dos alunos. Para se realizar as análises, foram utilizados os minicontos produzidos pelos alunos em sala de aula, assim como os frames.

No sexto e último capítulo, realizamos as considerações finais sobre o trabalho. Abordamos sobre as expectativas iniciais do projeto interventivo e, por tratar-se de uma pesquisa-ação, foram expostas as considerações sobre as atividades realizadas, sobre as dificuldades encontradas ao longo do projeto e os caminhos percorridos para se chegar aos resultados. Assim, analisamos os resultados e abordamos se estes foram satisfatórios ou não.

## **CAPÍTULO 1 – SITUAÇÃO INICIAL E A PROPOSTA DE INTERVENÇÃO**

A escola Estadual Luiz Frutuoso da Silva está localizada no município de Sapezal e trabalha com alunos do 7º ao 9º anos do Ensino Fundamental e com a modalidade EJA. O município de Sapezal e a referida escola foram escolhidos para a execução da pesquisa por serem, desde 2013, o campo de atuação da pesquisadora, no caso, eu enquanto professora das séries finais do Ensino Fundamental. A instituição possui aproximadamente 1.300 alunos matriculados e uma infraestrutura razoável, no entanto, não possui uma biblioteca: as obras literárias são guardadas em um armário na sala dos professores. Pelo fato de a escola possuir um pequeno acervo de obras literárias, os estudantes recorrem à biblioteca pública municipal.

A turma do 7º ano “A” escolhida para a execução da pesquisa possui 25 alunos. Esta turma foi escolhida pelo fato de os alunos serem, na maioria, estudantes que possuem grandes dificuldades em relação à leitura, interpretação e escrita de textos, embora sejam muito participativos. Por isso, demos atenção especial a estes alunos, visto que a pesquisa-ação tem como objetivo resolver os problemas prioritários da situação investigada. Nesse sentido, o projeto interventivo representou um momento de busca de resoluções das dificuldades apresentadas pelos alunos do 7º A.

Quanto ao município, Sapezal está localizado no médio norte do estado de Mato Grosso, considerado novo, com apenas 23 anos de emancipação política. A cidade possui cerca de 30 mil habitantes e se destaca no cenário nacional como um dos maiores produtores agrícolas do país. Nesta cidade, é comum o grande fluxo de emigrantes de diferentes regiões do Brasil, principalmente nos períodos de plantio e colheita ocasionada pela oferta de emprego. Parte dessas pessoas retornam às cidades de origem quando finalizam suas atividades, mas muitas delas fixam residência na cidade e ao recebê-las, as escolas tornam-se um rico espaço de diversidades, não só linguísticas como culturais, pois recebe alunos de diversas partes do país, além de alunos indígenas pertencentes a diferentes aldeias da região.

Para os professores, conviver com este fluxo constante de entrada e saída de alunos na escola é uma tarefa desafiadora, pois a maior parte do alunado é constituída de estudantes que vivem em processo de transição de uma cidade para outra. Por outro lado, com os alunos não é diferente, eles passam por um período de adaptação no que se refere à linguagem e ao convívio social. Nas salas de aula, é notório que o processo de transição afeta os alunos migrantes,

principalmente, os nordestinos, visto que estes representam o maior número de migrantes que vêm para o município de Sapezal em busca de trabalho nas lavouras de soja, milho, algodão, etc. Nesse sentido, os alunos levam em torno de três anos para se adaptarem a nova realidade, o que os prejudica em todos os aspectos, principalmente, no seu rendimento escolar.

O conjunto de fatores descritos gera resultados insatisfatórios, o que pode ser confirmado observando os números do IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) da escola. De acordo com esses dados, a escola em análise encontra-se em situação de alerta, visto que não atingiu sua meta. A instituição tem o desafio de crescer para atingir as metas planejadas, pois em 2013 obteve nota 4,7 e, em 2015, esse número caiu para 4,5, sendo que a meta da mesma era atingir a nota 5,0. No que se refere à aprendizagem dos alunos da referida escola, o IDEB mostrou que apenas 31% dos alunos aprenderam o adequado na competência de leitura e interpretação de textos até o 9º ano. (Fonte: Prova Brasil 2015, Inep).

A par desses dados, consideramos necessário realizar intervenções metodológicas visando melhorar a competência dos alunos nos eixos leitura e interpretação de textos nos anos finais do ensino fundamental. Para isso, idealizamos um projeto de pesquisa-ação buscando resultados satisfatórios referentes a leitura e interpretação e produção textual. Essa pesquisa serviu de material de pesquisa para a dissertação de mestrado do PROFLETRAS/UEMS/Campo Grande (Mestrado Profissional em Letras).

A referida pesquisa baseou-se nas propostas da pesquisa-ação, visto que este tipo de pesquisa busca a resolução de problemas de forma colaborativa. Dessa forma, promovemos a busca de resoluções de problemas referentes ao processo de aprendizagem da leitura e escrita por meio do texto literário e promovendo o diálogo com as tecnologias digitais. Assim, promoveu a discussão em relação à eficácia da leitura, em especial, do texto literário para a ampliação de conhecimentos, assim como a formação humana dos educandos.

O estudo do gênero textual miniconto durante a aplicação da pesquisa objetivou ampliar os conhecimentos ou levá-lo ao conhecimento dos educandos, visto que a maioria não conhecia o referido gênero. O miniconto, embora muito veiculado nas esferas digitais, ainda não é muito trabalhado no âmbito escolar, sendo até mesmo desconhecido por muitos educadores. Isso se deve ao fato de os livros didáticos não darem a devida atenção a este gênero nos manuais e pelo

fato de a maior parte dos professores desconhecerem o poder de expressão e o valor literário desse texto.

Dentre os poucos manuais que abordam o gênero miniconto como proposta de estudo em sala de aula destaca-se a coletânea de livros didáticos *Universo: língua portuguesa 7º ano*, utilizado como material de apoio na escola Estadual Luiz Frutuoso da Silva no ano de 2015. Foi por meio deste material didático que conheci, na minha prática pedagógica, o gênero literário miniconto, conhecimentos estes que foram aprofundados por meio de inúmeras pesquisas realizadas em sites sobre o assunto. Assim, esse material didático serviu de inspiração para a realização da presente pesquisa sobre o miniconto, pois foi uma das fontes utilizadas para a elaboração das atividades realizadas com os alunos durante a realização da presente pesquisa.

Na minha atuação em sala de aula pude observar que o formato pequeno do miniconto encanta e desperta a atenção dos alunos. Por outro lado, leva ao pensamento de que se trata de um texto que, ao invés de promover o gosto pela leitura, influencia os estudantes a apreciarem apenas textos curtos, o que prejudicaria o hábito da leitura. Por isso, nessa pesquisa o objetivo é mostrar que essa é uma visão contraditória, pois o miniconto é um texto que vai muito além da brevidade. Embora pequeno, possui alto poder de expressão e é eficaz para despertar o gosto pela leitura.

### **1.1 Pesquisa-ação: características e propostas**

Como já foi salientado, a pesquisa em discussão referenciou-se na linha da pesquisa-ação. As definições dessa pesquisa social estão presentes na obra *Metodologia da pesquisa-ação*, de Michael Thiollent (2011). Essa linha de pesquisa foi escolhida por contemplar as ações propostas pela presente pesquisa. Dessa forma, subsidiou as ações realizadas, já que sua principal característica é buscar, por meio de formas de ação coletiva, a resolução de problemas ou transformações, permitindo assim, ao pesquisado expor sua opinião e não apenas reproduzir ideais conforme desejado pelo pesquisador. De acordo como Thiollent,

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (2011, p.20)

No Brasil, a pesquisa-ação é aplicada em diversas áreas de atuação como educação, comunicação, organização, serviço social, difusão de tecnologia rural, entre outros. Este tipo de pesquisa ainda está em fase de discussão e ainda não é objeto de unanimidade entre cientistas sociais e profissionais das diversas áreas. Apesar disso, está ganhando grande audiência em vários meios sociais.

A pesquisa-ação ficou conhecida na América Latina e em outros países subdesenvolvidos pelo seu engajamento sociopolítico a serviço das causas das classes populares. Entretanto, a metodologia da referida pesquisa é igualmente discutida em outras áreas, com outros tipos de compromissos sociais e ideológicos, como em pesquisas sociotécnicas em vários países, principalmente do Norte da Europa. (THIOLLENT, 2011).

Por ser uma pesquisa que tem a participação como palavra-chave, a pesquisa-ação é muitas vezes definida como pesquisa participante. Porém, isto é uma questão de terminologia para qual não há unanimidade. Na pesquisa-ação, além da participação, envolve a forma de ação como caráter social, educacional e técnico, fatores nem sempre encontrados na pesquisa participante, mas que apresentam características comuns no que se refere à busca de alternativas como a pesquisa convencional. (THIOLLENT, 2011)

No que se refere aos seus objetivos a pesquisa-ação possui, resumidamente, os principais aspectos:

- a) Explícita interação entre pesquisadores e pessoas implicadas na situação investigada;
- b) Busca conhecer antes da ação, a prioridade dos problemas a serem pesquisados e das soluções a serem encaminhadas sob forma de ação concreta;
- c) Resolve, ou pelo menos esclarece os problemas da situação observada;
- d) Aumenta o conhecimento dos pesquisadores e o conhecimento ou o “nível de consciência” das pessoas e grupos considerados.

Embora seja aplicada em diversas áreas, muitos partidários da metodologia convencional ainda não dão valor de igualdade entre pesquisa convencional e pesquisa-ação. Isso ocorre devido ao fato de esses pesquisadores partidários da metodologia convencional verem nesta um grande perigo de rebaixamento do nível de exigência acadêmica. Alguns desses riscos é o abandono do ideal científico, manipulação política, etc. No entanto, o que esses partidários desconhecem é que esses riscos existem em outros tipos de pesquisa e podem ser superados se houver adequado embasamento metodológico. Imbuída da teoria, a pesquisa-ação pode desempenhar um papel relevante nos estudos e na aprendizagem dos pesquisadores e dos envolvidos na situação problemática. (THIOLLENT, 2011).

Comparando a pesquisa ação com outros tipos de pesquisa, esta apresenta algumas especificidades, como demonstra a tabela abaixo.

**Tabela 1 – As características da pesquisa-ação em comparação**

LINHA	PRÁTICA ROTINEIRA <sup>1</sup>	PESQUISA-AÇÃO	CIENTÍFICA
1	Habitual	Inovadora	Original/ financiada
2	Repetida	Contínua	Ocasional
3	Reativa contingência	Proativa/estratégica	Metodologicamente conduzida
4	Individual	Participativa	Colaborativa/colegiada
5	Naturalista	Intencionista	Experimental
6	Não questiona	Problematizada	Contratual
7	Base na experiência	Deliberada	Discutida
8	Não articulada	Documentada	Revisada pelos pares
9	Pragmática	Compreendida	Explicada/teorizada

<sup>1</sup> De acordo com TRIPP (2005, p.447-449), a prática rotineira difere-se da pesquisa-ação pois, ao contrário desta, “tende a ser a única responsabilidade do prático, e atualmente a maioria das pesquisas é realizada em equipe. [...] É naturalista na medida em que não é pesquisada, de modo que não há manipulação da situação, [...] normalmente não considera muito o exame de seus procedimentos, valores e eficácia, [...] e geralmente só é vivenciada pelos participantes [...]. Não há necessidade de explicação: contexto, processos e resultados da prática rotineira limitam-se aos do prático envolvido, enquanto a pesquisa científica visa a uma generalização mais ampla possível [...]. Assim, o conhecimento obtido na prática rotineira tende a permanecer com o prático individual”.

10	Específica no contexto	Objetiva	Generalizada
11	Privada	Disseminada	Publicada

FONTE: TRIPP,2005, p. 447-449.

Neste trabalho, foi dado enfoque na pesquisa-ação em educação, voltado ao ensino do componente curricular Língua Portuguesa. A pesquisa-ação na área da educação contribui para o planejamento de uma ação conjunta entre pesquisadores e membros das situações investigadas, no caso em questão, alunos, professora e metodologia de ensino.

Dessa forma, o ciclo da presente pesquisa foi realizado adotando os seguintes procedimentos, conforme mostra a tabela abaixo:

**Tabela 2: Representação do ciclo da pesquisa**

Sequência da ação	Ação realizada no campo da	
	Prática	Investigação
Planejamento	De uma mudança na prática	Da avaliação dos resultados
Implementação	De mudança na prática	Da produção de dados
Avaliação		a) Da mudança da prática e b) Do processo de investigação-ação

Fonte: TRIPP, 2005, p. 453.

Com essas ações, a proposta é a condução de uma pesquisa que não se limite a descrição ou a avaliação, mas, sobretudo, à produção de ideias que antecipem o real ou que delineiem um ideal. O conhecimento, nesse caso, é utilizado como contribuição para a transformação da situação. Assim, a orientação metodológica da pesquisa-ação contribui “para o esclarecimento das microssituações escolares e para a definição de objetivos de ação pedagógica e de transformações mais abrangentes”. (THIOLLENT, 2011, p.85).

Numa visão reconstrutiva, a pesquisa-ação em educação não pode ser concebida como transmissão ou aplicação de informação. Esse processo de investigação possui uma dimensão conscientizadora, ou seja, busca a tomada de consciência em relação às próprias situações investigadas, em particular entre os professores e na relação professores/ alunos. A pesquisa-ação permite que as ações sejam acompanhadas de planejamento, investigação e tomada de consciência que visam o questionamento no contexto das práticas educacionais. Dessa forma, os envolvidos podem avaliar suas práticas ou até mesmo, dependendo dos resultados, transformá-las.

Embora a pesquisa-ação busque a resolução de problemas, vale salientar, entretanto, que isso não a condiciona à resolução total dos problemas, pois a resolução pode acontecer completamente ou parcialmente. A observância dos resultados pode esclarecer ao pesquisador se o resultado foi ou não almejado. Em caso negativo, é imprescindível que o mesmo aprimore o plano de ação a partir das conclusões negativas obtidas. O esclarecimento dos resultados poderá evidenciar as falhas e, assim, o pesquisador poderá realizar o replanejamento das ações.

O planejamento de uma pesquisa-ação, ao contrário de outras pesquisas, não obedece a uma série de fases rigidamente ordenadas. É flexível e pode ser adaptada às circunstâncias e da dinâmica interna do grupo de pesquisadores. Geralmente, a ordem sequencial no tempo tem como ponto de partida a “fase exploratória” e, no final, a “divulgação dos resultados”.

Os temas intermediários da pesquisa podem ser a organização de um seminário, colocação de um problema, coleta de dados, mudar de tema, entre outros. Logo, na pesquisa-ação o importante é ter um ponto de partida e um ponto de chegada. No intervalo, cada pesquisador pode escolher uma multiplicidade de caminhos em função das circunstâncias.

A pesquisa-ação discutida neste trabalho foi constituída das seguintes fases:

**Tabela 3 – As fases e as ações realizadas na pesquisa-ação**

Fase da pesquisa	AÇÃO REALIZADA

EXPLORATÓRIA	Pesquisa sobre os índices do IDEB e sobre a realidade dos alunos
DIAGNÓSTICA	Dificuldades em interpretação, leitura e produção textual
ESCOLHA DO TEMA	O gênero literário miniconto
PROBLEMATIZAÇÃO	Ampliar as competências de leitura e escrita.
TEORIA	Spalding (2017) Candido (1995) <i>A estratégia da reprodutibilidade transformativa</i> , de Rodrigues (2014)
COLETA DE DADOS	Leitura e produção de textos verbais e não- verbais
APRENDIZAGEM FORMAL E INFORMAL	Enfoque na aprendizagem formal de textos escritos e digitais
PLANO DE AÇÃO	Leitura do texto literário, produção, reprodução e transformação dos textos lidos e produzidos.
DIVULGAÇÃO DOS RESULTADOS	Demais alunos da escola e comunidade escolar.

FONTE: SOUZA, 2017.

Assim, o desenvolvimento da pesquisa-ação na escola Estadual Luiz Frutuoso da Silva permitiu a conscientização acerca dos problemas referentes à aprendizagem dos alunos do 7º ano “A” e propiciou o planejamento de ações para que essa situação fosse investigada e discutida. É evidente que com essa intervenção a meta não era solucionar totalmente os problemas encontrados, mas pelo menos tomar consciência sobre eles e ampliar os conhecimentos dos pesquisados nos eixos leitura, interpretação e produção textual. Quanto ao pesquisador, no caso, a professora, foi possível observar as falhas e aprimorar as estratégias no processo de ensino/aprendizagem do texto literário os anos finais do ensino fundamental.

## CAPÍTULO 2 – O ENSINO DE LITERATURA NA ESCOLA

A literatura passou por transformações no decorrer dos tempos e, conseqüentemente, seu ensino apresentou peculiaridades em diversas épocas. Uma dessas transformações está no próprio conceito da palavra literatura. Esta ganhou diversas acepções e, no âmbito escolar, ainda há uma dificuldade em entender o real valor e as funções da mesma no ensino. Além disso, acentuou-se nos últimos anos a ideia de que a literatura está em decadência.

Tradicionalmente, a palavra literatura foi definida como a arte da imitação ou de representar a realidade por meio de palavras. Essa acepção foi apresentada por Aristóteles para tentar responder o que é literatura. A mimese ou imitação verossímil da natureza constitui, segundo a estética aristotélica e clássica, o fundamento de toda a arte. No entanto, ao longo dos séculos os conceitos foram mudando e, conseqüentemente, a resposta para o que é literatura também ganhou diversas acepções:

“Produção de discursos caracterizados por sua coerência interna e ausência de finalidade externa” – é a acepção que teve sua origem na estética de Kant e na teoria dos românticos alemães. “Expressão verbal de sentimentos” - é a acepção do romantismo vulgarizado. “Processo de comunicação que põe a ênfase na própria mensagem” – é a acepção do formalismo russo (Jakobson) e das vanguardas do século XX. (PERRONE-MOISÉS, 2016, p.8).

No século XX, essas acepções ainda continuaram sendo utilizadas, mas ainda geram muitas confusões na crítica literária e no ensino de literatura. As respostas para o que é literatura mudaram e já não poderíamos falar em um conceito para esta palavra, visto que “não existe um conceito de literatura, apenas acepções que variam de uma época a outra. [...] a palavra recobre uma grande variedade de práticas escritas. As acepções mudam porque os conceitos se transformam” (PERRONE-MOISÉS, 2016, p.8).

As mutações pelas quais passou a literatura evidenciou sua valorização em algumas épocas e, por outro lado, em outras, persistiu a ideia de que a instituição literária estaria prestes ao fim.

No Brasil, a partir dos anos 1970, foram promovidas discussões em relação à leitura e ao papel da literatura no ensino. Foi também a partir desse período que o livro passou a apresentar-se “como o receptáculo soberano e insofismável do texto, crença hoje descartada” (ZILBERMAN, 2009, p.13). Como resultados dessas discussões surgiram várias iniciativas e políticas públicas que contribuíram para a difusão e o fortalecimento da literatura brasileira, especialmente, a infantil e juvenil.

A literatura passou a receber grande valorização no espaço nacional por ser considerado um recurso para reduzir as dificuldades de leitura e expressão escrita. Por meio da literatura, a escola procurava aprimorar a aprendizagem do aluno, “pois era nela que se colocavam as esperanças de superação dos problemas experimentados na sala de aula”. (ZILBERMAN, 2009, p.13).

No fim do século XX, coincidindo com o fim do milênio, a globalização, o desenvolvimento cultural, desenvolveu-se a crença de que a literatura também estaria com fim anunciado. Esta passou até a ser considerado um produto pouco atrativo no mercado. Por esse motivo, segundo alguns estudiosos, “a profissão de professor de literatura é, hoje, pouco atraente” (PERRONE-MOISÉS, 2016, p.70).

Por outro lado, se considerarmos as práticas de leitura na atualidade, pode-se observar que no século XXI o advento tecnológico permitiu que as pessoas, principalmente, as crianças, adolescentes e jovens tivessem mais contato com a leitura nas esferas digitais. Apesar disso, o livro impresso continuou a estar presente na vida das pessoas. Por isso, é importante que a escola cumpra seu papel de incentivadora para que os leitores, especialmente o público infanto-juvenil, tenham mais contato com as obras literárias e não leiam apenas dentro do ambiente escolar.

Um dos meios de valorizar o texto literário na escola começa pela seleção dos textos. Nas atividades de leitura é importante contemplar tanto o cânone quanto a literatura contemporânea. O estudo ou a leitura da literatura canônica propicia o conhecimento da herança cultural, ou seja, “os clássicos servem para entender quem somos e aonde chegamos” (CALVINO, 2007, p. 16). Por isso, são imortais e devem ser lidos e relidos.

Já os textos contemporâneos são importantes quando o professor se apoia não na sua contemporaneidade, mas no seu cotidiano escolar. Nesse sentido, é importante que tais textos

sejam escolhidos não de acordo com a realidade dos alunos ou “em função de uma realidade que pode ser apenas um modismo, mas em função das qualidades literárias da obra, passada ou recente” (PERRONE-MOISÉS, 2016, p.81). Assim, o fato de não oferecer ao aluno apenas o que já consta no seu repertório é uma estratégia que leva ao conhecimento e amplia a proficiência linguística e literária dos educandos.

Nessa perspectiva, a seleção dos textos literários pelo professor não deve obedecer a critérios rígidos, mas faz parte da busca por um ensino que não aprecie apenas o velho ou só o novo, o complexo ou o simples. Ao ter consciência disso, o professor dará espaço para todas as modalidades de textos, pois “é assim que tem lugar na escola o novo e o velho, o trivial e o estético, o simples e o complexo e toda miríade de textos que faz da leitura literária uma atividade de prazer e conhecimento singulares”. (COSSON, 2006, p. 36).

Ao nos levar a conhecermos a nós mesmos e aos outros, a literatura cumpre o importante papel que é o de nos tornar mais sábios, críticos e, acima de tudo, mais humanos. Nesse sentido, cabe à escola propiciar seu ensino, pois “sendo o objeto da literatura a própria condição humana, aquele que a lê e a compreende se tornará não um especialista em análise literária, mas um conhecedor do ser humano”. (TODOROV, 1939, p.92-93)

A literatura faz parte das manifestações humanas em todos os tempos, visto que não é possível viver sem fabulação. Dessa forma, torna-se irrefutável à condição humana, pois “se ninguém consegue passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura [...] parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito”. (CANDIDO, 2011, p.177)

Em “O direito à literatura”, Candido defende que, sendo a literatura um direito de todos, conseqüentemente, não pode ser negado, pois negar ao homem o direito à literatura é negar-lhe o direito à fantasia, é negar-lhe o direito de sonhar.

Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. Em segundo lugar, a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual. Tanto num nível quanto no outro ela tem muito a ver com a luta pelos direitos humanos. (CANDIDO, 2004, p.186)

A escola e o professor são de suma importância como mediadores no processo de leitura. Ao proporcionar o contato constante e ininterrupto dos estudantes com o texto literário estará contribuindo para a formação de leitores que veem a literatura como uma fonte de prazer e humanização. A esse respeito, Candido salienta que:

Entendo aqui por humanização (...) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CANDIDO, 1995, p.249).

Além de contribuir para a humanização, formação do caráter do leitor, o texto literário é um recurso valioso para ampliar a capacidade expressiva e comunicativa dos alunos. O letramento literário propicia ao educando a ler melhor e utilizar essas leituras nas práticas sociais.

Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito da leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e, sobretudo, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem. (COSSON, 2006, p. 29).

A leitura do texto literário para favorecer o crescimento intelectual dos educandos e o desenvolvimento de competências é também uma das orientações propostas pelos PCNs. A leitura e produção de textos literários na escola possibilitam ao aluno, a utilizar seu conhecimento sobre a língua. Assim, é possível desenvolver a competência linguística definida pelos PCN como “os saberes que o falante/intérprete possui sobre a língua de sua comunidade e utiliza para a construção das expressões que compõem os seus textos” (BRASIL, 1998. p. 23).

Outra competência que pode ser desenvolvida por meio do trabalho com o texto literário é a estética, definida nos PCN como “a capacidade de o sujeito escolher, dentre recursos

expressivos da língua, os que mais convêm às condições de produção, à destinação, finalidades e objetivos do texto e ao gênero e suporte” (BRASIL, 1998. p. 23).

Nessa perspectiva, de acordo com o referido documento, quando o sujeito é capaz de utilizar a linguagem de várias maneiras, a fim de produzir diferentes efeitos de sentido e adequar os textos nas diferentes situações de interlocução, orais ou escritas, ele está desenvolvendo as competências linguística e estilística. Por isso, o texto literário deve estar sempre presente no cotidiano da sala de aula, para que essas habilidades sejam continuamente desenvolvidas.

É importante que o trabalho com o texto literário esteja incorporado às práticas cotidianas da sala de aula, visto tratar-se de uma forma específica de conhecimento. Essa variável de constituição da experiência humana possui propriedades compositivas que devem ser mostradas, discutidas e consideradas quando se trata de ler as diferentes manifestações colocadas sob a rubrica geral de texto literário. (BRASIL, 1998, p. 36-7)

A literatura vista como meio de ampliar conhecimentos, desenvolver habilidades, formar leitores críticos e mais humanos resgata a ideia de que a mesma não tem uma finalidade única e nem poderá ser conduzida apenas como instrumento pedagógico. Cabe a escola e ao professor desenvolver práticas que atribuam um valor essencial e eterno a instituição literária para que esta cumpra sua função. Assim, contribuiremos para que essa arte continue sendo indispensável na vida humana.

## **2.1 O texto literário nos anos finais do ensino fundamental**

O ensino de literatura nas aulas de Língua Portuguesa é permeado por metodologias que fazem com que sua função e utilidade parecem ser incompreendidas no contexto escolar. Embora nos anos finais a disciplina Literatura não faça parte do currículo escolar, na maioria dos casos, o contato dos educandos com o texto literário é promovido por meio do livro didático. Por outro lado, é muitas vezes utilizado como pretexto para o ensino de

gramática. Talvez por isso, a escola ou o professor tenha perdido, como mostra a pesquisa *Retratos da leitura no Brasil (2015)*<sup>2</sup>, a sua importância enquanto influenciador da leitura.

O uso do livro didático como fonte de ensino da literatura tornou-se uma tradição histórica para a formação de leitores. Uma das justificativas para o seu uso é a escassez de recursos que impedem os professores a mudarem suas práticas e a utilizarem novas metodologias. Assim, o livro faz parte da vida dos estudantes desde a alfabetização até a universidade. Como afirmam Lajolo & Zilberman tornou-se um recurso inevitável em sala de aula.

O livro didático interessa igualmente a uma história da leitura porque ele, talvez mais ostensivamente que outras formas escritas, forma o leitor. Pode não ser tão sedutor quanto às publicações destinadas à infância (livros e histórias em quadrinhos), mas sua influência é inevitável, sendo encontrado em todas as etapas da escolarização de um indivíduo; é cartilha quando da alfabetização; seleta quando da aprendizagem da tradição literária; manual quando do conhecimento das ciências ou da profissionalização adulta, na universidade. (Lajolo & Zilberman, 1996, p.121).

No entanto, muitos autores têm apresentado críticas em relação à fragilidade desse material, entre eles vale destacar, Lajolo (1996) e Soares (1996). A crítica ao livro didático centra-se na fragmentação e descontextualização dos textos literários ofertados. As leituras oferecidas pelo material citado, geralmente, visam unicamente à produção textual, ou seja, não há a exploração dos aspectos discursivos dos textos e não permitem que os alunos possam conhecer os gêneros textuais na sua totalidade e construir significados a partir de suas leituras.

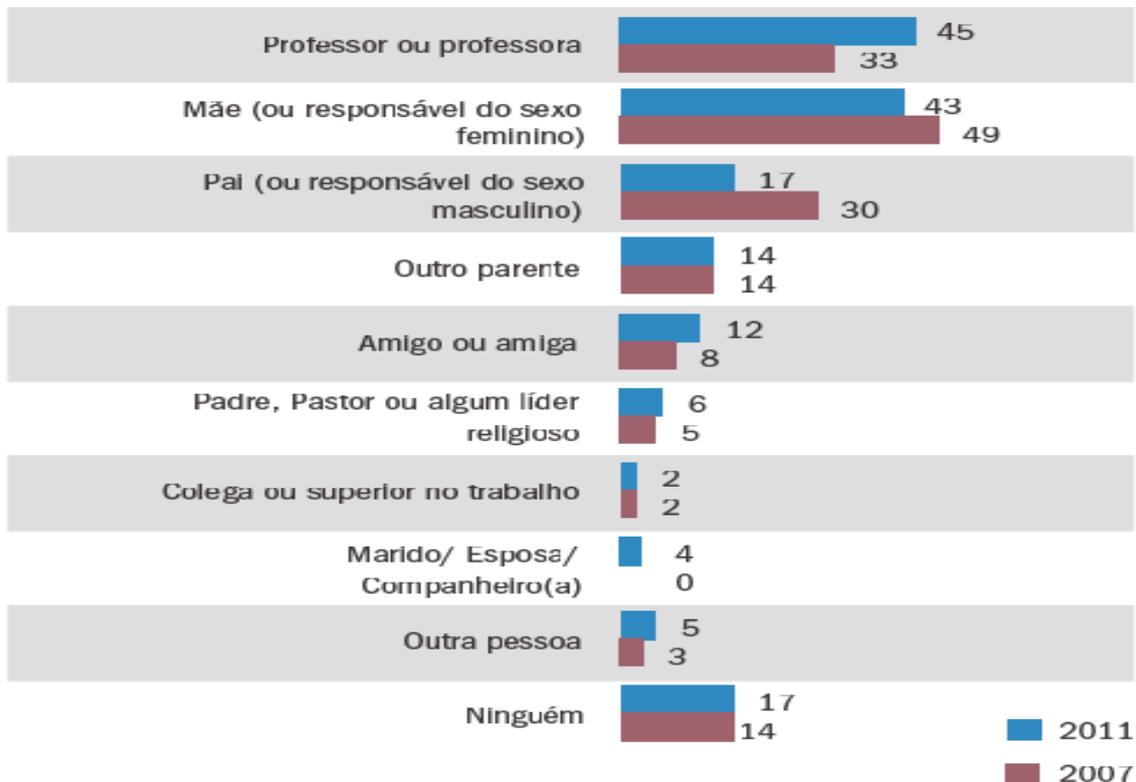
---

<sup>2</sup> Desde o seu lançamento, em 2001, a *Retratos da Leitura no Brasil* é a única pesquisa em âmbito nacional que tem por objetivo avaliar o comportamento leitor do brasileiro. Seus resultados são amplamente divulgados e ela se tornou referência quando se trata de índices e hábitos de leitura dos brasileiros. A partir de 2007, já na segunda edição, passou a ser realizada pelo Instituto Pró-Livro, adotando metodologia de padrão internacional (CERLALC/Unesco). A quarta edição foi aperfeiçoada com o objetivo de traçar um resultado ainda mais fidedigno do cenário da leitura no Brasil. A pesquisa ocorreu entre novembro e dezembro de 2015, com a inclusão de perguntas sobre leituras e leitores em meio digital, uso e percepção sobre as bibliotecas além de aperfeiçoamento em questões para conhecer o perfil e os hábitos de leitores e não leitores de livros e outros materiais. O aprimoramento do estudo considerou contribuições do Centro Regional para el Fomento del Libro em América Latina y el Caribe (CERLALC-UNESCO).

Logo, no livro didático “as atividades propostas não levam os alunos a se apropriarem de suas características principais para se tornarem leitores mais proficientes desses gêneros ou para produzi-los com propriedade” (LOPES-ROSSI, p.82).

Apesar das deficiências apresentadas nos livros didáticos, este ainda é um dos aportes quase único para o desenvolvimento das aulas e para promover o encontro entre aluno e o texto literário. É na escola que a maioria dos estudantes têm contato com a leitura literária e, provavelmente, esse seja um dos fatores que levaram a escola ou o professor a perderem o espaço de influenciadores da leitura, se compararmos os dados apontados pela pesquisa *Retratos da leitura no Brasil* realizadas em 2011 e 2015. Em 2011, o professor era o maior influenciador da leitura na vida dos estudantes, como mostra a figura abaixo:

**Figura 1 - Quem mais influenciou o hábito de leitura: por perfil leitor X não leitor**



Base: Leitor que gosta de ler 2007/ 2011 (77,2 milhões)

FONTE: *Retratos da leitura no Brasil*, 2011, p. 297.

Já na 4ª edição da mesma pesquisa realizada em 2015 essa situação mudou: a pesquisa revelou que apenas um terço dos brasileiros tiveram influência de alguém na formação do seu gosto pela leitura. Assim, de acordo com a pesquisa, a mãe ou responsável do sexo feminino passou a ser o principal influenciador da leitura e o professor ocupa o segundo lugar, como mostra a figura abaixo.

**Figura 2 - Quem mais influenciou o hábito de leitura: por perfil leitor X não leitor**



FONTE: *Retratos da leitura no Brasil*, 2015, p. 76.

**Figura 3 - Pessoas que influenciaram o gosto pela leitura: por Escolaridade**

2015	TOTAL	ESCOLARIDADE				
		Não alfabetizado	Fundamental I (1º a 4º série ou 1º ao 5º ano)	Fundamental II (5º a 8º série ou 6º ao 9º ano)	Ensino Médio (1º ao 3º ano)	Superior
Base: Amostra	5012	433	1179	1231	1521	649
Mãe ou responsável do sexo feminino	11	5	10	12	10	13
Algum professor ou professora	7	2	6	7	9	8
Pai ou responsável do sexo masculino	4	1	3	4	5	8
Algum outro parente	4	2	4	5	4	5
Outra pessoa	4	2	2	4	5	6
Marido, esposa ou companheiro(a)	1	0	0	1	1	1
Padre, pastor ou algum líder religioso	1	0	2	1	1	1
Não / Ninguém em especial	67	86	71	66	65	56

FONTE: *Retratos da leitura no Brasil*, 2015, p. 77.

A queda da influência do professor ou da escola como incentivadores da leitura observada na pesquisa de 2015 poderia ser justificada, entre outros motivos, pela falta de inovações pedagógicas para promover diferentes letramentos, entre eles, o literário. Como foi já foi ressaltado, o ensino de literatura nas escolas está centralizado no livro didático como recurso para a leitura literária em sala de aula. Assim, o contato com textos caracterizados por serem fragmentados, distantes da realidade dos educandos, não adequados à faixa etária, poderia ser apontado como um fator que está diminuindo a força da escola como influenciadora da leitura.

Outro fator que poderia ser apontado como sendo um dos motivos para que a escola tenha perdido o seu espaço como influenciadora da leitura na vida dos brasileiros é a diminuição da oferta de disciplinas, principalmente a Literatura, que vem perdendo cada vez mais espaço no currículo escolar. Com a nova Reforma do Ensino Médio proposta pelo governo federal, a Literatura poderá não ser uma disciplina obrigatória e, provavelmente, isso implicará na redução do estudo da mesma na escola pública. Sendo assim, a tendência é que a Literatura se distancie cada vez mais da vida dos estudantes e, conseqüentemente, haja a diminuição da importância do professor enquanto influenciador da leitura.

A situação retratada aqui exige que a escola reaja e busque alternativas criativas para que a Literatura continue sendo uma aliada da produção de conhecimentos. Nessa perspectiva, a presente pesquisa seria uma iniciativa para essa busca de reação para que a literatura ganhe espaço na escola Estadual Luiz Frutuoso da Silva para a produção de conhecimentos.

Os dados mostrados na pesquisa de 2015 alertam sobre a necessidade de se realizar novas pesquisas para se entender os motivos que levaram os entrevistados a não citarem o professor como a pessoa que mais influenciou o hábito da leitura em nosso país. Por isso, ao apresentar esses dados, este trabalho visa contribuir para que essa situação seja discutida e esses dados sejam considerados preocupantes pelos pesquisadores e educadores em geral.

As pesquisas apresentadas neste trabalho reafirmam a responsabilidade da escola e do professor para buscar estratégias e metodologias para que a leitura literária em sala de aula com a mediação do professor não seja negligenciada, mas seja um trabalho diário para o desenvolvimento de habilidades, como orienta os PCN's (1998). A substituição dos textos fragmentados do livro didático por obras que possibilitam aos estudantes o conhecimento dos textos literários na íntegra e explorando todos os seus aspectos é uma forma de levar a escola a aumentar sua influência como despertadora do hábito da leitura nos estudantes para que ela não continue se distanciando desse processo, pois como salientam os PCN's (1998), "uma prática de leitura que não desperte e cultive o desejo de ler não é uma prática pedagógica eficiente." (BRASIL, 1998, p. 17).

Vale ressaltar que, o desenvolvimento do hábito da leitura requer ações não só da escola, mas também dos governantes para o desenvolvimento de políticas públicas de incentivo ao livro, a leitura e a formação de professores, pois como foi abordado na pesquisa de 2011,

(...). Sem dúvida, o investimento na formação do professor-leitor e o desenvolvimento de sua habilidade como mediador de leitura, além do investimento em acervos com obras de ficção ou de consulta dirigidas ao professor, estão surgindo como uma das mais importantes ações a serem implementadas pelos governos, devendo estar presentes na pauta das agendas e nas políticas públicas (RETRATOS DA LEITURA 3, 2011, p.43).

As pesquisas apresentadas neste trabalho mostram a importância de se ter o texto como ponto de partida no processo de ensino aprendizagem e para o desenvolvimento de ações de estímulo a leitura. Nessa perspectiva, reafirmam a importância de a escola considerar o professor como principal agente na mediação da leitura e na formação de leitores. Por outro lado, os dados devem servir para conscientizar da relevância do docente ser um professor-leitor para estimular seus alunos a leitura.

Um dos meios de inserir o texto literário no cotidiano escolar é o trabalho com os gêneros literários. Neste trabalho, escolhemos o gênero literário miniconto para o ensino de literatura com os alunos do 7º A. Para que os alunos compreendessem melhor este gênero, trabalhamos inicialmente com eles o gênero conto, visto que ambos os gêneros possuem características em comum. Por isso, no próximo capítulo, dedicamos ao estudo do conto para, a seguir, dedicarmos ao nosso objeto de estudo: o miniconto.

### CAPÍTULO 3 - O CONTO E O MINICONTO: CONCISÃO AO NARRAR

Para estudar o gênero miniconto é imprescindível que se conheça as peculiaridades do gênero conto, pois o miniconto preserva algumas características daquele gênero. Por isso, será realizada aqui, uma breve abordagem sobre o conto tradicional, para então chegar à brevidade da minificção.

Na obra *Teoria do conto*, Gotlib (2006) apresenta a evolução do gênero conto, baseando-se na premissa de que esse gênero nasceu das experiências de oralidade humana. Por outro lado, admite que seja muito difícil dar uma definição precisa ao mesmo, pois “tratar da teoria do conto é aceitar uma luta em que a força da teoria pode aniquilar a própria vida do conto”. (GOTLIB, 2006, p.10).

A autora apresenta três acepções que Julio Casares, no seu estudo sobre Poe, expõe para a palavra conto: “1. Relato de um acontecimento; 2. Narração oral ou escrita de um acontecimento falso; 3. Fábula que se conta às crianças para diverti-las”. (GOTLIB, 2006, p.13).

Cortázar, ao abordar sobre esse gênero, acrescenta que “um conto, em última análise, se move nesse plano do homem onde a vida e a expressão escrita dessa vida travam uma batalha fraternal (...); e o resultado dessa batalha é o próprio conto” (CORTÁZAR, 1993, p.150).

Nesse sentido, podemos dizer que, assim como outras formas literárias em prosa, o conto tem, como objetivo principal, narrar determinado acontecimento. Vale ressaltar que, embora esse gênero tenha surgido com o objetivo de narrar uma história oral e depois passou a registrá-las na escrita, ao contar um fato, o conto “não se refere só ao acontecido” (GOTLIB, 2006, p.14). Logo, não tem a obrigação com a verdade ou a realidade, pois seu objetivo não é documentar, o que enfraqueceria seu valor literário.

Caracterizada como uma narrativa breve, o conto busca o máximo de expressão dentro de uma narrativa em que a economia dos meios narrativos é o essencial para obter domínio sobre o leitor. Assim, trata-se de uma narrativa que, centrada em um único conflito, visa “conseguir, com o mínimo de meios, o máximo de efeitos. E tudo que não estiver

diretamente relacionado com o efeito, para conquistar o interesse do leitor, deve ser suprimido” (GOTLIB, 2006, p.13).

Ricardo Piglia (2004), em suas considerações sobre o conto, nos apresenta duas teses sobre este gênero. Na primeira, o autor salienta que “um conto sempre conta duas histórias” (PIGLIA, 2014, p.40). Nesse sentido, o autor considera que o conto sempre traz uma história oculta – subentendida, referida indiretamente ou simplesmente construída com o não dito – acompanhando a história visível. A cada história corresponde um sistema de causalidade (diferente). As partes indispensáveis do conto interferem em ambas as histórias e são utilizados de forma diferente em cada uma.

Cada uma das duas histórias é contada de modo distinto. Trabalhar com duas histórias quer dizer trabalhar com dois sistemas diferentes de causalidade. Os mesmos acontecimentos entram simultaneamente em duas lógicas narrativas antagônicas. Os elementos essenciais de um conto têm dupla função e são empregados de maneira diferente em cada uma das duas histórias. Os pontos de interseção são o fundamento da construção. (PIGLIA, 2004, p.40)

Em relação à forma clássica do conto, o mesmo autor salienta que, em sua forma clássica, o conto produz o efeito surpresa, quando é revelado o final da história oculta. Tal desenlace convida a uma nova leitura, focalizada na observação da segunda narrativa, a qual esteve todo tempo implícita. Algo semelhante acontece nos romances policiais ou no gênero suspense.

Já na sua segunda tese sobre o conto, Piglia (2004) explica que, a versão moderna do conto, descarta o final surpresa, relata duas histórias como se fossem uma e trabalha a tensão entre elas, sem nunca solucioná-la. As múltiplas possibilidades de um final são encarregadas de dar sentido a esta forma narrativa. Para além do desfecho escolhido pelo escritor, o interessante é que o leitor deve desdobrar-se para resolver a história.

A versão moderna do conto, que vem de Tchekhov, Katherine Mansfield, Sherwood Anderson e do Joyce de Dublinenses, abandona o final surpreendente e a estrutura fechada; trabalha a tensão entre as duas histórias sem nunca resolvê-la. A história secreta é contada de um modo cada vez mais elusivo. O conto clássico à Poe contava uma história anunciando que havia

outra; o conto moderno conta duas histórias como se fossem uma só. A teoria do iceberg de Hemingway é a primeira síntese desse processo de transformação: o mais importante nunca se conta. A história é construída com o não-dito, com o subentendido e a alusão. (PIGLIA, 2004, p.41)

Ao deixar elementos subentendidos na história narrada, o conto moderno busca envolver o leitor na história. A condensação dos elementos da narrativa, como o tempo e o espaço, contribui para que o conto consiga causar, dentro de um pequeno espaço, o efeito esperado no leitor. Dessa forma, “o conto parte da noção de limite, e, em primeiro lugar, de limite físico, de tal modo que, na França, quando um conto ultrapassa as vinte páginas, toma já o nome de nouvelle, gênero a cavaleiro entre o conto e o romance propriamente dito.” (CORTÁZAR, 1993, p.151).

A economia dos meios narrativos fez com que os leitores, principalmente, dos grandes centros, que têm uma vida afetada pela falta de tempo, se identificassem com o conto. Por isso, no século XIX, com a industrialização, a imprensa escrita passou a dar espaço ao gênero e este se popularizou no Brasil devido à necessidade de os jornais transmitirem informações sintéticas.

A grande propagação do gênero resultou em uma narrativa de grande expressão. No entanto, a influência do capitalismo, da industrialização, da imprensa escrita, da tecnologia causou a degradação técnica do conto. Isso gerou estereótipos de contos o que afetou a identidade desse gênero. Assim, o conto passou “a ser arte padronizada, impessoal, uniformizada, de produção veloz e barata. Tais preocupações provocam, por sua vez, um movimento de diferenciação entre o conto comercial e o conto literário”. (GOTLIB, 2006, p.60)

Por outro lado, mesmo com essas adversidades, o conto continua vivo no decorrer do tempo. O que ocorreu, na verdade, foi a renovação das formas, a busca por uma linguagem menos rebuscada, a renovação dos meios de expressão para se adequar ao leitor. A sua evolução demonstra os modos de se contar uma história em uma determinada época. Assim, essa narrativa breve consegue captar momentos e isso é o que faz o conto permanecer vivo desde sua forma oral até a era da comunicação breve, resultante do advento tecnológico.

### **3.1 – O miniconto: uma forma breve na literatura brasileira**

Baseando-se na premissa de Luiz Antônio Marcuschi de que “[...] o gênero é essencialmente flexível e variável, tal como o seu componente crucial, a linguagem. Pois, assim como a língua varia, também os gêneros variam, adaptam-se, renovam-se e multiplicam-se” (MARCUSCHI, 2005, p. 18), o miniconto demonstra o surgimento dos gêneros no decorrer do tempo para acompanhar as transformações das situações de comunicação.

Antes de se estudar o gênero miniconto, abordaremos a literatura minificcional, visto que é importante compreender o que as matrizes teóricas compreendem por textos mínimos. De acordo com Miguel Heitor Braga Vieira,

Em cotejo terminológico, a vertente americana, de modo geral, entende a literatura mínima por meio dos seguintes termos: microfiction, flash~sudden fiction, short short story e very short story. No mundo hispânico, minicuento, micro-relato, ficción mínima e minificción são os mais frequentes. Já em língua portuguesa, temos em minificção, microficcção, microconto, micronarrativa e, sobretudo, miniconto a terminologia mais presente. Entretanto, a existência de muitos outros termos nas três línguas é bastante vasta. (2012, p.18)

Na literatura brasileira, segundo Vieira (2012), pelo fato de não ser uma tradição o estudo teórico dessa vertente, é muito difícil situar as origens dessas nomenclaturas. O que se sabe é que o termo “miniconto” foi usado pela primeira vez por Temístocles Linhares em *22 diálogos sobre o conto*, de 1973, ao tratar das obras *A mal amada* (1970) e *o Tempo, Camila* (1971), de Elias José. Já o termo “microconto” foi amplamente divulgado após a publicação da antologia *Os cem menores contos brasileiros do século* (2004), organizada por Marcelino Freire.

Nas formas mínimas os elementos vocabulares oscilam entre “ficção” e “conto”. Os prefixos se alternam entre mini-, micro-, nano- e ultra-. O que os diferencia é a carga semântica entre eles. Na minificcção “o prefixo *mini-* dá conta, portanto, das exigências de brevidade, indo de uma produção unifrásica [...] até aquelas que não ultrapassem uma página. Essas observações dirigem-se à prefixação adotada, indicam o caráter de maior ou menor brevidade” (VIEIRA, 2012, p. 20).

Tatiana da Silva Capaverde (2004), enumera quatro características principais do miniconto – além da brevidade: 1) Preocupação pela linguagem; 2) Busca pela universalidade; 3) Sentido do humor e 4) Rebeldia e Originalidade. Além disso, diferencia microtexto de miniconto, ressaltando que “microtextos são todas aquelas formas escritas que possuem como característica principal a brevidade, sem que leve em consideração a temática ou o estilo narrativo” (p.31). Ainda de acordo com a mesma autora, “quando se fala em miniconto, está se fazendo uma referência a um microtexto, porém, acrescido de um conjunto ímpar de características que congregam aos traços distintivos do conto” (p. 31)

O miniconto poderia ser conceituado, nessa perspectiva, como um pequeno conto, porém, mais breve que o microconto. Dessa forma, há um consenso entre os escritores e pesquisadores da literatura de que minicontos “são prosas curtíssimas que se valem de poucas palavras, caracteres, toques” (CAMPOS, 2011, p. 303).

O miniconto floresceu no México na escrita de diversos autores, dentre os quais podemos destacar: Juan José Arreola (1918-2001), Julio Torri (1889-1970) e Augusto Monterroso (1921-2003). Assim, são autores que contribuíram muito para que o gênero fosse divulgado e apreciado, como é o caso do famoso miniconto *O dinossauro* (1959), que até o presente momento é o miniconto mais divulgado e apreciado internacionalmente (GONZAGA, 2007).

Na contemporaneidade, a popularização do miniconto se deu devido a sua estrutura pequena, o que facilita sua divulgação. Com as tecnologias digitais, o miniconto ganhou o gosto do público e passou a ser divulgado.

Na contemporaneidade, com as tecnologias digitais, esse gênero tomou novo fôlego, sendo amplamente publicado em blogs, celulares, twitter, dentre outras ferramentas. Esse fôlego foi renovado devido à fluidez e à rapidez com que as informações são divulgadas por meios tecnológicos digitais que exigem outras formas de leituras, outros gêneros de textos e outros letramentos. (ROJO, 2012, p.80).

No entanto, embora seja atualmente muito veiculado na esfera digital, o miniconto não é novidade na literatura. Desenvolvido a partir dos anos 60, caracteriza-se como

uma narrativa que economiza recursos para obter o máximo de expressão e impactar o leitor. Como afirma Paulino,

Embora o conto nos pareça uma narrativa concisa, restrita aos elementos essenciais, desenvolveu-se, a partir dos anos 60, um tipo de narrativa que tenta a economia máxima de recursos para obter também o máximo de expressividade, o que resulta num impacto instantâneo sobre o leitor. Trata-se do chamado miniconto. Seu efeito de recepção é muito forte exatamente por sua condensação. O discurso direto, tão frequente no conto, é muitas vezes dispensado em nome de um ritmo de narração quase alucinante. Isso o transforma numa metáfora da velocidade com que circulam os seres, as mensagens, os objetos, os textos nas sociedades contemporâneas. (PAULINO, 2001, p. 137-8)

Desde a década de 1960, a minificção esteve presente na literatura, principalmente na brasileira. No Brasil, o início da produção de minificção, em especial, a de minicontos, ainda causa especulação. O professor Karl Erik lembra que “difícilmente encontramos mini-relatos entre os clássicos modernos como Machado de Assis e Lima Barreto, ainda que a rica tradição de crônicas que eles inauguram contém traços estilísticos que posteriormente aparecem nas mini-ficções contemporâneas” (2004, p. 153).

Embora seja difícil encontrar mini-relatos entre os clássicos modernos, o conto “Um Apólogo”, de Machado de Assis, é frequentemente apontado como um dos precursores do miniconto no Brasil. O conto foi publicado em *Várias Histórias*, de 1904, e narra, com apenas 650 palavras, a fábula de uma agulha e uma linha. Além disso, na obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881) do mesmo autor podemos encontrar alguns capítulos de um parágrafo ou uma página.

Já no primeiro romance de sua chamada segunda fase, Machado deixa emergir para a própria narrativa sua preocupação com a concisão. [...] Assim, não surpreende que em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* se encontrem tantos capítulos de um parágrafo ou uma página, como “Uma reflexão imoral” (XVI), “Virgília” (XXII), “A pêndula” (LVI), “O senão do livro” (LXXI), “O jantar” (XCIII), “Flores de Antanho” (XCV), “De repouso” (CII), “Epitáfio” (CXXV), “Na câmara” (CXXVIII), o unifrásico “Inutilidade” (CXXVI), os seguintes “Não vou” (CXLIII), “Utilidade relativa” (CXLIV) e “Simples repetição” (CXLV) e o derradeiro e célebre “Das negativas” (CLX) (SPALDING, 2008, p. 30).

Em 1883, o autor Raul Pompéia publicou pequenos textos no Jornal do Comércio e prosseguiu escrevendo-os e publicando-os nos anos seguintes em diversos jornais. A obra que contém o conjunto desses textos foi conhecida, postumamente, em 1900, intitulado-se *Canções sem metro*. Dessa forma, o escritor também pode ser citado como um dos que participaram das origens da prosa minificcional brasileira.

“O miniaturismo, em Pompéia, aparece com a publicação em jornais das canções microscópicas, às quais deu o nome final de Canções sem metro. Nesses textos, a narrativa se reduz ao mínimo, sendo fragmentada a partir de uma perspectiva psicológica e não espacial”. (ARAÚJO, 2006, p. 60)

Já Márcio Almeida (2010) na obra *A minificação do Brasil: em defesa dos frascos & dos comprimidos* acredita que o escritor Elias José deveria ser considerado o pioneiro do gênero no nosso país. Segundo o autor,

É injustificável até por todos os argumentos mais bizarros que intentem como prova em contrário, a omissão do pioneirismo de Elias José e dos autores de Guaxupé que, também de modo inédito, através do jornal “O Coruja”, da revista “Mensagem”, dos “Cadernos 20” e da revista “Poleiro de urus”, criaram e disseminaram, a partir do final dos anos 60, o miniconto, dando início de modo mais orgânico à minificação no país. Esta afirmação é irrefutável (ALMEIDA, 2010, p. 113).

Na década de 1930, com o advento do Modernismo no Brasil, alguns autores desse período construíram narrativas que prezam a condensação. Isso se deve à influência das ideias do futurismo italiano que, tem, como principal característica, o culto à velocidade. Um dos escritores mais influenciados por esse movimento de vanguarda foi Oswald de Andrade. De acordo, com Spalding, “os estudiosos têm sido unânimes em apontar a influência do futurismo italiano na obra de Oswald desde que ele conheceu em Paris as ideias de Marinetti, ideias que celebram a modernidade, a comunicação, a guerra e, sobretudo, a velocidade” (SPALDING, 2008, p.67). Assim, Oswald construiu obras que evidenciam o novo, a velocidade, o repúdio contra o velho e o conhecido. Na obra *Memórias Sentimentais de João Miramar* pode-se encontrar um capítulo que se resume em uma única frase:

Natal

Minha sogra ficou avó. (ANDRADE, 1991, p. 70)

Esse capítulo unifrásico, que evidencia a presença da velocidade e concisão na literatura modernista poderia “ser considerado o menor conto do século XX ou a mais antiga minificção do século XX, ainda que não tenha sido escrito com esta intenção”. (SPALDING, p.68).

É importante ressaltar que, apesar de encontrarmos vestígios ou características da minificção nas obras dos escritores modernistas citados, não é a intenção aqui, afirmar que a poesia e prosa desses autores sejam miniconto em sentido estrito. Nesse sentido, concordamos com Vieira “que as experiências destes autores possam ter sido constituídas criativamente na produção literária de autores contemporâneos de minificção” (VIEIRA, 2015, p.70).

O miniconto brasileiro contemporâneo dialoga com a literatura do primeiro modernismo, pois assim como aqueles, os escritores de minicontos procuram em suas obras dizer o máximo com o mínimo, usando, para isso, a narrativa curta como parâmetro. Como afirma Vieira,

Uma hipótese de trabalho suplementar é, pois, que o miniconto contemporâneo brasileiro se comunica abertamente com conquistas modernistas no âmbito da linguagem liberada, cotidiana e com densidade poética no trivial. Principalmente autores como Oswald de Andrade, Manuel Bandeira e Murilo Mendes em um primeiro momento, e Carlos Drummond de Andrade, Mário Quintana e José Paulo Paes, em momentos posteriores, têm seus olhares marcados como grandes parâmetros para a literatura mínima. (VIEIRA, 2015, p.69)

Embora alguns modernistas tivessem o intuito de construir obras permeadas pela concisão, de acordo com Pedro Gonzaga, o gênero miniconto ganhou repercussão no Brasil em 1994, com o lançamento da obra *Ah, é?* de Dalton Trevisan. Esta obra é considerada por muitos estudiosos como o marco zero do gênero no país. Em relação à obra, Gonzaga afirma que, a mesma representou uma grande novidade para a literatura no Brasil, pois

nenhuma outra criação até aquele momento havia se inserido de forma tão clara dentro do que na América Latina se tinha como gênero consolidado há mais de duas décadas, e um gênero que apresenta como aspecto central o miniconto, das formas de minificação a mais impressionante pelo seu poder de conter narração e outros recursos literários em tão pouco espaço (GONZAGA, 2007, p. 74).

Nessa perspectiva, concordamos com as conclusões de Spalding quando ele afirma que, “sendo ou não a obra de Trevisan pioneira do miniconto à Monterroso no Brasil, o fato é que a partir de *Ah, é?* operou-se uma espécie de reinvenção do gênero na nossa literatura” (SPALDING, 2008, p. 49).

A partir da publicação de *Ah, é?* em 1994, o miniconto brasileiro contemporâneo conheceu novos autores que impulsionaram a produção e divulgação do gênero em nosso país. Em 1998, Pólita Gonçalves publica a obra *Pérolas do Decote*, onde escreveu minicontos cheios de poesia e de violência, e João Gilberto Noll começa a publicar pequenas narrativas na Folha de S. Paulo sob o título de “Relâmpagos”. Dois anos depois, a reunião desses minicontos deu origem à obra *Mínimos, múltiplos, comuns*, ganhadora do Prêmio Academia Brasileira de Letras em 2004.

Em 1999, Luiz Arraes iniciou a publicação de seus contos em miniatura. Na obra *Anotações para um livro de baixo-ajuda*, o autor publicou microcontos e contos unifrásicos (a obra divide-se em duas partes, a primeira com 12 microcontos e a segunda com 14 variações de “O Dinossauro”).

No ano 2001, Herculano Lopes lança *Coração aos Pulos*, alternando contos de várias páginas com minicontos de um parágrafo; Fernando Bonassi publica *Passaporte*, reunião de “micronarrativas de viagem”; e Luiz Rufatto surpreende com *Eles eram muitos cavalos*, onde narra 70 histórias por ele chamadas de “flashes” da cidade de São Paulo.

A partir de 2001, as narrativas minificcionais ficaram cada vez mais concisas, até que em 2004 Marcelino Freire organizou a antologia *Os Cem Menores Contos Brasileiros do Século*, sob inspiração da antologia de Moriconi <sup>3</sup>– ou como paródia desta. A proposta do

---

<sup>3</sup> Nesta antologia, o professor Ítalo Moriconi apresenta os cem melhores textos do gênero produzidos no Brasil ao longo do século 20. Seguindo rígidos critérios acadêmicos e pautado somente pela qualidade e pelo sabor dessas

organizador era publicar cem histórias inéditas com até cinquenta letras, sem contar o título. A obra contém textos de autores convidados por Freire como: Millôr Fernandes, Moacyr Scliar, Manoel de Barros e Dalton Trevisan. O esqueleto do livro, porém, é formado pelos nomes da chamada “Geração 90”<sup>4</sup>, como Luiz Ruffato, André Sant’Anna, Fernando Bonassi, Marcelo Mirisola, Marçal Aquino, Ronaldo Bressane e Joca Reiners Terron.

Em 2006, o gaúcho Leonardo Brasiliense publicaria *Adeus contos de fadas*, obra composta por minicontos juvenis. Além de Leonardo Brasiliense, outros escritores de minicontos da literatura brasileira contemporânea continuam produzindo obras de minicontos. Entre os escritores de minicontos no Brasil vale destacar a escritora Ana Mello, que escreveu as obras *Contos comprimidos* (2008) e *Minicontando* (2009).

Após realizarmos este breve estudo sobre a origem do miniconto na literatura brasileira, vimos que, de acordo com alguns autores, sua origem no Brasil ainda causa especulação. Por outro lado, observamos que o número de obras dedicadas ao gênero está cada vez maior, demonstrando a rapidez com que ele está se desenvolvendo em nosso país. Assim, ao longo do tempo, o miniconto se firmou como gênero, possui características próprias, porém algumas são comuns ao conto, como a narratividade e a concisão. Por isso, baseados no que afirma Gonzaga (2007), consideramos como miniconto “a minificação que mantiver os principais elementos da forma conto de alguma maneira preservados, como narrador, unidade espaço-temporal, personagens, trama, etc” (p.14).

A narratividade e a concisão são essenciais para que um texto se caracterize como um miniconto. No entanto, há outros aspectos fundamentais para a construção desse texto como a exatidão, o efeito, a abertura e final surpreendente.

---

pequenas obras-primas, esta coletânea faz um passeio pela mais deliciosa e contundente ficção curta produzida no Brasil entre 1900 e o fim dos anos 90. Uma antologia capaz de traduzir as mudanças do país e as inquietações de várias gerações de brasileiros, em cem anos de produção literária. Para ilustrar esse instigante e rico panorama, Moriconi destacou autores como João do Rio, Clarice Lispector, Lima Barreto, Graciliano Ramos, Carlos Drummond de Andrade, Rubem Fonseca, Fernando Sabino, Dalton Trevisan, Moacyr Scliar, Lygia Fagundes Telles, Luiz Fernando Veríssimo, entre outros.

<sup>4</sup> O título de “Geração 90” foi criado pelo escritor Nelson de Oliveira e designa um grupo, preferencialmente de homens paulistas, todos de uma mesma orientação literária, que surgiu com o objetivo de dar voz aos autores que não tinham conquistado visibilidade. Tomados pela onda tecnológica, esses novos escritores trocaram o papel pelo computador. Os textos destes autores foram compilados por Nelson de Oliveira no livro *Geração 90: Manuscritos de Computador* (2001).

Assim como o conto, o objetivo maior do miniconto é narrar uma história breve. Desse modo, o objetivo é que, dentro de uma narrativa condensada, estejam presentes os elementos da narrativa tradicional. Devido a essa condensação, às vezes, o miniconto é confundido com outros gêneros breves como o haicai e o poema em prosa. Assim, para evitar essa confusão é preciso a compreensão de que o que diferencia o miniconto do haicai ou do poema em prosa é a narratividade, pois esses nem sempre são narrativos (SPALDING, 2008).

Ainda de acordo com Spalding (2008), a concisão constitui-se, no miniconto, a máxima economia de recursos narrativos propagada no gênero conto, sem deixar de lado a capacidade de expressão. Essa concisão resulta na exatidão das palavras que, poucas e bem escolhidas, causam um efeito no leitor, seja de reflexão, medo, espanto, etc.

A abertura no miniconto promove a interação entre o leitor e o texto. Cabe ao leitor, a tarefa de preencher os vazios deixados pelo texto. Nesse sentido, “lança luz sobre o que está escrito, contido materialmente pelo texto. A abertura recompõe o mundo a partir de um instante, para além das fronteiras do texto” (GONZAGA, 2007, p.25).

No miniconto, para que a abertura não prejudique o efeito desejado, a escolha do vocabulário é muito importante. Além disso, o leitor torna-se fundamental para o sucesso da narrativa, pois com esse procedimento o autor dá-lhe grande importância na narrativa “exigindo dele uma maior atenção, compreensão, transformando-o em verdadeiro protagonista do ato criador: mais do que preencher vazios, ele é chamado a compor os índices, informantes e catálises, fundamentais para o clima da narrativa” (SPALDING, 2008, p.62).

A economia de recursos narrativos no miniconto deve estar agregada à escolha de um vocabulário que contribua para a construção do sentido do texto deve estar aliada a um final surpreendente que cause impacto no leitor e provoque a reflexão. Dessa forma, o miniconto configura-se, assim como o conto, em um gênero literário de grande capacidade de expressão e um valioso recurso para o ensino da literatura. Assim, a escolha deste gênero foi fundamental para desenvolvermos com sucesso a nossa Proposta interventiva, descrita no próximo capítulo.

## CAPÍTULO 4 – PROPOSTA INTERVENTIVA

Como já foi relatado no primeiro capítulo deste trabalho, visando colher resultados para a elaboração da presente dissertação, foi aplicada uma intervenção metodológica na escola Estadual Luiz Frutuoso da Silva, na turma do 7º ano A. A elaboração do projeto se deu a partir da observância dos dados do IDEB que registram que apenas 31% dos alunos até o 9º ano da referida escola aprenderam o adequado na competência de leitura e interpretação de textos. Essa situação de alerta inspirou a busca por ações que visam à resolução desses problemas.

Além dos baixos índices do IDEB, na fase exploratória da pesquisa-ação, verificamos que a maioria dos alunos da referida escola possuíam contato com o texto literário apenas por meio do livro didático, visto que a escola não possui uma biblioteca e os alunos utilizam a Biblioteca Pública Municipal para realizarem suas leituras. O ensino de literatura baseado apenas no livro didático que, na maioria dos casos, caracterizam-se por oferecerem textos fragmentados e descontextualizados, impossibilita ao aluno a compreender o valor estético e social do texto literário.

Após o diagnóstico desses problemas, o trabalho baseou-se na pesquisa-ação, com o objetivo de melhorar a ação pedagógica por meio da reflexão e ação. Dessa forma, buscamos aprimorar o aprendizado dos alunos, principalmente, nos eixos leitura e interpretação de texto, visto que

A pesquisa-ação educacional é principalmente uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos [...] (TRIPP, 2004, p.445).

A pesquisa-ação favoreceu a compreensão da importância de o professor tornar-se um pesquisador para refletir sobre sua prática para aprimorá-la ou até mesmo para modificá-la. Além da pesquisa-ação, a proposta interventiva em discussão se baseou também, de forma não linear, na proposta de sequência didática apresentada por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004).

Para realizarmos a preparação dos alunos para a produção dos minicontos, baseamos, de forma não-linear, na proposta de sequência didática básica sugerida por Rildo Cosson

(2014). Essa sequência é constituída por quatro etapas: motivação (preparação inicial); introdução (apresentação do autor e da obra); leitura (contato direto com o texto, momento composto de intervalos para averiguação da leitura); e, por fim, temos a etapa de interpretação (construção do sentido do texto por parte do aluno). Assim, essa proposta contribuiu para que conseguíssemos motivar os alunos no decorrer da realização do Projeto interventivo.

De acordo com Cosson, a motivação é o primeiro passo do letramento literário, pois “consiste exatamente em preparar o aluno para receber o texto” (COSSON, 2014, p. 54). Nesse sentido, o sucesso inicial do encontro do leitor com a obra depende de boa motivação. Seguindo essa proposta, com a escolha da obra *Adeus conto de fadas* buscamos motivar os alunos no envolvimento da pesquisa, visto que se trata de uma obra voltada para o público juvenil, sendo constituída por minicontos que representam as sensações vividas por todo adolescente. Como afirma Spalding,

O livro é uma reunião de setenta e duas histórias com mais ou menos cem palavras (às vezes bem menos do que isso), forma ideal para uma geração que está sempre correndo, escreve blogs, assiste vídeos (...). Mas o que surpreende é a explosão possível a partir daquelas miniaturas, verdadeiras pérolas pequenas e valiosíssimas. Dilemas muitas vezes vistos como banais pelos adultos são levados a sério – sem perder o humor – e as histórias deixam transparecer conflitos existenciais e sociais importantes e difíceis [...] (SPALDING, 2007)

A obra *Adeus conto de fadas* (2007) foi escolhida por contemplar a proposta lançada aos alunos, ou seja, a produção de minicontos sobre o tema adolescência, visto que este é um dos temas mais discutidos nesta coletânea. Ao tratar de diversos temas comuns à adolescência, a obra representou um valioso meio de motivação para as atividades de leitura e escrita durante o desenvolvimento da SD. Nessa perspectiva, buscamos realizar o letramento literário ao promover a mediação do professor, a valorização das experiências dos alunos e a interação individual com o texto para a produção de sentidos. Logo, a nossa proposta visou a construção de sentidos, o compartilhamento do aprendizado e, sobretudo, a transformação do aprendizado por meio da aplicação da *estratégia da reprodutibilidade transformativa*, de Rodrigues (2014).

#### 4.1 - Sequência Didática das atividades de leitura e produção

A sequência didática Produção de minicontos a partir da obra *Adeus conto de fadas* foi realizada como proposta de intervenção pedagógica na turma de 7º A da Escola Estadual Luiz Frutuoso da Silva, no município de Sapezal – MT.

A presente sequência baseou-se nos trabalhos de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004). De acordo com esses autores, “uma "sequência didática" é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (DOLZ, NOVERRAZ & SCHNEUWLY, 2004, p.97). Nessa perspectiva a sequência didática foi elaborada em torno do gênero textual miniconto, com o objetivo de dar acesso aos alunos a práticas de linguagens tipificadas e ajudá-los a dominar os diversos gêneros textuais que permeiam nossa vida em sociedade. Assim, as atividades foram elaboradas observando as reais necessidades dos alunos, oferecendo-lhes instrumentos eficazes para melhorar suas capacidades de ler, interpretar e escrever.

A presente sequência didática será constituída pelos seguintes passos: apresentação da situação, produção inicial, módulo I, módulo II, módulo III, módulo IV e Divulgação ao público.

Na apresentação da situação, foi apresentado o gênero literário a ser abordado. Os alunos foram expostos ao projeto coletivo de produção do gênero literário miniconto e informados sobre os destinatários da produção (demais alunos da escola). Assim, foi um momento de levar os alunos a perceberem a importância dos conteúdos que iriam ser trabalhados e de conhecerem os agentes da produção e quem participaria da mesma.

Desse modo, os alunos foram preparados para a produção inicial, ou seja, fizeram uma primeira tentativa de realização do gênero que seria, em seguida, trabalhado nos módulos. A apresentação da situação representou, portanto, o momento em que a turma construiu uma representação da situação de comunicação e da atividade de linguagem a ser executada.

A SD apresenta a seguinte proposta:

#### QUADRO 1

PROPOSTA DO TRABALHO – Roteiro do Professor
Sequência didática: <i>Produção de minicontos a partir da obra Adeus conto de fadas, de Leonardo Brasiliense</i>
Assunto: O gênero miniconto
Turma: 7º ano A
Período de Aplicação: 20h/a equivalente ao mês de maio, junho e julho de 2017.

a) ROTEIRO DO PROFESSOR

1º Passo: Apresentação do gênero textual miniconto, visando à compreensão dos aspectos formais e discursivos desse gênero literário, bem como das similaridades e diferenças entre conto e miniconto.

2º Passo: Leitura de alguns minicontos retirados da obra *Os cem menores contos brasileiros do século*, assim como de outros autores como Ana Mello e Spalding, e audição de alguns minicontos encontrados no site [www.minicontos.com.br](http://www.minicontos.com.br).

3º Passo: Apresentação da obra *Adeus conto de fadas* e a biografia do autor Leonardo Brasiliense;

4º Passo: Leitura coletiva da obra *Adeus conto de fadas*.

QUADRO II – OS MÓDULOS

Módulo I	Módulo II	Módulo III	Módulo IV
----------	-----------	------------	-----------

Leitura e interpretação de minicontos	Escrita dos minicontos	Reescrita dos minicontos	Produção dos frames e dos vídeos
---------------------------------------	------------------------	--------------------------	----------------------------------

QUADRO III - ROTEIRO DOS ALUNOS: PROPOSTA PARA A ESCRITA

PROPOSTA	CONTEÚDOS TRABALHADOS
<p>Produção de um miniconto sobre o tema adolescência e apresentando as seguintes características:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• 200 caracteres</li> <li>• Intencionalidade</li> <li>• Concisão</li> <li>• Brevidade</li> <li>• Narratividade</li> <li>• Efeito</li> <li>• Final surpreendente</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pontuação;</li> <li>• Parágrafos;</li> <li>• Intertextualidade;</li> <li>• Concordância nominal e verbal;</li> <li>• Paráfrase;</li> <li>• A pessoa do discurso;</li> <li>• Conceito de gênero literário.</li> </ul>

QUADRO IV - ROTEIRO DOS ALUNOS – PRODUÇÃO DOS FRAMES

ATIVIDADES REALIZADAS	MATERIAIS UTILIZADOS
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Escolha das imagens utilizando o <i>Wikimédia Commons</i>;</li> </ul>	Computador
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Impressão das imagens;</li> </ul>	Impressora
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Transformação das imagens;</li> </ul>	Lápis de cor, canetinha, giz cera, cola glitter, revistas, jornais, folhagens, gramas, areia.
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ação de fotografar as imagens</li> </ul>	Celular, câmera fotográfica.

**QUADRO V - ROTEIRO DOS ALUNOS E PROFESSORA – PRODUÇÃO DOS VÍDEOS**

ATIVIDADES REALIZADAS	RECURSOS UTILIZADOS
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Escolha das músicas de fundo;</li> <li>• Escolha das fotografias tiradas durante a realização do projeto;</li> <li>• Produção de um vídeo;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Notebook;</li> <li>• Programa Movie Maker</li> </ul>

**QUADRO VI - ROTEIRO DOS ALUNOS E PROFESSORA – ETAPA DE DIVULGAÇÃO**

ATIVIDADES REALIZADAS
<ul style="list-style-type: none"> <li>• 1º passo: Na sala de aula, os alunos confeccionaram os cartazes demonstrando as características do gênero miniconto, assim como os principais autores desse gênero no Brasil e em outros países;</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• 2º passo: os alunos prepararam a sala fixando os cartazes e construíram um varal utilizando as imagens e minicontos dos mesmos para fins de exposição aos visitantes;</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• 3º Passo: Os alunos e visitantes assistiram aos vídeos produzidos;</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• 4º passo: Os visitantes puderam manusear o livro da turma que reúne os minicontos produzidos pelos alunos;</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• 5º passo: Foi realizada uma confraternização para os alunos da turma, visando comemorar os bons resultados do Projeto;</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• 6º passo: Os alunos foram convidados pela direção da escola a exporem o livro da turma, assim como os vídeos e imagens originais na Feira do Conhecimento, realizada, anualmente, pela escola.</li> </ul>

**4.2 Abordagem sobre o módulo I: Leitura e interpretação de minicontos**

A aplicação das atividades durante o *módulo I* visou à compreensão dos aspectos estruturais e discursivos do gênero literário miniconto e o desenvolvimento de habilidades de leitura nos alunos. Como afirmam Dolz, Noverraz e Schneuwly:

As atividades de observação e de análise de textos - sejam orais ou escritos, autênticos ou fabricados para pôr em evidência certos aspectos do funcionamento textual - constituem o ponto de referência indispensável a toda aprendizagem eficaz da expressão. (DOLZ, NOVERRAZ & SCHNEUWLY, 2004, p.105)

Como já foi relatado, algumas atividades de análise e compreensão de minicontos foram retiradas da coletânea de livros didáticos *Universo: língua portuguesa 7º ano*<sup>5</sup>. Vale destacar que as atividades foram digitadas, impressas e entregues aos alunos. Por ser o miniconto um texto breve, o livro didático em questão trouxe os textos na íntegra e, ao serem digitadas, algumas atividades foram alteradas, visando à adequação da linguagem ao público. Além disso, foram utilizadas algumas atividades encontradas nas esferas digitais e outras elaboradas pela professora.

Para realizarmos o contato dos alunos com o gênero literário miniconto, escolhemos 8 minicontos para trabalharmos com os alunos, alguns deles fazem parte da obra *Adeus conto de fadas*, de Leonardo Brasiense. A seguir, apresentaremos os minicontos e as atividades realizadas neste módulo de Leitura e interpretação de minicontos.

## ATIVIDADES REALIZADAS NO MÓDULO I

### MINICONTO 1

#### O Quarto

“Eles” vivem reclamando que meu quarto é bagunçado. Me chamam de porco pra baixo.

---

<sup>5</sup> Universos: língua portuguesa. Obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida por Edições SM. Editor responsável Rogério de Araújo Ramos. 1 ed. São Paulo: Edições SM, 2012. (Coleção)

De vez em quando, “eles” aproveitam uma saída minha e organizam tudo, põem as roupas no guarda-roupa, os livros e games na estante, os cadernos na escrivaninha. E quando eu chego em casa, me recebem com um sorriso irônico.

Estou com medo. Acho que meus pais de verdade (aqueles que um dia também foram adolescentes) foram abduzidos e substituídos por “eles”, que tem guarda-roupas, estantes e escrivaninhas no lugar do cérebro. Só pode ser isso.

A invasão começou, e pelo meu quarto.

(BRASILIANSE, 2007, p.16)

### 1. Releia o texto 1

- a) O que o narrador quer dizer quando afirma que os pais o chamam “de porco para baixo”?
- b) Lugar de roupa é no guarda roupa; de livros e games é na estante; de cadernos na escrivaninha. Então, por que o narrador parece indignado com o fato de os pais colocarem as coisas nos seus devidos lugares?
- c) No último parágrafo, o narrador diz que “a invasão começou”. O que ele quer dizer com isso? Que palavra do parágrafo anterior nos ajuda a entender essa referência?
- d) O título de um texto nos ajuda a interpretá-lo. Mas nem sempre o título expressa diretamente o tema a ser tratado. Isso acontece em “O quarto”? Explique.

### 2. Agora você irá responder às perguntas sobre o texto 2. Leia-o.

#### MINICONTO 2

Ai, de novo...

“Quando eu tinha a tua idade...” Blá – blá- blá... Lá vem a mãe de novo. É sempre a mesma conversa: porque naquela época era assim, era assado, era diferente por isso, por aquilo, era melhor e não sei o que mais. E eu tendo que aguentar, fingindo que ouço. O pior: parece que desta vez tá demorando. Tá bom, vou dar uma afastadinha nos fones para ver a quantas anda o discurso... “Aí eu tive que pular da moto em movimento bem em cima da ponte”. O quê?!

(BRASILIANSE, 2007, p.47)

- a) Por que a primeira frase do texto está entre aspas?
- b) O título do miniconto revela o estado de espírito do narrador no momento da aproximação da mãe. Como ele se sente?
- c) O que faz o narrador pensar que a mãe viria com a conversa de sempre?
- d) Por que o texto se encerra com a pergunta exclamativa “o quê?!”?

3. Leia o texto 3 e responda as questões abaixo.

### MINICONTO 3

#### Carrossel

Montada nos cavalinhos descia e subia ao mesmo tempo em que girava ao compasso da música. E presa ao carrossel viajava ao longínquo país da infância.

(Maria Lúcia Simões. *Contos Contidos*. Belo Horizonte: RJH, 1996, p.55.)

- a) O que a expressão “longínquo país da infância” revela sobre a idade da personagem?
- b) O título do miniconto é “Carrossel”. Qual é a sua temática?
- c) O miniconto apresenta alguns indícios sobre o tempo e o espaço em que se desenrola a narrativa. O que você seria capaz de dizer sobre eles?

4. Leia o texto 4 e responda:

### MINICONTO 4

#### Caiu da escada

e foi para o andar de cima.

(MYRTEES, Adrienne. Em: Marcelino Freire (org.). *Os cem menores contos brasileiros do século*. Cotia: Ateliê, 2004, p.2.)

- a) O miniconto acima apresenta um aparente paradoxo, algo que parece contrariar a lógica. Quais são as duas ideias do miniconto que se chocam?
- b) Para que esse paradoxo produza um efeito de humor, é preciso que o leitor conheça o sentido da expressão idiomática “ir para o andar de cima”. Que sentido é esse?
- c) Se você fosse convidado a dar um título a esse texto, que título criaria?

5. Leia mais um miniconto e faça as atividades a seguir.

#### MINICONTO 5

ASSIM:

Ele jurou amor eterno.

E me encheu de filhos.

E sumiu por aí.

(RUFFATO, Luiz. Em: Marcelino Freire (org.). Os cem menores contos brasileiros do século. Cotia: Ateliê, 2004, p.52.)

- a) Assim como acontece em “O quarto”, o texto acima se inicia com um pronome pessoal de terceira pessoa. Como sabemos a quem o pronome “ele” se refere? Explique.
- b) Além da brevidade, outros elementos de “ASSIM:” o caracterizam como um miniconto.
- c) Que história é contada nas três frases do texto?
- d) Que palavras garantem a ação no texto e a que classe gramatical elas pertencem?
- e) Como essas palavras contribuem para indicar que o texto trata de um acontecimento único e particular?
- f) Que palavra do texto funciona como marcador temporal, indicando que uma ação ocorreu uma após a outra? Explique.

6. Observe o narrador do miniconto.

a) Ele é do tipo observador ou personagem? Que elemento do texto confirma sua resposta?

b) A narradora é uma mulher. O que possibilita essa interpretação: a presença de uma marca linguística ou as informações do contexto?

7. O miniconto “ASSIM:” poderia apresentar muitas outras informações. Veja algumas possibilidades.

- A narradora poderia descrever seu amado, mencionar seu passado, sua família.
- Ela poderia contar detalhadamente como ele jurou amor eterno.
- Mais tarde descreveria, com emoção, o parto de cada filho.
- Poderia contar também do dia em que ela acordou e ele já partira.
- Talvez quisesse contar também como foram os dias sem ele.
- Ao final, resumiria a narrativa: “assim: ele jurou amor eterno, me encheu de filhos e sumiu por aí”.

a) Ainda que o miniconto tivesse sido ampliado para um romance de mil páginas, o que seria mantido?

8. Leia o miniconto a seguir para responder as questões.

#### MINICONTO 6

Uma vida inteira pela frente.

O tiro veio por trás.

(MOSCOVICH, Cíntia. Em: Marcelino Freire (org.). Os cem menores contos brasileiros do século. Cotia: Ateliê, 2004, p.16.)

a) Qual é o acontecimento único e particular focalizado no miniconto?

b) O que o miniconto sugere em relação à personagem que vivencia esse acontecimento?

c) O acontecimento único e particular cria um contraste com a caracterização da personagem na narrativa. Explique essa afirmação.

d) Que elementos temporais e espaciais podemos vislumbrar nessa narrativa?

9. Leia o miniconto retirado do site <http://twitter.com/#!/minicontos> e responda:

#### MINICONTO 7

No Senado, muitos escândalos e sujeiras faziam barulho. Mas no país ninguém ouvia, era quarta-feira e o Galvão gritava gol muito alto.

a) Qual o sentido atribuído à palavra “barulho” no miniconto?

b) A qual país o produtor do texto se refere ao dizer “no país ninguém ouvia”? Como você chegou a essa resposta? Explique por meio de pistas linguísticas contidas no próprio texto e de seu conhecimento de mundo.

c) Existe no miniconto uma ironia, ou seja, o produtor do texto escreve algo objetivando, na verdade, dizer o contrário do que escreveu. Pergunta: qual a ironia no texto? Explique.

d) É possível afirmar que há uma crítica no miniconto? Se sim, o que ou quem é criticado e por quê?

e) Como esses sentidos estão colocados no miniconto?

f) Quais os efeitos provocados pelo miniconto no leitor?

10. Leia o miniconto abaixo e responda as questões 9 e 10.

#### MINICONTO 8

##### O que eu vou ser

Minha mãe diz que quando era pequeno eu queria ser veterinário, por causa do Sansão, nosso cachorro na época, com quem eu brincava o dia inteiro. Depois, lá pelos sete, quis ser piloto de Fórmula 1. Disso eu me lembrava bem: vivia com um carrinho na mão, montava pistas e acelerava como se estivesse dentro. E teve também a fase do basquete: passava as tardes jogando com a turma e tinha esperança de crescer e ficar mais alto que a média da família. Agora, não sei, mas acho tudo meio bobo. Vejo a NBA na TV e me canso. Troco de

canal, vejo programa de bichinho, e acho infantil demais. Fórmula 1, então, um tédio, e troco de canal, troco de canal, troco de canal...

(BRASILIANSE, 2007, p.47)

a) Seu primeiro desafio será reduzir o miniconto para que ele fique com até 280 caracteres. Para tanto, avalie: o que pode ser cortado sem comprometer o entendimento do texto? Veja algumas dicas:

- Lembre-se que os acontecimentos são fundamentais na narrativa.
- Explicações e comentários do narrador têm importância secundária.
- Espaço (cenário) e tempo (época) não precisam ser caracterizados detalhadamente.

10. Como você percebeu até aqui, escrever um miniconto não é necessariamente mais rápido ou mais fácil do que escrever outros textos mais longos. A concisão própria do gênero exige um trabalho meticuloso para que o texto possa dizer muito em poucas palavras, preserve sua força e expressividade. Por isso, seu desafio final, é enxugar mais o texto que você produziu na atividade anterior para que ele fique com até 140 caracteres. Você consegue?

Após essas atividades, foi realizada a leitura coletiva da obra *Adeus conto de fadas*, de Leonardo Brasiliense. Com a leitura da referida obra buscamos a discussão sobre a fase da adolescência, pois na obra podem-se observar diferentes modos de constituição do sujeito adolescente, uma vez que representa dissabores e comportamentos peculiares a esses indivíduos. Dessa forma, foi possível dar voz a estes sujeitos, fazendo com que falem de si, confessem suas inquietações e dilemas.

### **4.3 Descrição da obra *Adeus conto de Fadas***

A obra *Adeus conto de fadas* foi escrita por Leonardo Brasiliense. O autor nasceu em dezembro de 1972, em São Gabriel (RS). Em 1994, entrou para faculdade de medicina na UFSM. Nessa época começou a escrever minicontos, formou-se, mas não chegou a exercer sua

profissão – ingressou no serviço público e hoje trabalha na Secretaria da Receita previdenciária, em Santa Maria (RS), onde tem a possibilidade de se dedicar também à escrita. Entre outras obras, publicou *O desejo da Psicanálise*, *Meu sonho acaba tarde*, *Desatino*, *Olhos de morcego*, *Whatever e Adeus conto de fadas* (Prêmio Jabuti de melhor livro juvenil em 2007) – esta última, escolhida como corpus desta pesquisa.

O livro de literatura infanto-juvenil de Leonardo Brasiliense retrata diversas situações do cotidiano juvenil utilizando um estilo diferenciado na composição da literatura. O autor realiza uma busca pelas rotinas e fatos incrivelmente relevantes da vida adolescente. Assim, podemos dizer que a obra aborda, entre outras, as seguintes temáticas: adolescência, família, sexualidade e as modernas relações virtuais. Pelo fato de a obra ser pouco conhecida, apresentamos, aqui, uma breve amostra dos minicontos publicados nela, redigindo, a seguir, alguns minicontos que abordam essas temáticas.

Sobre a temática família, escolhemos os minicontos *Genética?*, *Ai, de novo...*, e *Casa limpa*, que retratam situações que podem ser vividas por muitos adolescentes no seio de suas famílias:

#### Genética?

Na separação, meu pai dizia à minha mãe que ela não prestava; minha mãe dizia ao meu pai que ele não prestava. E eu ficava ouvindo e pensando: “puxei” a quem?

(BRASILIENSE, 2007, p.78)

#### Ai, de novo...

“Quando eu tinha a tua idade...” Blá – blá- blá... Lá vem a mãe de novo. É sempre a mesma conversa: porque naquela época era assim, era assado, era diferente por isso, por aquilo, era melhor e não sei o que mais. E eu tendo que aguentar, fingindo que ouço. O pior: parece que desta vez tá demorando. Tá bom, vou dar uma afastadinha nos fones para ver a quantas anda o discurso... “Aí eu tive que pular da moto em movimento bem em cima da ponte”. O quê?!

(BRASILIENSE,2007, p.47)

#### Casa limpa

Era um gato de rua, fedorento, pulguento. Me olhava bem nos olhos e roçava os bigodes no poste. Aquilo me doeu. Mas nem perguntei pra minha mãe se

podia... Nosso apartamento é tão limpinho. Devia ao menos ter perguntado. Mesmo sabendo antes a resposta. Porque agora dói mais.

(BRASILIENSE, 2007, p.24)

A reflexão sobre a relação entre pais e adolescentes é realizada em alguns minicontos, como: *TV NO QUARTO* e *TV NA SALA*:

#### TV NO QUARTO:

“E os pais na sala, assistindo a um documentário sobre os dramas da adolescência”

(BRASILIENSE, 2007, p.64).

#### TV NA SALA:

“E todo mundo cala”

(BRASILIENSE, 2007, p.65).

Em relação à temática adolescência, Leonardo Brasiliense, na tessitura do texto literário, discute o tema como uma etapa da vida na qual os sujeitos passam por diferentes transformações, sejam elas orgânicas, físicas e/ou psicológicas. Mais do que isso, o autor leva o leitor a tratar esse momento de passagem da infância para a vida adulta como um momento de ambivalência, mas também de descobertas. A adolescência é encarada como uma construção que envolve elementos culturais sociais e discursivos. Assim, tanto o adolescente quanto quem já passou por esta etapa se identificam e revelam suas identidades e subjetividades. Além de levar a reflexão sobre a condição do sujeito adolescente, a obra provoca o riso, faz uma reflexão sobre os padrões ditados socialmente, entre outros objetivos.

Quanto à discussão dos temas comuns na adolescência, na obra temos minicontos que falam sobre primeiro beijo, indecisão quanto a escolha da profissão, namoro, entre outros. Abaixo destacamos alguns minicontos que retratam esses assuntos, como os minicontos, *BV*, *O que eu vou ser*, *Xaveco*, *Fugindo*, *Descoberto* e *Desencanto*:

#### BV

A boca tinha gosto de cinzeiro. O bafo era sinistro. A barba mal feita me deixou assada. E o cara, pensando bem, era um panaca. Mas foi o primeiro

que chegou em mim na rave. Então beijei, beijei com gosto (ruim), com vontade. Todo mundo viu.

Foi um horror. Mas aquele apelido, nunca mais.

(BRASILIENSE, 2007, p.46)

#### Xaveco

No escurinho do cinema, eu sentado ao lado da maior gata. Ela prestava atenção na telona como se fosse engolir as legendas. Não resisti e mandei ver:

- Aí, meu nome é Roberto.

E ela nada.

- Já te vi lá no shopping, de longe.

E ela, nada. Mesmo assim continuei:

- E sabe que assim, de perto, tu é ainda mais bonita.

E ela, nada.

- Aí, me irritei:

- Pô, gatinha, tu é surda?

E ela era.

(BRASILIENSE, 2007, p.57)

#### O que eu vou ser

Minha mãe diz que quando era pequeno eu queria ser veterinário, por causa do Sansão, nosso cachorro na época, com quem eu brincava o dia inteiro. Depois, lá pelos sete, quis ser piloto de Fórmula 1. Disso eu me lembrava bem: vivia com um carrinho na mão, montava pistas e acelerava como se estivesse dentro. E teve também a fase do basquete: passava as tardes jogando com a turma e tinha esperança de crescer e ficar mais alto que a média da família. Agora, não sei, mas acho tudo meio bobo. Vejo a NBA na TV e me canso. Troco de canal, vejo programa de bichinho, e acho infantil demais. Fórmula 1, então, um tédio, e troco de canal, troco de canal, troco de canal...

(BRASILIENSE, 2007, p.47)

#### Fugindo

Ele evitava as pessoas. Respondia com gestos e monossílabos. Tinha vergonha. Enfim, calou-se por meses. E quando a voz finalmente engrossou, não sabia mais conversar.

(BRASILIENSE,2007, p.36)

#### Descoberto

“Que olhos bonitos você tem”, ela me disse quando tirei os óculos. E naquele instante, seu rosto era o borrão mais lindo que eu já vi.

(BRASILIENSE,2007, p.50)

#### Desencanto

Eu era apaixonada pelo meu professor de educação física até o dia em que ele entrou no vestiário feminino quando eu estava sozinha lá e me pegou com o dedo no nariz tirando o maior tatu.

(BRASILIENSE,2007, p.60)

Outro miniconto que retrata os momentos vividos por toda adolescente do sexo feminino é o intitulado *Grandes mudanças*. O miniconto fala sobre as transformações advindas da adolescência na construção de uma imagem de si. Assim, a adolescente do sexo feminino admite:

Não sou nenhuma ignorante. Sabia que ia acontecer. Só não esperava que fosse tão cedo. Nem imaginava que assim já na primeira vez a coisa pudesse ser tão intensa. Agora sou uma mulher, uma mulher de verdade. Posso engravidar, ser mãe... De uma hora para outra deixei de ser menina e tenho que encarar grandes responsabilidades... Mas antes de tudo, pelo amor de Deus, um absorvente. (BRASILIENSE, 2007, p.17).

No miniconto acima, o autor provoca a reflexão sobre essa passagem de fase da vida em que a menina torna-se mulher, mas sem perder o humor, demonstrando um desfecho inesperado que transforma a primeira menstruação em algo comum, banal.

O miniconto *Coisas da idade* retrata a temática sexualidade: “E lá em casa ninguém acredita que o meu banho demora mais de meia hora porque eu aproveito a pele amaciada para espremer as espinhas” (BRASILIENSE, 2007, p.28). Embora curto, o miniconto revela fatos comuns vividos na adolescência como os banhos demorados e deixa implícito que a causa disso poderia ser o uso desse momento para relacionar-se com a sexualidade.

As modernas relações virtuais estão cada vez mais presentes na vida dos adolescentes, por isso, a obra também destaca esse tema em alguns textos, entre eles, destacamos o miniconto *No Messenger*:

No Messenger

Dois anos de forte amizade virtual, e agora aquele “silêncio” constrangedor: não havia o que teclar, era a hora do “ombro amigo”.

(BRASILIENSE, 2007, p.23)

Além dos minicontos provocarem o riso, discutem questões sérias como o bullying. O miniconto *Bullying ou “quem ri por último, ri melhor”* apresenta uma reflexão sobre essa prática comum no ambiente escolar: “E no circo não havia plateia. Só palhaços”. (BRASILIENSE, 2007, p.59).

A obra *Adeus conto de fadas* ao discursar sobre temas tão relevantes na vida dos adolescentes, como pudemos observar nos minicontos apresentados aqui, contribui para a reflexão e para a formação de sujeitos críticos e mais humanos. Assim, a leitura da obra ajuda nas suas relações e também nas relações futuras.

Além da obra *Adeus conto de fadas* foram utilizadas, para fins de leitura com os alunos, várias obras de autores de minicontos tais como *Os cem menores contos brasileiros do século*, organizada por Marcelino Freire (2004), *Minicontando* (2009), de Ana Mello, *Minicontos e muito menos* (2009), de Marcelo Spalding, entre outros. Essas obras serviram de referências para que os alunos, além de conhecerem mais o gênero miniconto, pudessem ampliar seu repertório e, assim, produzir seus textos. Como apontam os PCN’s:

Quando se pretende formar escritores competentes, é preciso também oferecer condições de os alunos criarem seus próprios textos e de avaliarem o percurso criador. Evidentemente, isso só se torna possível se tiverem constituído um amplo repertório de modelos, que lhes permita recriar, criar, recriar as próprias criações. É importante que nunca se perca de vista que não há como criar do nada: é preciso ter boas referências. Por isso, formar bons escritores depende não só de uma prática continuada de produção de textos, mas de uma prática constante de leitura. (PCN, 1996, p.47)

Após as atividades de leitura, no laboratório de informática, os alunos conheceram alguns projetos veiculados no site [www.minicontos.com.br](http://www.minicontos.com.br). Nesse momento, realizaram leituras de minicontos que podem ser encontrados no Projeto Minicontos Coloridos, veiculados no mesmo site idealizado pelo escritor Marcelo Spalding.

As leituras realizadas no *módulo I* representaram uma preparação para primeira produção. Na produção inicial, os alunos elaboraram um primeiro texto oral. Esse foi um momento importante, pois puderam revelar as representações que tinham dessa atividade. Além disso, puderam demonstrar se eles haviam compreendido as características do gênero visado. Para o professor foi um momento importante, pois pôde notar onde era preciso intervir para que os alunos pudessem percorrer o melhor caminho. Assim, a produção inicial serviu para motivar tanto a sequência como os alunos a produzirem seus minicontos.

#### **4.4 Abordagem das atividades realizadas no módulo II e III**

Após a elaboração dos minicontos orais, os alunos iniciaram a produção escrita dos primeiros minicontos. Os textos produzidos no *Módulo II* representam o resultado das atividades de leitura que antecederam a etapa de produção, pois permitiram que os estudantes buscassem informações necessárias para a produção escrita. Os textos foram produzidos a partir da noção de gêneros discursivos e não criados apenas a partir de invenções ou opiniões dos alunos. Dessa forma, os minicontos foram produzidos observando a circulação social do gênero, o que contribuiu para motivar a escrita dos mesmos.

A redação a partir de gêneros discursivos exige que o aluno obtenha informações para o texto da forma mais adequada ao gênero em estudo porque sua produção irá circular de fato - esse é o objetivo final do projeto e a melhor motivação que se pode oferecer aos alunos. (LOPES-ROSSI, 2011, p.10)

Para a realização das primeiras produções escritas, foi exposto um enunciado escrito para dirigir o aluno e para que as produções atendessem a finalidade pretendida:

### **Enunciado para a produção escrita**

*Agora chegou a sua vez de produzir o seu texto. A proposta é que você produza um miniconto sobre o tema adolescência. O seu texto poderá ser narrado em 1ª ou 3ª pessoa e deverá apresentar as características do gênero: narratividade, concisão, abertura, efeito, exatidão, final surpreendente e possuir até 200 caracteres. Dê um título atraente e criativo ao seu texto.*

Seguindo a proposta apresentada, em suas produções, os estudantes falaram de diversos temas comuns a adolescência como a relação com a família, relações amorosas, gravidez, abuso sexual, tecnologia, entre outros.

A proposta de elaboração de textos baseou-se no que propõe Geraldi (2003, p.137) que afirma que a escrita se dirige para alguém e que esses leitores apresentam níveis de conhecimentos maiores ou menores. Por isso, quem escreve deve “ter o que dizer” isto é, o emissor deve possuir um conteúdo para ser desenvolvido e explicado; “se tenha uma razão para dizer o que se tem a dizer”, ou seja, deve haver uma intenção para se escrever; “se tenha para quem dizer”, o texto deve possuir um interlocutor que irá lê-lo. Seguindo essas premissas, os alunos escreveram seus textos com o objetivo de apresentar um produto bem acabado ao público (interlocutor) na etapa de divulgação aos demais alunos da escola.

No *módulo III* a correção e a reescrita dos minicontos representou um procedimento essencial para a apropriação da língua padrão. De acordo com os PCN’s de Língua Portuguesa do 3º e 4º ciclos,

[...] um dos aspectos fundamentais da prática de análise linguística é a refacção de textos produzidos pelos alunos. Tomando como ponto de partida o texto produzido pelo aluno, o professor pode trabalhar tanto os aspectos relacionados às características estruturais dos diversos tipos textuais como também os aspectos gramaticais que possam instrumentalizar o aluno no domínio da modalidade escrita da língua. (BRASIL, 1998, p. 80)

Para abordar o processo de escrita e reescrita durante a aplicação do Projeto interventivo, foram escolhidos três minicontos dos alunos do 7º ano A. Os demais minicontos podem ser

encontrados no quinto capítulo desta dissertação, momento que apresentamos todos os minicontos dos alunos no livro produzido com a turma.

Primeira versão	Versão reescrita
<p>MINICONTO 1</p> <p>Adolescência</p> <p>Emergência, emergência! – eu gritava. Meus pais me acalmando. Eu dizia me leva pra o hospital. Porquê? Olha o meu rosto!</p> <p>- E daí? É só uma espinha.</p> <p>(João Victor)</p>	<p>Adolescência</p> <p>Emergência, emergência! – eu gritava. Meus pais me acalmando. Eu dizia:</p> <p>- Me leva para o hospital!</p> <p>- Por quê?</p> <p>- Olha o meu rosto!</p> <p>- E daí? É só uma espinha.</p> <p>(João Victor)</p>
<p>MINICONTO 2</p> <p>Decepção</p> <p>Todo mundo já acreditou em príncipe de contos de fadas super heróis, mais percebemos que os contos de fadas não existem é aí que a decepção chega. E aquele romance, será que poderá se tornar real?</p> <p>(Fabrícia)</p>	<p>Conto de fadas</p> <p>Eu já acreditei em príncipe de contos de fadas, super-heróis, mas um dia percebi que os contos de fadas não existem.</p> <p>- E aquele romance, será que poderá se tornar real?</p> <p>(Fabrícia)</p>
<p>MINICONTO 3</p> <p>E a professora disse “façam duplas”. Meus três amigos me olham assombrados.</p> <p>(Lorena)</p>	<p>E a professora disse:</p> <p>- Façam duplas.</p> <p>Meus três amigos me olham assombrados.</p> <p>(Lorena)</p>

Já na primeira versão dos textos, pode-se observar que os alunos compreenderam as principais peculiaridades do gênero miniconto e basearam-se nas leituras realizadas, principalmente na obra *Adeus conto de fadas*.

No miniconto 1, ao tratar da adolescência e de temas comuns nessa fase, como o aparecimento de espinhas, o aluno utilizou-se de recursos muito usados no texto literário como as figuras de linguagem, no caso, a ironia e a hipérbole. Na reescrita, a utilização do discurso direto imprimiu maior agilidade ao texto. Com um tom irônico o aluno mostrou os possíveis comportamentos dos adultos diante das transformações ocorridas na adolescência, ou seja, como temas surpreendentes e conflituosos para os adolescentes são tão banais para os adultos, devido ao processo de maturidade.

No miniconto 2, o processo de reescrita foi fundamental para a realização de algumas intervenções no texto para enriquecê-lo e para que o mesmo causasse o efeito desejado no leitor. No processo de reescrita, ao narrar a estória em 1ª pessoa, o miniconto passou a enfatizar a narratividade. Dessa forma, passou a apresentar uma das principais características do miniconto, já que esse tem como objetivo maior narrar um fato.

Ao reescrever o miniconto 2, a aluna preferiu finalizar o texto com um questionamento. Ao substituir o enunciado “mais agente continua achando que aquele romance pode sim ser real, é aí que a decepção chega”, por “- E aquele romance, será que poderá se tornar real?”, a aluna deixa implícito o sentido desejado, ou seja, dá abertura para que o leitor tire suas conclusões sobre o fato narrado. Dessa forma, além de deixar o final surpreendente o texto foi enriquecido com uma linguagem conotativa, própria dos textos literários. Assim, provocou um efeito no leitor, já que o instiga a reflexão ao tratar de um tema que deixou de ser comum a adolescência e passou a ser universal, visto que a decepção amorosa faz parte da vida humana.

A troca do título “Decepção” apresentada na primeira versão por “Contos de fadas” na última versão demonstra que a aluna remonta as leituras realizadas para produzir seu texto. Além disso, essa troca do título demonstra a busca da autora por deixar que o leitor chegue a essa palavra sem que a mesma esteja explícita no texto. Logo, o miniconto torna o leitor protagonista e exige dele que preencha as elipses narrativas.

No miniconto 3, a aluna conseguiu narrar com poucos caracteres situações comuns no cotidiano de sala de aula entre os adolescentes. Assim, foi possível que a aluna utilizasse sua historicidade ou seu conhecimento de mundo para construir sua narrativa.

Ao analisarmos os minicontos acima, podemos observar, ainda, a presença de algumas inadequações como palavras grafadas em desacordo com as normas gramaticais, problemas quanto à pontuação, coerência, coesão e presença de termos comuns na oralidade. A intervenção do professor se deu no processo de correção diretamente no texto dessas inadequações visando melhorar progressivamente as capacidades ortográficas dos alunos.

A revisão dos textos, do ponto de vista da ortografia, foi realizada de maneira colaborativa. Os alunos trocaram seus textos visando à percepção de inadequações. Isso contribuiu para a qualidade do texto, pois “a opinião dos colegas quanto ao conteúdo e organização geral do texto é desejável não apenas como contribuição à produção, mas também como um exercício de leitura crítica do gênero.” (LOPES-ROSSI, 2011 p.79).

No processo de reescrita foram realizadas algumas intervenções nos textos para enriquecê-los e corrigir inadequações para que os minicontos causassem o efeito desejado no leitor. Além disso, no processo de revisão atentamos para que os minicontos apresentassem narratividade, pois essa é uma das principais características do miniconto, já que esse tem como objetivo maior narrar um fato.

Ao reescrever os minicontos, os alunos foram orientados a deixar implícito o sentido desejado, ou seja, a dar abertura para que o leitor tire suas conclusões sobre os fatos narrados. Dessa forma, além de deixar o final surpreendente os textos foram enriquecidos com uma linguagem conotativa, própria dos textos literários. Assim, provocam um efeito no leitor, já que o instiga a reflexão, pois todos tratam de temas comuns a adolescência, mas que representam vivências comuns a todos, como problemas com espinhas na juventude, decepção amorosa, o ambiente de sala de aula.

A intervenção do professor foi essencial nesse processo, pois as inadequações encontradas nos textos produzidos serão uma fonte de informação preciosa para o planejamento das futuras aulas, pois “pode permitir ao professor selecionar dificuldades gramaticais dos alunos e usá-las em exercícios de análise linguística, em outros momentos de aula”. (LOPES-ROSSI, 2011 pp.79-80).

A reescrita dos minicontos não foi considerada, nessa perspectiva, como uma simples atividade em que o aluno passa a limpo a versão corrigida pelo professor ou como uma tarefa de observação apenas dos erros de ortografia, em uma tentativa de adequá-lo à norma padrão, mas como um processo que propiciou a interação e o conhecimento.

No módulo IV os alunos iniciaram a produção dos frames. De acordo com o Wikipédia, a palavra frame vem do inglês e significa quadro ou moldura, ou seja, representa cada um dos quadros ou imagens fixas de um produto audiovisual. Nesse sentido, no presente trabalho, a palavra frame foi utilizada para caracterizarmos as produções dos alunos, formadas por imagens com impressão de movimento acompanhadas de som sincronizado. Logo, o desenvolvimento desse módulo exigiu o uso de métodos para se realizar o diálogo entre o ensino da literatura e as tecnologias digitais. Para isso, foi utilizada a *estratégia da reprodutibilidade transformativa* de Rodrigues (2014).

#### **4.5. A Estratégia da Reprodutibilidade transformativa**

O conceito de reprodução/transformação foi proposto por Pêcheux (1996). Segundo o autor, a reprodução das condições de produção ocorre simultaneamente com a transformação e em toda transformação ocorre simultaneamente uma reprodução.

Ao escrever “reprodução/transformação, pretendo designar o caráter intrinsecamente contraditório de qualquer modo de produção que se baseie numa divisão de classes, isto é, cujo “princípio” seja a luta de classes. Isso significa, em particular que considero um erro localizar em pontos diferentes, de um lado, aquilo que contribui para a reprodução das relações de produção e, de outro, o que contribui para a sua transformação: a luta de classes perpassa o modo de produção como um todo, o que, no campo da ideologia, significa que a luta de classes “passa” pelo que Althusser chamou de Aparelhos Ideológicos de Estado. (PÊCHEUX, 1996, p. 143).

Quanto ao conhecimento, o autor, expõe que o aparecimento de práticas teóricas não acontece de forma inusitada, sem exaustivos estudos. Ao contrário, resulta de um trabalho de pesquisa, de (re) formulações, de (res) significações, de atravessamentos e outras conclusões. Segundo Pêcheux,

[...] a produção histórica de um conhecimento científico dado não poderia ser pensada como uma “inovação nas mentalidades”, uma “criação da imaginação humana”, um “desarranjo dos hábitos do pensamento”, etc, mas como o efeito (e a parte) de um processo histórico determinado, em última instância, pela própria produção econômica. (PÊCHEUX, 1997, p.190)

Além de se basear no que propõe Pêcheux (acima delineado), Rodrigues (2014) baseou-se também nos conceitos de arte moderna<sup>6</sup> e do belo de Baudelaire (2011)<sup>7</sup> e no conceito de reprodutibilidade técnica de Walter Benjamin (2012). As ideias deste último autor, foram fundamentais para que Rodrigues desenvolvesse sua *estratégia da reprodutibilidade transformativa*, pois para Walter Benjamin a obra de arte sempre foi passível de imitação, uma vez que, o que um homem faz pode ser copiado por outros indivíduos. Esse processo de reprodução da obra de arte varia em forma, qualidade e volume considerando o seu desenvolvimento histórico. No entanto, para Benjamin, por mais perfeita que fosse a cópia, mesmo aquela feita com as novas tecnologias, jamais seria igual à obra de arte original, pois toda obra de arte possui uma aura, ou seja, elementos únicos que fazem parte de uma obra de arte original. Uma obra reproduzida não capta totalmente o “aqui e agora” de uma obra de arte.

O conceito de aura permite resumir essas características: o que se atrofia na era da reprodutibilidade técnica da obra de arte é sua aura. Esse processo é sintomático, e sua significação vai muito além da esfera da arte. *Generalizando, podemos dizer que a técnica da reprodução destaca o domínio da tradição o objeto reproduzido.* Na medida em que ela multiplica a reprodução, substitui a existência única da obra por uma existência massiva.

---

<sup>6</sup> A Modernidade é o transitório, o efêmero, contingente, é a metade da arte, sendo a outra o eterno e o imutável. BAUDELAIRE, 2011, P. 27).

<sup>7</sup> O belo é constituído por um elemento eterno, invariável, cuja quantidade é excessivamente difícil e determinar, e de um elemento relativo, circunstancial, que será, se quisermos, sucessivamente ou combinadamente, a época, a moda, a mora, a paixão. Sem esse segundo elemento, que é como um invólucro apazível, palpitante, aperitivo do divino manjar, o primeiro elemento seria indigerível, inapreciável, não adaptado e não apropriado à natureza humana. Desafio qualquer pessoa a descobrir qualquer exemplo de beleza que não contenha esses dois elementos. [...] (BAUDELAIRE, 2011, P. 10).

E, na medida em que essa técnica permite à reprodução vir ao encontro do espectador, em todas as situações, ela atualiza o objeto reproduzido. Esses dois processos resultam num violento abalo da tradição, que constitui o reverso da crise atual e a renovação da humanidade. (BENJAMIN, 2012, p. 182-183)

Nessa perspectiva, Rodrigues (2014) desenvolveu os fundamentos para aquilo que denominou *estratégia da reprodutibilidade transformativa*. Além da metodologia da pesquisa-ação, utilizamo-nos dessa estratégia como proposta interventiva, visto que,

A estratégia da reprodutibilidade transformativa pode ser definida como um processo de intervenção dialógico-iterativa que tem por objetivo provocar interações repetitivas envolvendo, pelo menos, dois sistemas cujos processos de reprodutibilidade são diferentes.

Essa estratégia envolve o trabalho com o texto literário em sala de aula. A proposta visa contribuir para que a escola equilibre a relação entre reprodução e transformação, pois esses processos geralmente são realizados de forma desigual no contexto escolar. A escola enquanto aparelho ideológico de Estado tem dado mais valor à reprodução do que para a transformação. Por isso, a *estratégia da reprodutibilidade transformativa* busca realizar esses dois processos de forma conjunta, sem que um anule o outro.

No Projeto interventivo em discussão, a estratégia subsidiou as produções dos alunos após o trabalho com os textos literários em sala de aula. A proposta lançada aos alunos foi ler a obra *Adeus conto de fadas*, e outros minicontos de vários autores. Após a leitura os alunos produziram e reescreveram seus minicontos. A tarefa seguinte foi escolher imagens no *Wikimedia Commons* e, depois, de impressas em preto e branco, os alunos deveriam apresentar uma “nova versão” (*reprodutibilidade transformativa*) da imagem escolhida. Para apresentar essa “nova versão” os alunos deveriam se utilizar de qualquer mecanismo ou ferramenta, como produção de vídeo, com celular, câmera digital, computador, desenho manual. Assim, nesse processo de intervenção o importante é realizar o diálogo entre três espaços, o tecnológico, o técnico e o artesanal.

O processo de reprodutibilidade das imagens baseou-se nos pressupostos de Rodrigues (2014), segundo o qual se podem estabelecer três tipos de reprodutibilidade, conforme demonstra a tabela a seguir:

	Meios	Impactos
Reprodutibilidade artesanal (RA)	Retrato (quadro), caneta, lápis, livro manuscrito, iluminuras.	<p>1) Arte criativa, mas a técnica é individual, a transmissão é feita de indivíduo para indivíduo, por isso o impacto social é baixo;</p> <p>2) O grau de transformação é baixo;</p> <p>3) Favorecimento do culto à obra original;</p> <p>4) Os produtos dificilmente são descartados.</p>
Reprodutibilidade técnica (RT)	Imprensa, máquina fotográfica.	<p>1) Induz a novos desenvolvimentos técnicos e à criatividade. Por não ser individual, possibilita grande impacto social;</p> <p>2) Possibilita um alto grau de transformação;</p> <p>3) Aos poucos as técnicas vão envelhecendo e perdendo o potencial de transformação;</p> <p>4) Com o passar do tempo, algumas obras passam a ser objeto de culto;</p> <p>5) O processo de obsoletização é lento.</p>
Reprodutibilidade tecnológica (RTL)	Facebook, Moodle, computador, games, tablet, Smartphone.	<p>1) Dificulta o desenvolvimento de novas técnicas;</p> <p>2) Alta velocidade</p> <p>3) Baixo grau de interações sociais;</p> <p>4) Potencializa o culto à tecnologia e às celebridades;</p> <p>5) O processo de obsoletização é rápido.</p>

FONTE: RODRIGUES (2014)

Na intervenção realizada em sala de aula utilizamos computador (RTL), celular (RTL) em conjunto com desenhos feitos utilizando-se de lápis de cor, canetinha, giz de cera (RA), visto que “qualquer ação envolve um ou mais tipos de reprodutibilidade técnica, dependendo dos meios utilizados” (RODRIGUES, 2014). No entanto, uma técnica não anula outra, nem o desenvolvimento de novas técnicas.

O confronto entre a velocidade da tecnologia com técnicas artesanais (historicidade da sala de aula) gera elementos que, ao invés de constituir-se em uma mera reprodução, sofre um processo de transformação. Além disso, diminui a velocidade da tecnologia e, conseqüentemente, a sala de aula torna-se um ambiente de interação.

Em nossa proposta o importante é confrontar a velocidade da tecnologia com a historicidade da sala de aula, de modo a produzir, simultaneamente dois resultados: a diminuição da velocidade da tecnologia e o aumento da velocidade da sala de aula. Esse tipo de intervenção pode ser feito de infinitos modos, dependendo dos recursos disponíveis e do contexto em que se insere cada curso. (RODRIGUES, 2014)

Os trabalhos produzidos pelos alunos do 7º ano A constituem-se, dessa forma, exemplos de *reprodutibilidade transformativa*, pois confrontaram a velocidade da tecnologia com a historicidade da sala de aula. Ao utilizar a Reprodutibilidade artesanal (RA) e a Reprodutibilidade tecnológica (RTL) o processo favoreceu a criatividade, a interação, o desenvolvimento de técnicas e também a inovação. Ao unir elementos artesanais e elementos tecnológicos, o processo favoreceu a reprodução e a transformação. Assim, o trabalho deixou de ser somente artesanal (sem a passagem pelo elemento efêmero), o que aumentou a sua força enquanto transformação, conforme veremos a seguir no próximo capítulo em que discutiremos os resultados da pesquisa.

## CAPÍTULO 5 – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Após a reescrita dos seus minicontos, os alunos foram convidados a escolherem, no laboratório de informática, as imagens para compor os vídeos. Nesse processo utilizamos a *estratégia da reproduzibilidade transformativa* de Rodrigues (2014). Durante a escolha das imagens, buscamos a não interferência do professor para que o trabalho pudesse demonstrar a criatividade dos alunos. A orientação é que eles escolhessem imagens inusitadas, que tivessem relação com os minicontos anteriormente produzidos. Para demonstrarmos como foi realizada a intervenção nas imagens, utilizamos as relacionadas aos minicontos apresentados no terceiro capítulo dessa dissertação.

A escolha destes textos, assim como de seus respectivos frames, pode ser justificada pelo fato deles apresentarem as técnicas diferenciadas utilizadas pelos alunos para a construção dos textos e, a seguir, dos frames. Como, por exemplo, no miniconto 1, o aluno foi o único que realizou o seu frame utilizando desenho manual. No miniconto 2, a aula fez relação, assim como outros alunos, à obra *Adeus conto de fadas*, para a escrita e, no miniconto 3, a aluna utilizou, como diferencial em seu frame, recortes de jornais e revistas.

### Minicontos produzidos pelos alunos

Miniconto 1	Miniconto 2	Miniconto 3
<p>Adolescência</p> <p>Emergência, emergência! – eu gritava. Meus pais me acalmando. Eu dizia:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Me leva para o hospital!</li> <li>- Por quê?</li> <li>- Olha o meu rosto!</li> <li>- E daí? É só uma espinha.</li> </ul> <p>(João Victor)</p>	<p>Contos de fadas</p> <p>Eu já acreditei em príncipe de contos de fadas, super-heróis, mas um dia percebi que os contos de fadas não existem.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- E aquele romance, será que poderá se tornar real?</li> </ul> <p>(Fabrícia)</p>	<p>E a professora disse:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Façam duplas.</li> </ul> <p>Meus três amigos me olham assombrados. (Lorena)</p>

Após os alunos produzirem seus minicontos, eles escolheram as imagens, que foram impressas em preto e branco e entregues aos alunos para que eles iniciassem o processo de intervenção nelas. A seguir foi apresentada a versão original e a final de cada imagem (frame) em que se utilizou a *estratégia da reprodutibilidade transformativa* de Rodrigues (2014).

### Miniconto 1

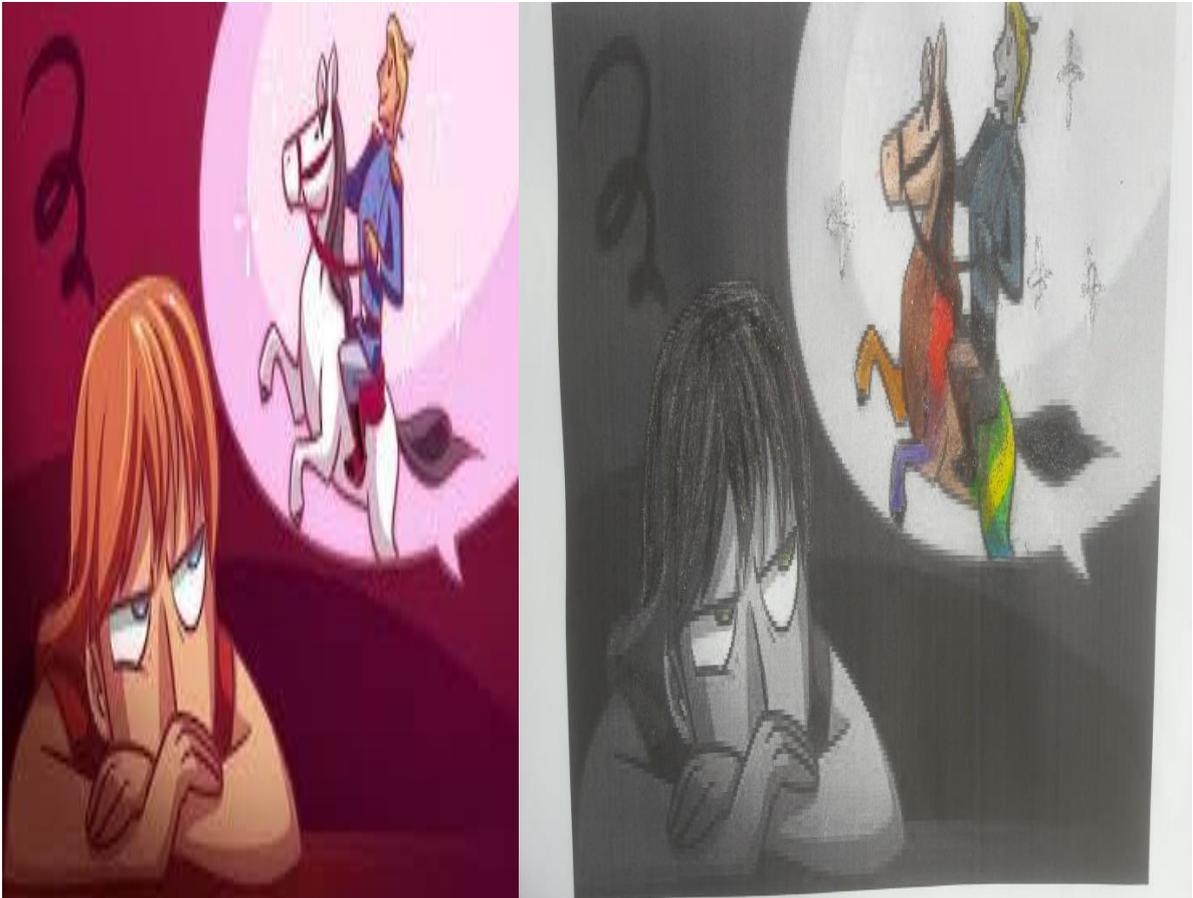


No frame para o miniconto *Adolescência*, podemos observar que o aluno o produziu manualmente, utilizando papel comum A4, lápis, lápis de cor e giz cera para realizar o seu desenho (RA). No entanto, o desenho foi fotografado e manipulado utilizando o programa Movie Maker (RTL). Assim, na sua versão final, após passar pelos processos de intervenção citados, o trabalho produzido pelo aluno pode ser considerado como uma *Reprodutibilidade artesanal/Reprodutibilidade Tecnológica (RA/RTL)*.

## Miniconto 2

Imagem original

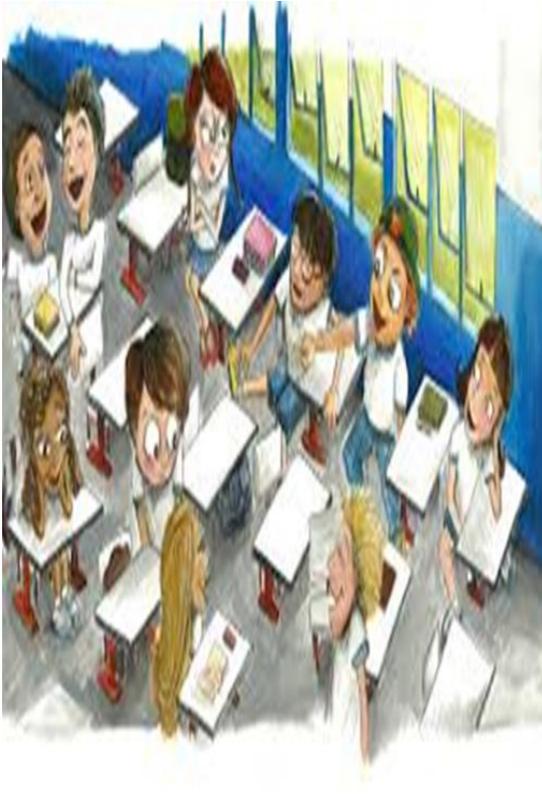
reprodutibilidade transformativa



No miniconto *Conto de fadas*, percebe-se que a obra *Adeus conto de fadas* serviu de motivação para a produção do texto. Na busca por uma imagem que relacionasse ou talvez completasse o sentido almejado no miniconto, a aluna recorreu ao *Wikimedia Commons* para escolher sua imagem. Esta foi posteriormente impressa em preto e branco (RTL) e para transformá-la, a aluna utilizou-se de materiais como lápis de cor e giz cera (RA). Logo após, a imagem foi fotografada (RTL) e manipulada, utilizando o programa Movie Maker (RTL). Assim, durante o processo, houve o confronto entre *Reprodutibilidade artesanal* e *Reprodutibilidade Tecnológica (RA/RTL)* o que originou uma imagem única, constituindo-se como um caso de reprodutibilidade transformativa.

## Miniconto 3

Imagem original



reprodutibilidade transformativa



Para a construção do frame relacionado ao miniconto 3, a aluna utilizou-se de uma imagem encontrada no *Wikimedia Commons* (RTL- saber pesquisar imagens específicas no site). Após a imagem ser impressa em preto e branco (RT- saber imprimir utilizando uma impressora), a aluna utilizou no seu trabalho artesanal (RA) materiais como canetinhas para colorir a imagem, tesoura para recortar revistas e jornais para realizar as colagens. Após esse processo, a imagem foi fotografada com câmera digital (RTL/RT – saber fotografar com recursos tecnológicos e sabe focalizar a imagem) e editada no programa *Movie Maker* (RTL). Logo, ao utilizar a *Reprodutibilidade artesanal*, a *reprodutibilidade técnica* e *Reprodutibilidade Tecnológica* (RA/RT/RTL) foi possível a construção de uma imagem que representa não uma reprodução apenas, mas uma reprodução transformativa, pois adquiriu características próprias ao confrontar trabalho artesanal (RA), a técnica (RT) e a tecnologia (RTL).

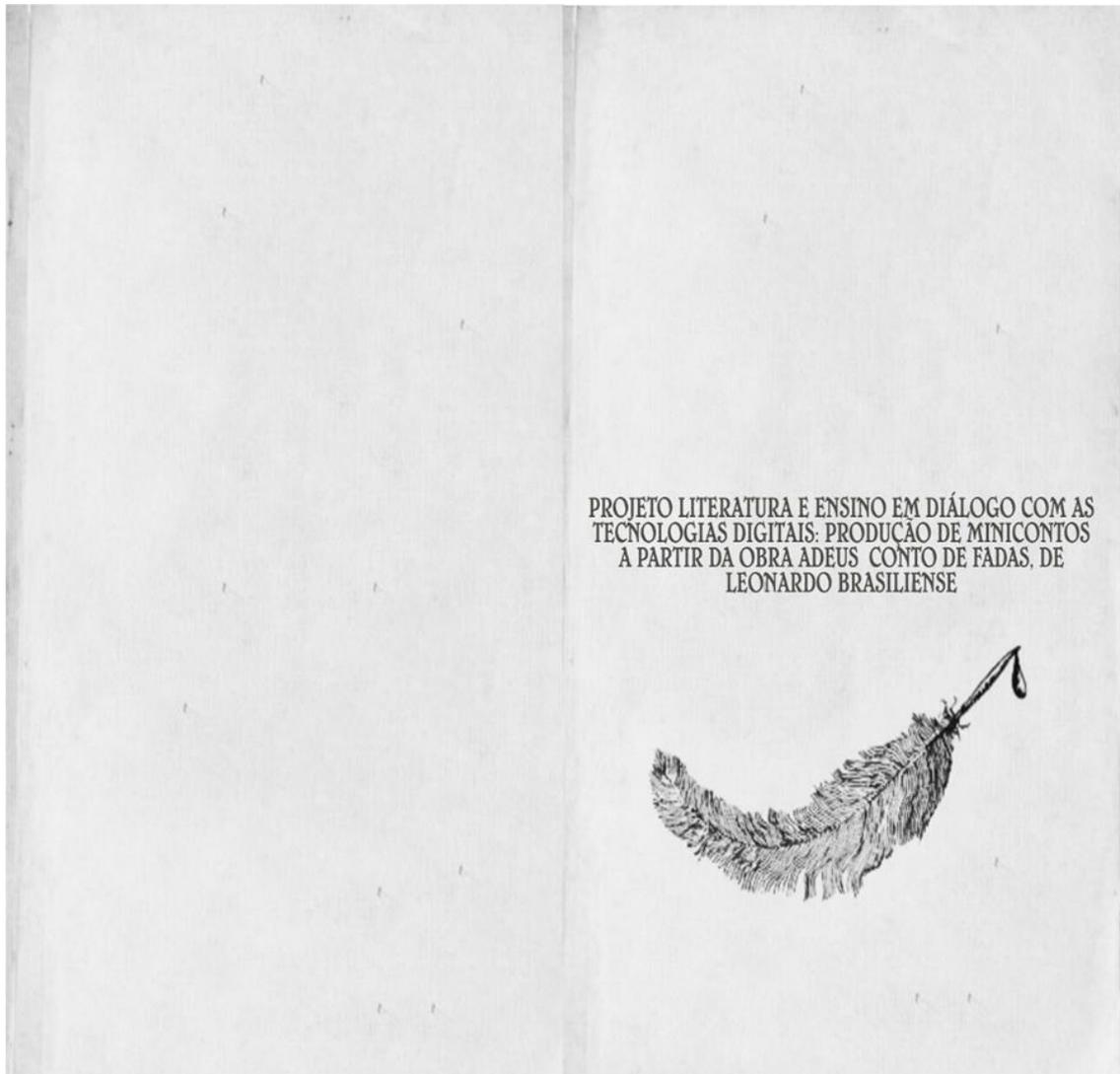
Os frames construídos pelos alunos deram origem ao livro da turma divulgado para a comunidade escolar na etapa final do Projeto Interventivo (divulgação ao público) e entregue para cada aluno no final da pesquisa. A obra foi idealizada pela professora que contou com apoio da direção da escola para a produção dos exemplares. O livro é composto por 28 minicontos. Cada miniconto vem acompanhado com o seu respectivo frame, ambos produzidos pelos alunos do 7º A. alguns alunos produziram, voluntariamente, mais de um miniconto, o que demonstra o grande envolvimento dos discentes durante a realização da pesquisa. No final, os estudantes escolheram os melhores minicontos para serem publicados nesta coletânea.

Durante a realização da divulgação ao público, os demais alunos da escola foram convidados para visitarem a sala do 7º “A” onde realizamos a exposição do livro e assistimos aos vídeos produzidos. Nesta etapa, os trabalhos foram divulgados apenas para os alunos da escola Estadual Luiz Frutuoso da Silva e cada aluno pode apresentar seu miniconto para os visitantes.

Com objetivo de compartilhar os minicontos para um número maior de pessoas, a obra foi exposta durante a III Feira do conhecimento, realizada anualmente pela escola. A obra foi exposta para a comunidade escolar, assim como para alunos de outras escolas, para que todos pudessem manusear o livro. Os estudantes do 7º “A” aproveitaram a ocasião para realizarem a leitura em voz alta de alguns minicontos para os visitantes da exposição. Foi notória a euforia dos alunos para mostrarem seus trabalhos para o público. Assim, os envolvidos no projeto (estudantes e professora) sentiram-se satisfeitos com os resultados, pois tiveram o reconhecimento e receptividade dos participantes da III Feira do conhecimento.

A seguir, apresentaremos o livro que reúne todos os minicontos produzidos.

## LIVRO DA TURMA



Capa do livro



### Adolescência

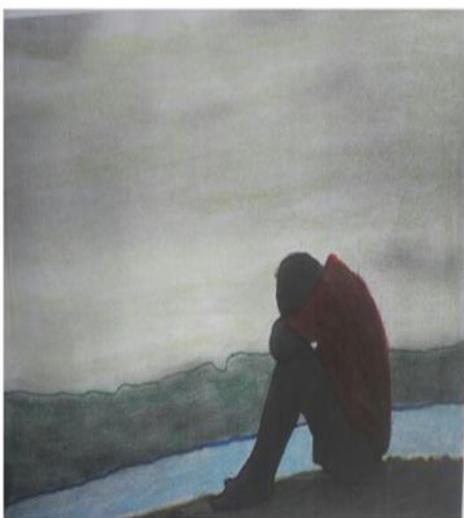
Emergência, emergência! - eu gritava.  
 Meus pais me acalmando. Eu dizia:  
 - Me leva para o hospital!  
 - Por quê?  
 - Olha o meu rosto!  
 - E daí? É só uma espinha. (João Victor)



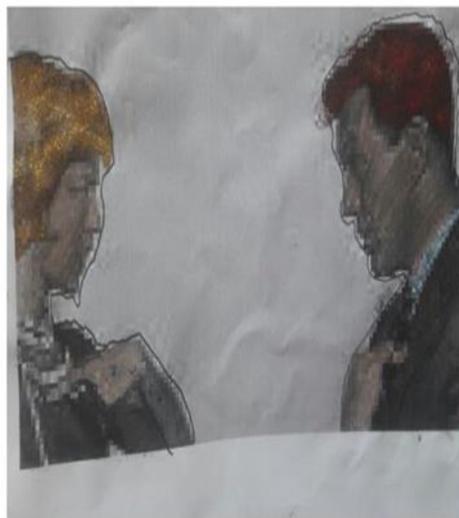
### O roubo

Ele é um dos ladrões mais espertos da cidade.  
 Um dia, foi roubar uma casa, ela era enorme.  
 Ele pulou o muro e percebeu que essa casa era dos  
 seus pais. (João Victor)

Quando eu era  
 Jovem não obedecia minha mãe.  
 Agora não a tenho aqui por perto. (Gustavo)



02



Primeiro encontro

Ele se arrumou, se preparou todo. Mas, na hora do encontro,  
 ele olhou para um lado, olhou para o outro e saiu correndo.

(Carlos Augusto)

27



### Doação amorosa

Quando adolescente, se apaixonou por uma moça. Só que ela era cega e só queria se casar quando pudesse enxergar. Ele doou seus olhos para ela. Quando a moça o viu, disse que não poderia mais se casar com ele porque era cego. Ele disse:  
- Cuida bem dos meus olhos, eu gostava muito deles.

(Thalyson)

### Aula de piano

Quando adolescente, ele quis fazer aula de piano. Logo virou o melhor pianista da escola. Até que percebeu que estava sonhando.

(Thalyson)



### Mico

Hoje na escola peguei meus livros, meu caderno,  
meus lápis e uma caneta.  
Estava tudo errado: atividade, errada, resposta errada,  
tudo errado.  
O livro estava de cabeça para baixo.

(Luna Beatriz)



### O silêncio

Andei , corri. Quando cheguei, só consegui te olhar.

(Izabelly)



**Quem será?**

Eu estava no baile funk dançando, ficando com vários garotos.  
Quando percebi, estava grávida.  
Mas quem será o pai?

(Fernanda)



24



**Olhar**

Eu estava na minha casa até te ver pela janela.  
Você estava com pressa. Eu corri para te alcançar, mas tropecei  
distraindo: eram os teus olhos.

(Rian Gabriel)

05



### A adolescência

Minha irmã se apaixonou por um homossexual.  
Minha mãe me dizia para eu acalmá-la.  
Até que ela se casou com um homem.

(Gabriele Cristine)

### Corrida de Fórmula 1

Estava na última volta.  
Quando cheguei à linha de chegada, me lembrei de que a minha  
imaginação era muito boa!

(Darcy)





### Relógio doído

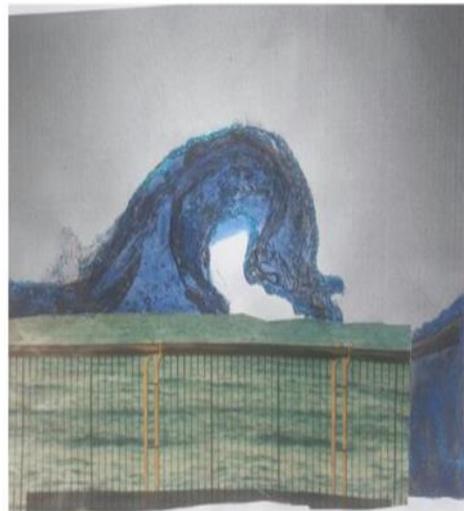
Acordei e olhei no relógio da cozinha.  
 Eram 6 horas da manhã e falei para a minha mãe:  
 - Mãe, vou dormir, são seis horas ainda.  
 E fui para a cama. Quando deitei, minha mãe me disse:  
 - O relógio está de cabeça para baixo!

(Darcy)

É só água! - ela comentou.

Mas, o menino não ouviu, mergulhava o corpo todo no riacho.  
 Quem vem da seca sabe que água é vida.

(Gabriel Renan)





### No dia de finados

Estava com meus amigos no dia de finados.  
Eles me mostraram uma coisa de arrepiar.  
Fui dormir, deixei minha mochila perto da minha cama.  
Ao acordar, vi um vulto. Achei uma faca no chão e o esfaqueei,  
mas era apenas um sonho.

(Luiz Henrique)

### Despercebido

Eu estava dormindo, me bateu um baita frio e me perguntei:  
- Peraí, eu não estou agasalhado?  
Quando vi, eu era maior que o lençol!

(Luiz Henrique)





### Distraído

Estava conversando, distraído, logo bati meu braço em um galho de árvore.  
Quando bati, vi uma taturana.  
Sorte que ela tinha os pelos pequenos.

(Leandro Henrique)

### Contos de fadas

Todo mundo já acreditou em príncipe de contos de fadas, super-heróis, mas logo percebemos que os contos de fadas não existem.  
E aquele romance, será que poderá se tornar real?

(Fabrícia)





### Pensamentos

Os raios de sol invadiram o meu quarto.  
 Quase todas as manhãs aquecem meu corpo, alegam meus dias e  
 abrem meus pensamentos que há muito tempo não eram abertos.  
 As coisas que um dia foram complicadas, hoje em dia, não são mais.

(Caroliny Vitória)

Eu estava na escola e escutei um barulho.

- Ei, por que estamos correndo?  
 - Você não escutou o barulho? Pode ser um tiro ou  
 qualquer outra coisa.  
 Era só um pum.

(Felipe)





**A adolescência**

Quando era adolescente, se apaixonou por uma menina,  
mas depois...

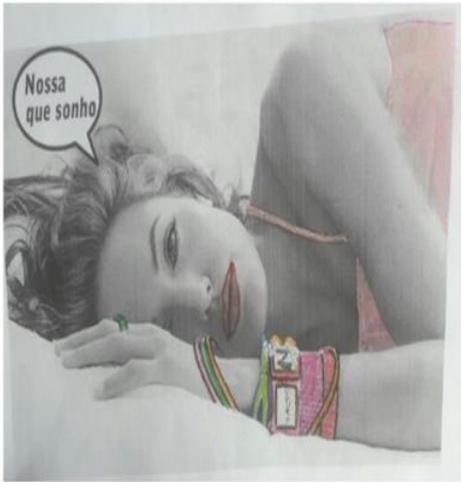
(Carla)

**Os estudos**

Ela estava no final dos estudos, mas foram interrompidos.

(Carla)





### Sonhos

Hoje sonhei que estava no parque brincando e feliz.  
 Ia no escorregador, corria, estava tão feliz.  
 Sinto falta daquele tempo.  
 Agora sei que isso nunca mais será possível. Acordei.

(Carolina)

### Minha vida

Sou uma adolescente muito sozinha.  
 Não sei como agir e muito menos como pensar.  
 Eu tenho amigas, porque será que eu me sinto sozinha?

(Tainara)



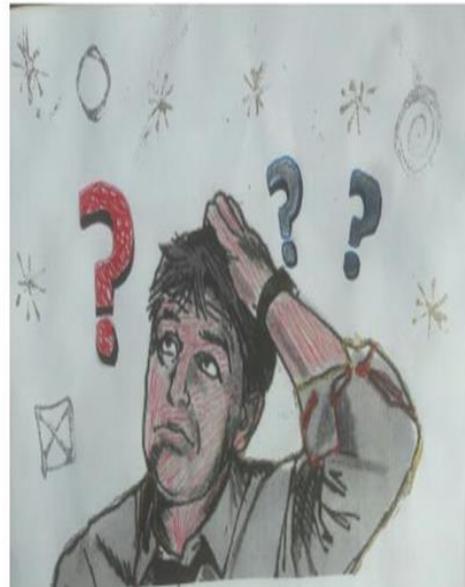


Quando eu era criança, não gostava de brincar com a Mily (minha amiga da escola) porque ela gostava de mim. Os anos se passaram, nós fomos crescendo, agora é ela que não gosta mais de mim.

(Luis Fernando)

Hoje a noite fez um frio...Procurava o controle do ar-condicionado para desligá-lo e não encontrava. Quando olho para cima paro, e penso:  
- Mas eu não tenho ar-condicionado!  
E... desliguei o ventilador...

(Lorena Cristina)





E a professora disse:  
- Façam duplas.  
Meus três amigos me olharam assombrados.

(Lorena Cristina)

### Cai de novo

Saí do prédio, pisei na rua, tropiquei, caí e achei um bilhete.  
Era sorte, abri-o e nele estava escrito que eu iria cair de novo.  
Levantei, comprei um bolo, tirei um pedaço.  
Não vi o enorme buraco.  
Fiquei com mais bolo na cara do que na boca.

(Luiz Eduardo)



Esta obra é uma coletânea dos minicontos autorais dos alunos do 7º A da escola Estadual Luiz Frutuoso da Silva do município de Sapezal- MT, produzidos durante o desenvolvimento do projeto de mestrado LITERATURA E ENSINO EM DIÁLOGO COM AS TECNOLOGIAS DIGITAIS: PRODUÇÃO DE MINICONTOS A PARTIR DA OBRA ADEUS CONTO DE FADAS, DE LEONARDO BRASILIENSE, sob a orientação da professora mestranda Edriane Andrade de Souza.

Agradecemos aos alunos envolvidos no projeto:

AIRON BARONCIELO FIGUEIREDO  
 CARLA FAGUNDES OLIVEIRA  
 CARLOS AUGUSTO DE SOUZA SILVA  
 CAROLINA SOUZA PAIM SOARES  
 CAROLINY VITORIA NERES SOARES  
 DARCY DA COSTA DORNELA NETO  
 FABRICIA NUNES SANTANA CANHET SANTOS  
 FELIPE GERONIMO DA MOTTA  
 FERNANDA COSTA HURTADO  
 GABRIEL RENAN LEITE DE OLIVEIRA  
 GABRIELE CRISTINE SILVA DE MORAES GOMES  
 GUSTAVO DO NASCIMENTO CUIABANO  
 IZABELLY ALVES DE ALMEIDA  
 JOÃO VICTOR NASCIMENTO YAMAVAKI  
 JULIO CESAR SILVA ALMEIDA  
 LEANDRO HENRIQUE BUENO CRISTANTE  
 LORENA CRISTINA SERINER  
 LUIS FERNANDO DA SILVA DUARTE  
 LUIZ EDUARDO SILVA DE ARRUDA  
 LUIZ HENRIQUE LACERDA MAIA  
 LUNA BEATRIZ ORTIZ SILVA  
 RIAN GABRIEL DE LIMA  
 TAINARA SANTOS OLIVEIRA  
 THALYSON PINHEIRO DOS SANTOS

Ao observarmos o livro que reúne os minicontos dos alunos, podemos considerar que os estudantes compreenderam a proposta inicial do Projeto interventivo e conseguiram utilizar e confrontar em suas produções os três tipos de reprodutibilidade estabelecidas por Rodrigues (2014): reprodutibilidade artesanal (RA), reprodutibilidade técnica (RT) e reprodutibilidade tecnológica (RTL).

Os dois produtos da pesquisa (livro da turma e vídeos) envolveram o texto literário e a tecnologia (*estratégia da reprodutibilidade transformativa*) sugerindo o desenvolvimento do letramento literário, a interação entre aluno e o texto literário integral. Assim, propôs que no ensino de literatura sejam acrescentados a tecnologia e a intervenção manual, possibilitando, dessa forma, que a literatura seja continuamente ensinada acompanhando as transformações sociais sem desvalorizar a historicidade da sala de aula ou tradicional, utilizando-se de uma multiplicidade de recursos expressivos e estéticos.

A intervenção nas imagens ou o uso da *estratégia da reprodutibilidade transformativa* para a construção dos frames, dos vídeos e do livro da turma, demonstrou que é possível aproveitar o potencial tecnológico no contexto escolar para desenvolver a capacidade de criação nos alunos, a interação e a atualização histórica. Nesse sentido, a tecnologia não pode ser considerada negativa, mas como uma estratégia para a construção de um ambiente de sala de aula produtivo.

a tecnologia não deve ser considerada apenas em seus aspectos negativos: a velocidade, o vazio de sentido, o processo de obsolescência, o fascínio tecnológico podem ser utilizados de maneira produtiva. Uma das maneiras de se aproveitar o potencial tecnológico é utilizando a estratégia da reprodutibilidade transformativa. (RODRIGUES, 2016)

Ao tornarem-se frames do vídeo divulgado para a comunidade escolar no final do projeto interventivo, as imagens analisadas contribuíram para a renovação do ensino de literatura na sala de aula, que, de acordo com o autor, “se encontra sobrecarregado pela tradição” (RODRIGUES, 2016).

A união dos textos escritos (minicontos) aos frames demonstra as diferentes possibilidades de se abordar o texto literário na escola. Ao envolver o texto literário, a *estratégia da reprodutibilidade transformativa* foge da tradicional abordagem do livro didático e, ao prezar o trabalho com textos na íntegra, firma-se como uma possibilidade de atualização e, sobretudo, da continuidade desse processo.

Com a estratégia da *reproduzibilidade transformativa* o processo não se finaliza; o novo produto representa uma parada momentânea em que a experiência advinda do processo é totalizada. Mas essa totalidade não representa um fim, não é resultado de um processo de causa-efeito, mas apenas um porto de parada [...], pois o novo produto é novamente reintroduzido de maneira a se manter sob a forma de um vir-a-ser, mas sem a promessa utópica de um final feliz ou catastrófico. (RODRIGUES, 2014)

Nessa perspectiva, a aplicabilidade dessa estratégia sugere que o espaço da literatura na escola seja o espaço da teatralidade. Isso significa que a linguagem passa a ser o ator principal nesse processo.

O espaço da literatura, como já se afirmou, é o espaço da teatralidade. Se assim o entendermos, ler a tecnologia nos termos da literatura significa, em última instância, tirar a tecnologia do seu silêncio opressor, fazê-la aparecer no palco da escola, citá-la, tal como o narrador cita uma personagem. Nesse sentido, a estratégia da *reproduzibilidade transformativa* deve designar um espaço e uma voz à tecnologia, esta, por sua vez, deve ser “obrigada” falar no “idioma da literatura”. (RODRIGUES, 2014)

Nesse caso, no ensino da literatura a tecnologia seria uma personagem que “com a sua intensidade, com sua velocidade, com seu vazio, também se refrata no ensino de literatura, favorecendo a emergência de novas maneiras de se ler e produzir o texto literário”. (RODRIGUES, 2014).

O uso da tecnologia em sala de aula durante a aplicação da *estratégia da reproduzibilidade transformativa* buscou apresentar novos paradigmas para o ensino de literatura, visto que a tecnologia tem criado novos desafios para o professor em sala de aula, pois a maioria dos estudantes têm estreita relação com o mundo virtual. O processo de aprendizagem se torna mais complexo e, com isso, se exige mais do professor. Como afirma, Allan,

A partir da adoção das tecnologias digitais dentro e fora das salas de aula, o processo de ensino e aprendizagem vem se tornando rapidamente um grande desafio para toda uma geração de professores que estudou e aprendeu a ensinar em uma era pré-digital. Quando foram formados, eles não contaram com recursos de interação e colaboração capazes de conectar mestres, estudantes e

a sociedade civil de uma forma geral, independentemente de sua formação, cultura ou nação onde vivem. (ALLAN, 2015, p.27)

Neste cenário em que a tecnologia está ganhando cada vez mais destaque, é necessário que tanto o professor quanto o aluno tenham sabedoria para utilizarem a tecnologia digital ou os recursos midiáticos de forma prudente, para terem acesso ao conhecimento e aprimorar o aprendizado. Neste sentido, concordamos com as afirmações de Kenski (2007), quando ele afirma que,

não são as tecnologias que vão revolucionar o ensino e, por extensão, a educação como um todo. Mas a maneira como esta tecnologia é utilizada para a mediação entre professores, alunos e a informação. Esta pode ser revolucionária, ou não. Os processos de interação e comunicação no ensino sempre dependeram muito mais das pessoas envolvidas no processo, do que das tecnologias utilizadas, sejam o livro, o giz ou o computador e as redes. (KENSKI, 2008, p.9)

Nesse sentido, o mesmo autor, salienta que, quando as tecnologias são utilizadas de forma consciente no espaço escolar, abrem

oportunidades que permitem enriquecer o ambiente de aprendizagem e apresenta-se como um meio de pensar e ver o mundo, utilizando-se de uma nova sensibilidade, através da imagem eletrônica, que envolve um pensar dinâmico, onde tempo, velocidade e movimento passam a ser os novos aliados no processo de aprendizagem (...). (KENSKI, 2007, p.45)

A utilização da tecnologia em sala de aula ou o uso da *estratégia da reprodutibilidade transformativa* durante a realização do projeto interventivo, possibilitou que as produções dos alunos fossem compartilhadas para um grande número de pessoas, causando grande impacto social. Os alunos compartilharam os frames, assim como os vídeos em redes sociais, como facebook, WhatsApp, possibilitando assim, que o aprendizado fosse muito além dos muros da escola. Assim, a tecnologia no ensino de literatura revelou os aspectos positivos de se levar essa inovação para sala de aula, em conformidade com o que afirma Allan (2015), quando o autor aponta que

o surgimento de novos formatos pedagógicos, reforçados pelo ingresso de recursos tecnológicos na educação, é um catalisador de inovações em curso que tem levado a escola para muito além de suas salas de aula, de suas bibliotecas e de universos até então restritos às suas comunidades de professores e alunos. (ALLAN, 2015, p.25)

Ao valorizar o trabalho artesanal e o potencial tecnológico, a *estratégia da reprodutibilidade transformativa* valorizou a criatividade do sujeito adolescente, sua historicidade e, sobretudo, contribuiu para despertar o interesse dos mesmos em literatura. Assim, corrobora para o ensino de literatura preconizado ao longo deste trabalho: literatura em diálogo com as tecnologias sem, contudo, perder o seu caráter humanizador.

## CAPÍTULO 6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos realizados durante o desenvolvimento da presente dissertação foram pertinentes para repensar o ensino de literatura, mais especificamente sobre a formação de leitores na chamada “era digital”. A proposta foi discutir como esse ensino pode dialogar com as tecnologias digitais sem deixar para trás a funcionalidade da literatura.

Ao abordar sobre o miniconto, que se configura como um gênero que se difundiu com as tecnologias digitais, apresentamos o mesmo como uma das estratégias para possibilitar o contato dos alunos com o texto literário no âmbito escolar. Dessa forma, evidenciaram-se as qualidades literárias desse gênero e sua eficácia para o incentivo à leitura.

Baseando-se na metodologia da pesquisa-ação, o projeto interventivo foi pertinente para a observação das dificuldades presentes no ambiente escolar e para a discussão e busca de soluções para tais problemas.

As propostas apresentadas no projeto interventivo concretizaram-se em práticas que propagaram o trabalho com a leitura, interpretação de textos, visto que essa era uma das competências que a maioria dos estudantes até o 9º ano da escola Estadual Luiz Frutuoso da Silva não apresentava, segundo dados do IDEB (2015).

Na realidade específica da turma do 7º ano “A” observamos que a maioria dos estudantes tinha o contato com o texto literário apenas no ambiente de sala de aula, por meio do livro didático. Isso não despertava o interesse dos alunos pela literatura, visto que os textos eram, na maioria, fragmentados e descontextualizados.

As atividades de leitura, especialmente da leitura coletiva da obra *Adeus conto de fadas* criaram um ambiente de descontração pelo fato de a obra ser permeada de humor, no entanto, também favoreceu o aprendizado, representando um momento de sanar dúvidas, de interação entre os envolvidos. As atividades de leitura propiciaram, assim, a troca de conhecimentos, deram voz aos sujeitos adolescentes e representaram uma motivação para as atividades de escrita.

Vale ressaltar que as produções dos alunos foram realizadas sem a interferência do professor para que não houvesse o cerceamento do processo criativo dos alunos. Os alunos produziram seus textos a partir das leituras realizadas e a partir da noção de gênero literário, visando assim adequar o texto às características do gênero miniconto.

A reescrita possibilitou a busca de adequação dos textos escritos à variedade padrão. Nesse sentido, foi possível trabalhar conteúdos para desenvolver a capacidade linguística dos alunos, visto que essa é uma das capacidades que podem ser desenvolvidas por meio do texto literário.

O projeto envolveu os alunos e estes mostraram grande interesse e participação. O ambiente do laboratório de informática utilizado para pesquisa e audição de minicontos, a possibilidade de usar o celular em sala de aula (proibido por lei) como recurso para pesquisa e para fotografar os frames produzidos, a escolha das músicas, a possibilidade de divulgação do produto final para a comunidade escolar, aumentou a euforia dos alunos e a disputa própria da idade, para a elaboração de trabalhos bem acabados e que agradassem ao público na etapa de divulgação, realizada no final do Projeto interventivo.

É importante frisar que a proposta interventiva foi elaborada prevendo que dificuldades seriam encontradas no caminho e que os resultados nem sempre poderiam ser os almejados. Por isso, a pesquisa realizada pode ser considerada com uma pesquisa-ação, pois apresentou os problemas e percorreu caminhos (que poderiam ser outros dependendo dos resultados) para a resolução ou pelo menos esclarecimentos dos problemas encontrados.

Observando os resultados obtidos podemos afirmar que o desenvolvimento de projetos que visam diferentes objetivos deveria ser prioridade no contexto escolar. Mais do que isso, pode-se considerar que embora com poucos recursos disponíveis na escola como falta de computadores, problemas com a internet, falta de recursos para impressão de textos na íntegra, de bibliotecas (problemas estes enfrentados durante a realização da presente pesquisa-ação), é possível desenvolver projetos que contemplem o texto literário, entre outros projetos.

Entre os recursos que pode ser utilizado para se trabalhar o texto literário na íntegra, contrapondo ao que é oferecido pelo livro didático, podemos citar o *Datashow*,

que está presente na maioria das escolas, e o celular que é uma mídia que pode ser integrada ao espaço de sala de aula. Assim, pôde-se desenvolver a *estratégia da reprodutibilidade transformativa* de Rodrigues (2014), que possibilita o uso do potencial tecnológico, não para anular o artesanal, mas como recurso para que o novo, a atualização, seja constante no ensino da literatura.

Podemos argumentar, nessa perspectiva, que o ensino de literatura em diálogo com às tecnologias digitais não seria uma forma de degradar a identidade escolar, mas de conscientizar os alunos da eficácia da internet para a ampliação de conhecimentos. Ao dar voz a tecnologia no ensino, podemos despertar o gosto pelo conhecimento, pela arte, e, conseqüentemente, pela literatura, que é uma das mais antigas formas de arte. Logo, com essa metodologia podemos assegurar que a literatura seja perpetuada nas diferentes gerações e não corra risco de enfraquecimento.

A intervenção realizada propôs, assim, a importância do texto literário para a resolução de problemas referentes à leitura e produção textual nos anos finais do ensino fundamental. Ao apresentar a produção final dos minicontos que uniu linguagem verbal, não verbal em diálogo com as tecnologias digitais, este trabalho apresentou estratégias que contribuem para o desenvolvimento da capacidade crítica, criativa, linguística e humana dos educandos por meio do texto literário.

Assim, pudemos propiciar um ensino de literatura humanizado que dá aos sujeitos aprendizes a oportunidade de expressão, de valorizar sua historicidade e de revelar seus talentos muitas vezes anulados pelo marasmo do espaço escolar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLAN, Luciana. **Escola.com: Como as Novas Tecnologias Estão Transformando a Educação na Prática**. São Paulo: Novo Século Editora, 2015.
- ALMEIDA, Márcio. **A minificação do Brasil: em defesa dos frascos & dos comprimidos**. Oliveira: Clube dos Autores, 2010.
- ANDRADE, Oswald. **Memórias Sentimentais de João Miramar**. São Paulo, Globo, 1991
- ARAÚJO, Regina Lúcia de. **Raul Pompéia: jornalismo e prosa poética**. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- BAUDELAIRE, C. **Sobre a modernidade**. São Paulo: Paz e terra, 2011.
- BENJAMIN. Walter. **A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica**. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- \_\_\_\_\_. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política*. 6 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BRASILIANSE, Leonardo. **Adeus conto de fadas: (minicontos juvenis)**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2006.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Língua Portuguesa, 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental**. Brasília: MEC, 1998.
- CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. Companhia de Bolso, São Paulo, 2007.
- CAMPOS, Maria Consuelo Cunha. **Sobre o conto brasileiro**. Rio de Janeiro: Gradus, 1977.
- CANDIDO, A. **O direito à literatura**. In: *Vários escritos*. 3ªed. São Paulo, Duas Cidades, 2004.
- CAPAVERDE, Tatiana da Silva. **Intersecções possíveis: o miniconto e a série fotográfica**. Dissertação de Mestrado. UFRGS, 2004.
- CARVALHO, Diógenes. **A leitura da literatura na escola: o lugar da criança como sujeito sócio-histórico**. In: AGUIAR & PENTEADO MARTHA (org.). *Territórios da leitura: da literatura aos leitores*. 2006.
- CORTÁZAR, Julio. **Valise de cronópio**. trad. Davi Arrigucci Jr. e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2006. 2. ed.
- COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2014.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCNNEUWLY, B. **Seqüências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento.** In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. et al. **Gêneros orais e escritos na escola.** Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 95-128.

ERIK, Karl. Miniatura e fragmento: Brevíssima incursão pelas formas breves do Brasil. In: NOGUEROL, Francisca (Org.). *Escritos disconformes. Nuevos Modelos de Lectura.* Salamanca, Universidade de Salamanca, 2004. p. 153-162

FOUCAULT, M. **O nascimento da clínica.** Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001a.

FREIRE, Marcelino (org.). **Os Cem Menores Contos Brasileiros do Século.** Cotia: Ateliê Editorial, 2004. 2 ed.

GERALDI, J.W. **Portos de Passagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GONZAGA, Pedro. **A poética da minificação: Dalton Trevisan e as ministórias de Ah, é?** Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

GOTLIB, Nádya Batella. **Teoria do conto.** 11. ed. São Paulo Ática, 2006.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: O novo ritmo da informação.** Campinas: Papirus, 2007.

\_\_\_\_\_. Novos processos de interação e comunicação no ensino mediado pelas tecnologias. **Cadernos Pedagogia Universitária.** Universidade de São Paulo, 2008.

LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil.** São Paulo: Ática, 1996. 374 p. (Série Temas, volume 38).

\_\_\_\_\_. **Livro didático: um (quase) manual do usuário.** Em aberto, Brasília, v. 16, n. 69, 1996.

\_\_\_\_\_. **Do mundo da Leitura para a leitura de mundo.** São Paulo: Ática, 2002.

LOPES-ROSSI, M. A. G. **Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos.** In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino.** 4.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais: Definição e funcionalidade.** In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R. M. & BEZERRA, M. A. (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino.* 3. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Mutações da literatura no século XXI.** São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

PÊCHEUX, Michel. O mecanismo do (des)conhecimento ideológico. In: ZIZEK, S. **Um mapa da ideologia.** Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

PIGLIA, Ricardo. **Formas breves.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

QUADRO (VÍDEO). In: **WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre**. Flórida: Wikimedia Foundation, 2018. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Quadro\\_\(v%C3%ADdeo\)&oldid=51496576](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Quadro_(v%C3%ADdeo)&oldid=51496576)>. Acesso em: 12 mar. 2018.

RETRATOS da leitura no Brasil 3/ Organizadora Zoara Failla. – São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2012.

\_\_\_\_\_. – São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2016.

RODRIGUES, Lucilo Antonio. A estratégia da reprodutibilidade transformativa. In: **O blended learning como estratégia no ensino de literatura**. Relatório de projeto de Pesquisa CNPQ/UEMS - 2011-2013.

SIMÕES, Maria Lúcia. **Contos Contidos**. Belo Horizonte: RJH, 1996.

SOARES, M. B. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, A.A. M.; BRANDÃO, H. M. B.; MACHADO, M. Z. V. **Escolarização da leitura literária**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

\_\_\_\_\_. **Um olhar sobre o Livro Didático**. Presença Pedagógica, Belo Horizonte, v.2. n.12, p. 52-63, nov/dez. 1996.

SPALDING, Marcelo. **Os cem menores contos brasileiros do século e a reinvenção do miniconto na literatura brasileira contemporânea**. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira, Portuguesa e Luso-africanas) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

THIOLLENT. Michel, 1947. **Metodologia da pesquisa-ação** / Michel Thiollent. 18. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo; tradução Caio Meira**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

**Universos**: língua portuguesa. Obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida por Edições SM. Editor responsável Rogério de Araújo Ramos. 1 ed. São Paulo: Edições SM, 2012. (Coleção)

VIEIRA, Miguel Heitor Braga. **Formas mínimas**: minificção e literatura brasileira contemporânea. Tese (Doutorado em Letras - Estudos literários) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.

\_\_\_\_\_. **Revista Língua & Literatura**, v. 17, n. 28, p. 66-80, ago. 2015.

ZILBERMAN, Regina. **O papel da literatura na escola**. Via Atlântica, n. 14, dez. 2008. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50376>.

## **ANEXO 1 – VERSÃO FINAL DOS MINICONTOS PRODUZIDOS PELOS ALUNOS**

### **MÓDULO 3 – REESCRITA**

#### **Miniconto 1**

##### Adolescência

Emergência, emergência! – eu gritava.

Meus pais me acalmando. Eu dizia:

- Me leva para o hospital!

- Por quê?

- Olha o meu rosto!

- E daí? É só uma espinha.

(João Victor)

#### **Miniconto 2**

##### O roubo

Ele é um dos ladrões mais espertos da cidade. Um dia, foi roubar uma casa, ela era enorme. Ele pulou o muro e percebeu que essa casa era dos seus pais.

(João Victor)

#### **Miniconto 3**

##### Quando eu era

Jovem não obedecia minha mãe. Agora não a tenho aqui por perto.

(Gustavo)

**Miniconto 4**

## Primeiro encontro

Ele se arrumou, se preparou todo. Mas, na hora do encontro, ele olhou para um lado, olhou para o outro e saiu correndo.

(Carlos Augusto)

**Miniconto 5**

## Aula de piano

Quando adolescente, ele quis fazer aula de piano. Logo virou o melhor pianista da escola. Até que percebeu que estava sonhando.

(Thalyson)

**Miniconto 6**

## Doação amorosa

Quando adolescente, se apaixonou por uma moça. Só que ela era cega e só queria se casar quando pudesse enxergar. Ele doou seus olhos para ela. Quando a moça o viu, disse que não poderia mais se casar com ele porque era cego. Ele disse:

- Cuide bem dos meus olhos, eu gostava muito deles.

(Thalyson)

**Miniconto 7**

## Mico

Hoje na escola peguei meus livros, meu caderno, meus lápis e uma caneta. Estava tudo errado: atividade, errada, resposta errada, tudo errado. O livro estava de cabeça para baixo.

(Luna Beatriz)

### **Miniconto 8**

#### O silêncio

Andei , corri. Quando cheguei, só consegui te olhar.

(Izabelly)

### **Miniconto 9**

#### Quem será?

Eu estava no baile funk dançando, ficando com vários garotos. Quando percebi, estava grávida. Mas quem será o pai?

(Fernanda)

### **Miniconto 10**

#### Olhar

Eu estava na minha casa até te ver pela janela. Você estava com pressa. Eu corri para te alcançar, mas tropecei distraído: eram os teus olhos.

(Rian)

### **Miniconto 11**

#### A adolescência

Minha irmã se apaixonou por um homossexual. Minha mãe me dizia para eu acalmá-la. Até que ela se casou com um homem.

(Gabriele)

### **Miniconto 12**

#### Corrida de Fórmula 1

Estava na última volta. Quando cheguei à linha de chegada, me lembrei que a minha imaginação era muito boa!

(Darcy)

### **Miniconto 13**

#### Relógio doido

Acordei e olhei no relógio da cozinha. Eram 6 horas da manhã e falei para a minha mãe:

- Mãe, vou dormir, são seis horas ainda.

E fui para a cama. Quando deitei, minha mãe me disse:

- O relógio está de cabeça para baixo!

(Darcy)

### **Miniconto 14**

É só água! – ela comentou.

Mas o menino não ouviu, mergulhava o corpo todo no riacho. Quem vem da seca sabe que água é vida.

(Gabriel)

### **Miniconto 15**

#### No dia de finados

Estava com meus amigos no dia de finados. Eles me mostraram uma coisa de arrepiar. Fui dormir, deixei minha mochila perto da minha cama. Ao acordar, vi um vulto. Achei uma faca no chão e o esfaqueei, mas era apenas um sonho.

(Luiz Henrique)

### **Miniconto 16**

#### Despercebido

Eu estava dormindo, me bateu um baita frio e me perguntei:

- Espera aí, eu não estou agasalhado?

Quando vi, eu era maior que o lençol!

(Luiz Henrique)

### **Miniconto 17**

#### Distraído

Estava conversando, distraído, logo bati meu braço em um galho de árvore. Quando bati, vi uma taturana. Sorte que ela tinha os pelos pequenos.

(Leandro Henrique)

### **Miniconto 18**

#### Contos de fadas

Eu já acreditei em príncipe de contos de fadas, super-heróis, mas um dia percebi que os contos de fadas não existem.

- E aquele romance, será que poderá se tornar real?

(Fabrícia)

### **Miniconto 19**

#### Pensamentos

Os raios de sol invadiram o meu quarto. Quase todas as manhãs aquecem meu corpo, alegam meus dias e abrem meus pensamentos que há muito tempo não eram abertos. As coisas que um dia foram complicadas, hoje em dia, não são mais.

(Caroliny)

### **Miniconto 20**

Eu estava na escola e escutei um barulho.

- Ei, por que estamos correndo?

- Você não escutou o barulho? Pode ser um tiro ou qualquer outra coisa.

Era só um pum.

(Felipe)

### **Miniconto 21**

A adolescência

Quando era adolescente, se apaixonou por uma menina, mas depois...

(Carla)

### **Miniconto 22**

Os estudos

Ela estava no final dos estudos, mas foram interrompidos.

(Carla)

### **Miniconto 23**

Sonhos

Hoje sonhei que estava no parque brincando e feliz. Ia no escorregador, corria, estava tão feliz. Sinto falta daquele tempo. Agora sei que isso nunca mais será possível. Acordei.

(Carolina)

### **Miniconto 24**

Minha vida

Sou uma adolescente muito sozinha. Não sei como agir e muito menos como pensar. Eu tenho amigas, porque será que me sinto sozinha?

(Tainara)

### **Miniconto 25**

Quando eu era criança, não gostava de brincar com a Mily (minha amiga da escola) porque ela gostava de mim. Os anos se passaram, nós fomos crescendo, agora é ela que não gosta mais de mim.

(Luis Fernando)

### **Miniconto 26**

Hoje a noite fez um frio...Procurava o controle do ar-condicionado para desligá-lo e não encontrava. Quando olho para cima paro, e penso:

- Mas eu não tenho ar-condicionado!

E... desliguei o ventilador...

(Lorena)

### **Miniconto 27**

E a professora disse:

- Façam duplas.

Meus três amigos me olham assombrados.

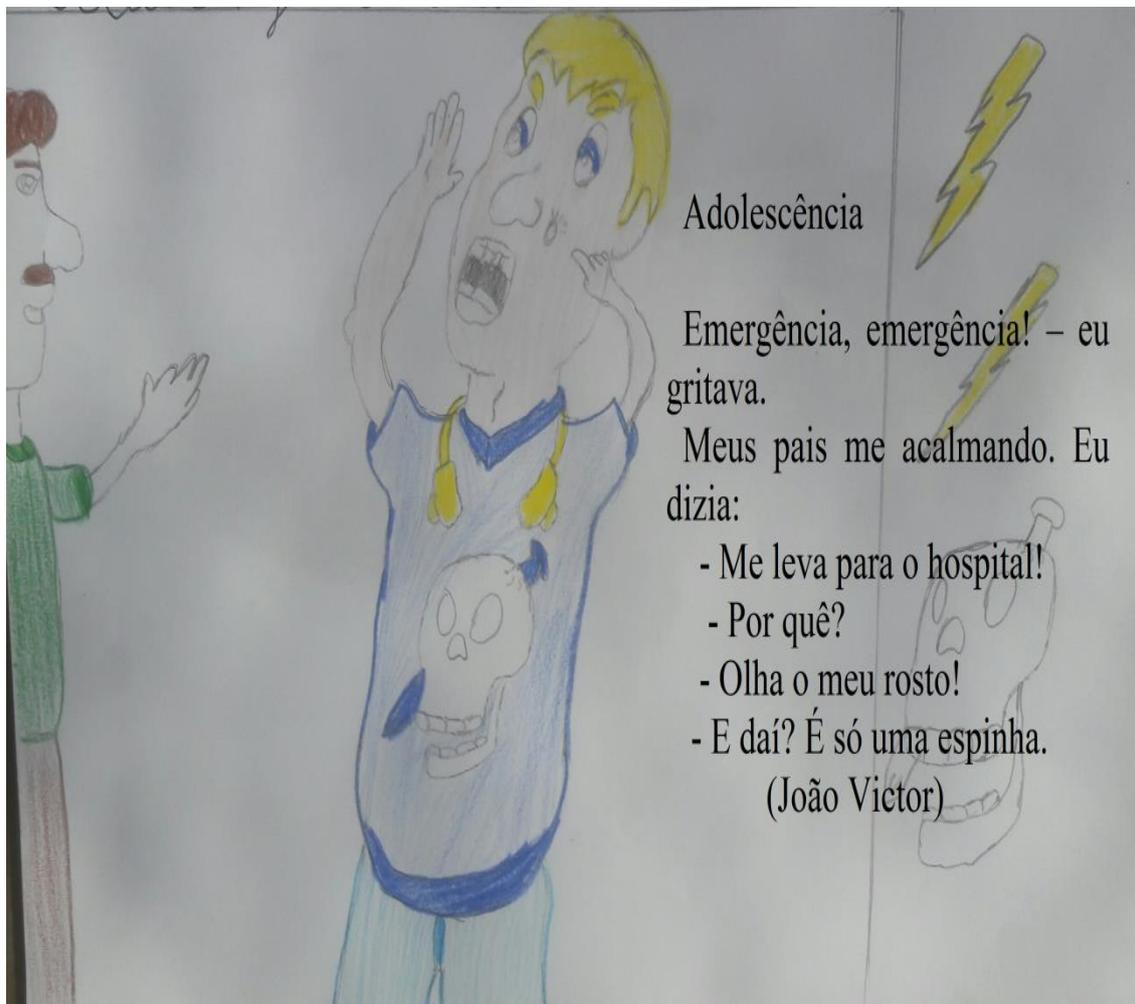
(Lorena)

### **Miniconto 28**

Cai de novo

Saí do prédio, pisei na rua, tropiquei, caí e achei um bilhete. Era sorte, abri-o e nele estava escrito que eu iria cair de novo. Levantei, comprei um bolo, tirei um pedaço. Não vi o enorme buraco. Fiquei com mais bolo na cara do que na boca.

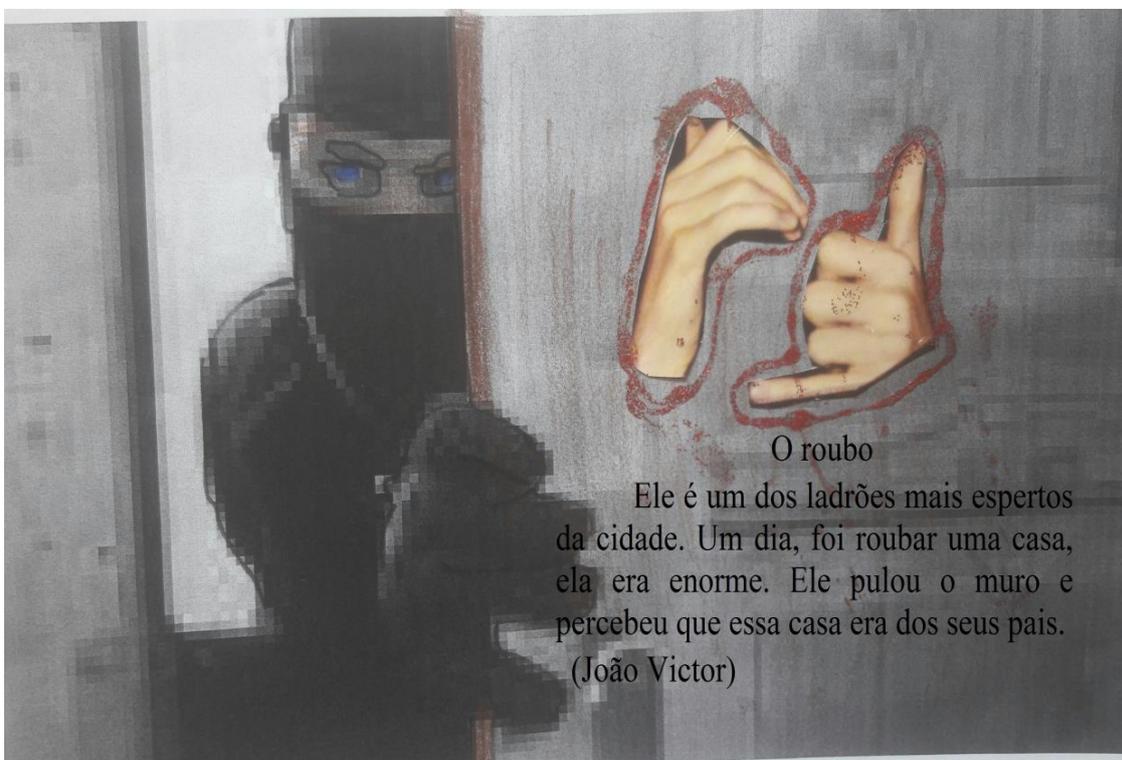
(Luiz Eduardo)

**ANEXO 2 - FRAMES PRODUZIDOS PELOS ALUNOS (MÓDULO IV)****FRAME 1**

FONTE: Arquivo da pesquisa

**FRAME 2**

FONTE: [Wikimedia Commons](#)

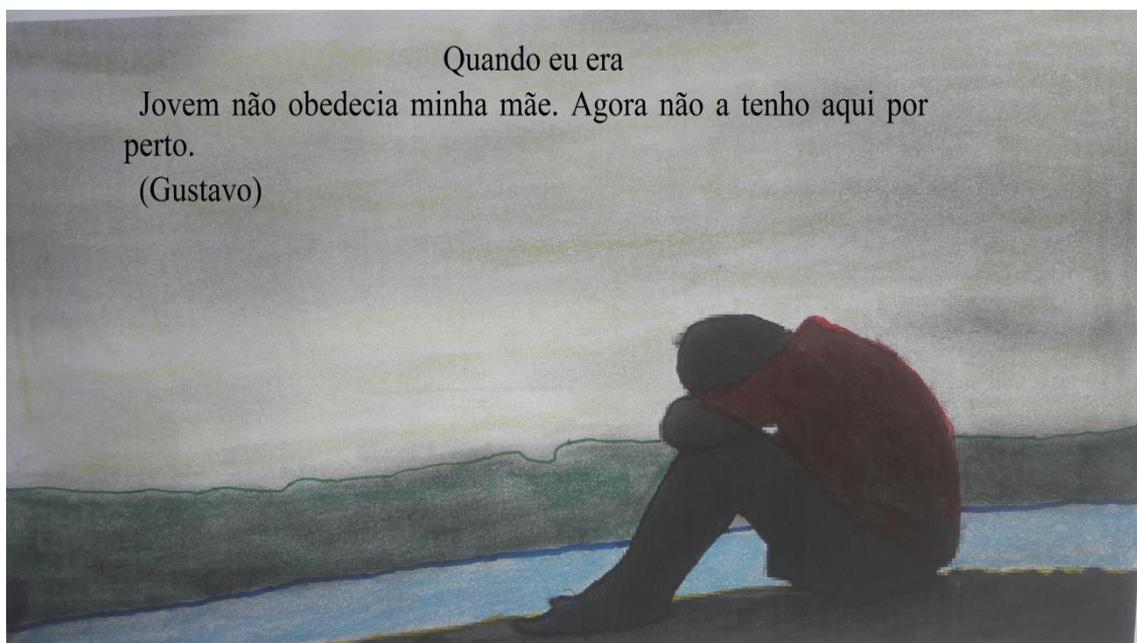
**O roubo**

Ele é um dos ladrões mais espertos da cidade. Um dia, foi roubar uma casa, ela era enorme. Ele pulou o muro e percebeu que essa casa era dos seus pais.  
(João Victor)

FONTE: [Arquivo da pesquisa](#)

**FRAME 3**

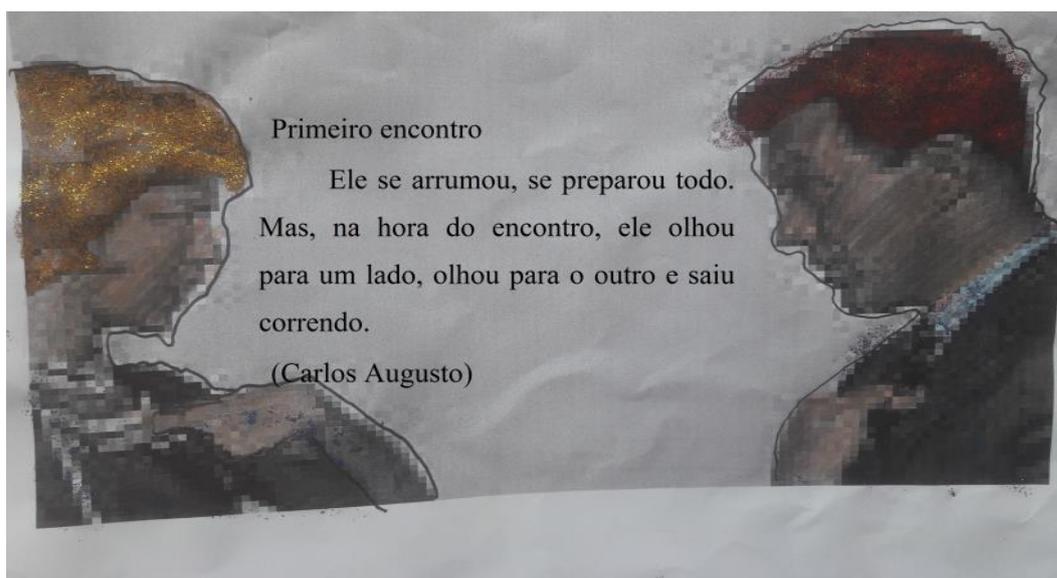
FONTE: [Wikimedia Commons](#)



FONTE: [Arquivo da pesquisa](#)

**FRAME 4**

FONTE: [Wikimedia Commons](#)



Primeiro encontro

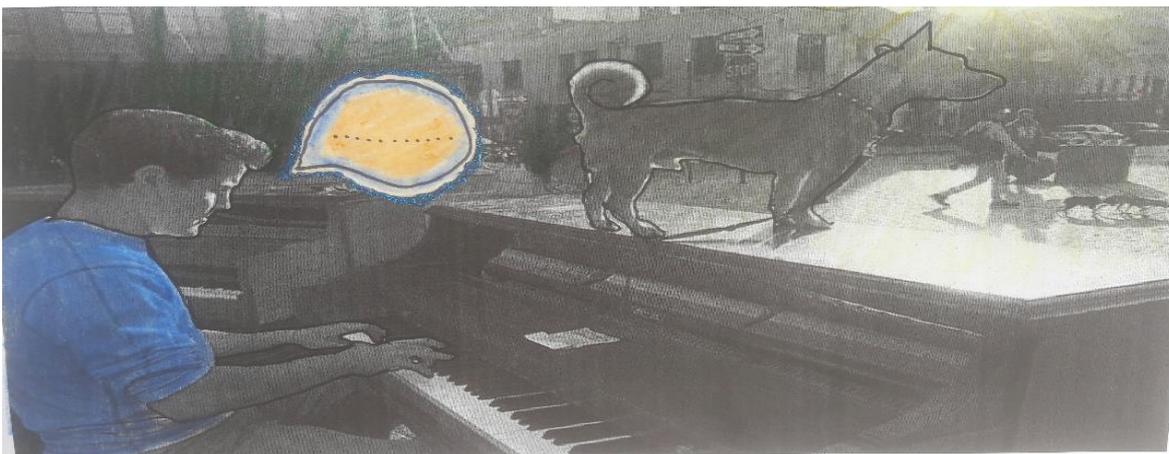
Ele se arrumou, se preparou todo.  
Mas, na hora do encontro, ele olhou  
para um lado, olhou para o outro e saiu  
correndo.

(Carlos Augusto)

FONTE: [Arquivo da pesquisa](#)

**FRAME 5**

FONTE: Wikimedia Commons

**Aula de piano**

Quando adolescente, ele quis fazer aula de piano. Logo virou o melhor pianista da escola. Até que percebeu que estava sonhando.

(Thalyson)

FONTE: Arquivo da pesquisa

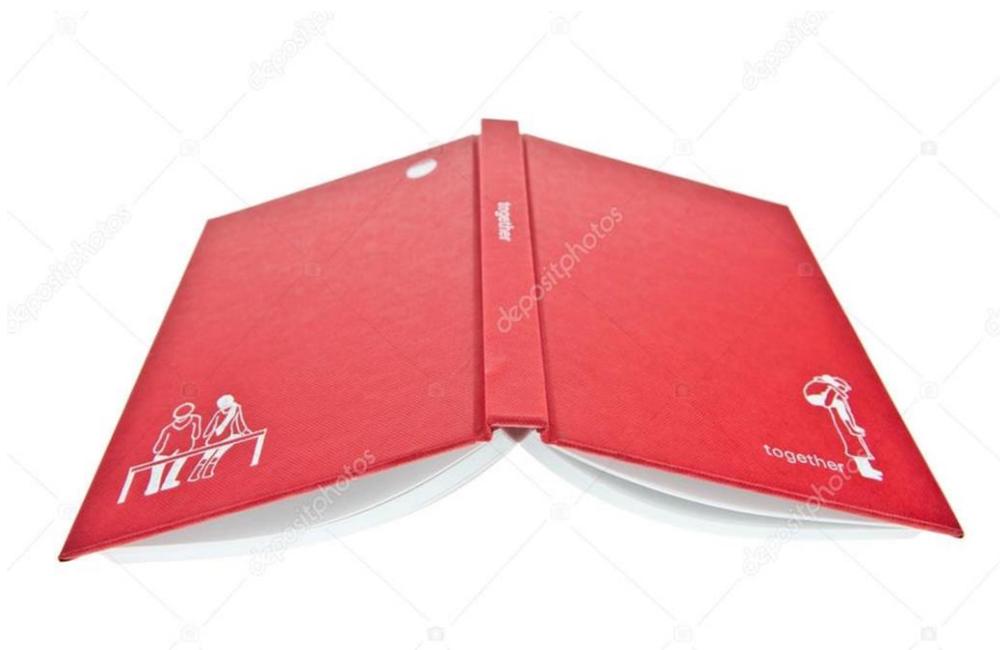
**FRAME 6**

FONTE: [Wikimedia Commons](#)

**Doação amorosa**

Quando adolescente, se apaixonou por uma moça. Só que ela era cega e só queria se casar quando pudesse enxergar. Ele doou seus olhos para ela. Quando a moça o viu, disse que não poderia mais se casar com ele porque era cego. Ele disse:  
- Cuide bem dos meus olhos, eu gostava muito deles.  
(Thalyson)

FONTE: [Arquivo da pesquisa](#)

**FRAME 7**

FONTE: [Wikimedia Commons](#)

**Mico**

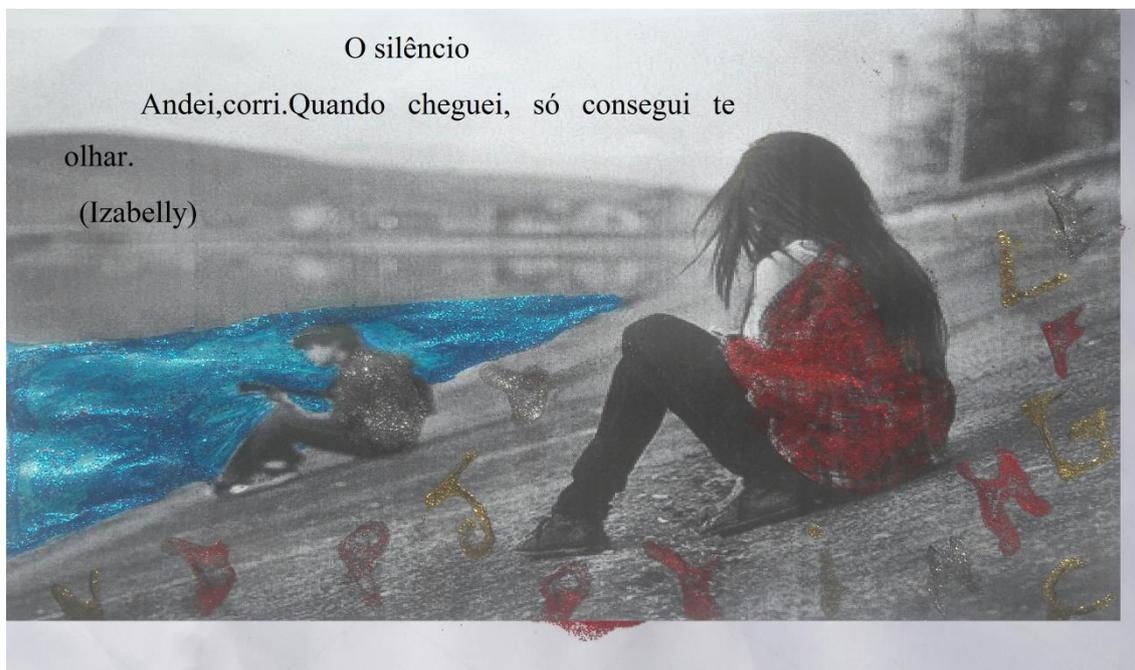
Hoje na escola peguei meus livros, meu caderno, meus lápis e uma caneta. Estava tudo errado: atividade, errada, resposta errada, tudo errado. O livro estava de cabeça para baixo.



FONTE: [Arquivo da pesquisa](#)

**FRAME 8**

FONTE: [Wikimedia Commons](#)



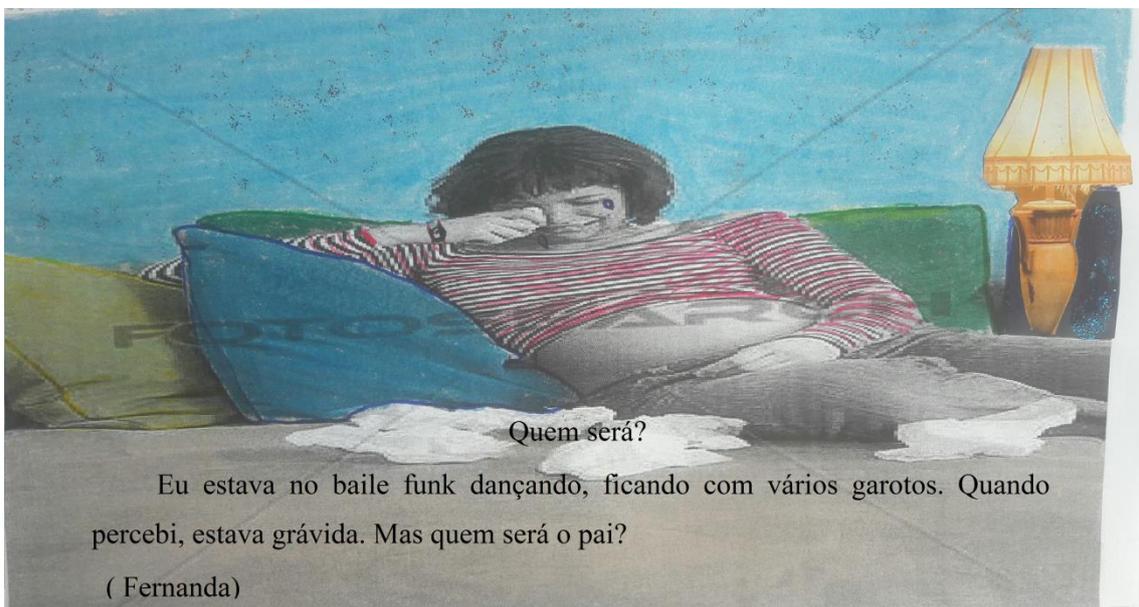
FONTE: [Arquivo da pesquisa](#)

## FRAME 9



ie330-012 www.fotosearch.com.br

FONTE: Wikimedia Commons



Quem será?

Eu estava no baile funk dançando, ficando com vários garotos. Quando percebi, estava grávida. Mas quem será o pai?

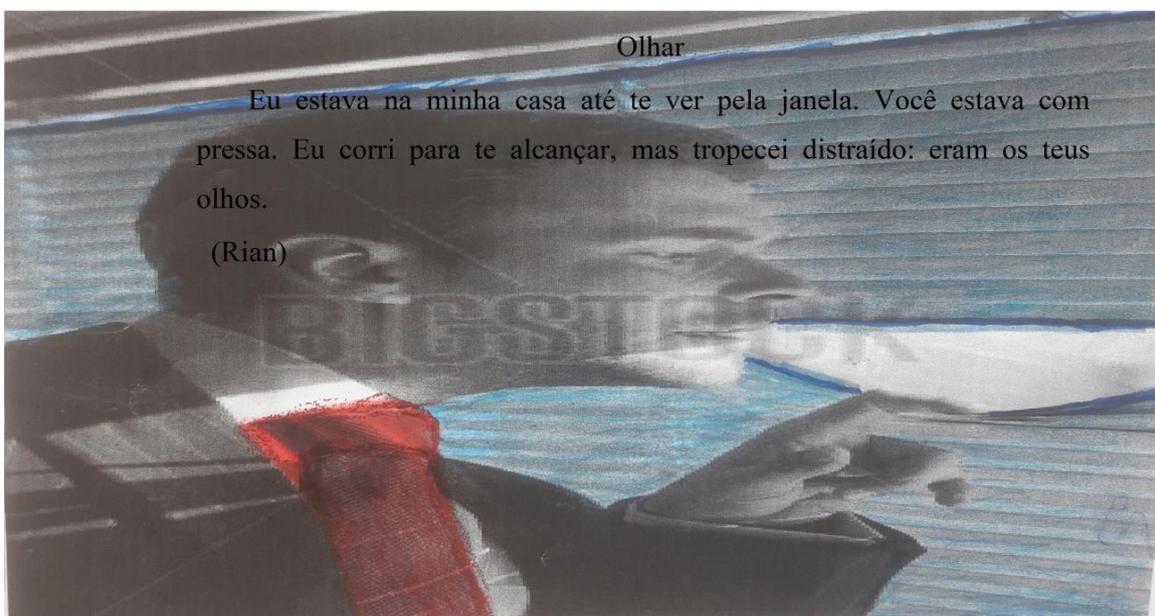
(Fernanda)

FONTE: Arquivo da pesquisa

## FRAME 10



www.bigstock.com · 3378991



FONTE: Arquivo da pesquisa

**FRAME 11**

FONTE: Wikimedia Commons

**A adolescência**

Minha irmã se apaixonou por um homossexual. Minha mãe me dizia para eu acalmá-la. Até que ela se casou com um homem.  
(Gabriele)

FONTE: Arquivo da pesquisa

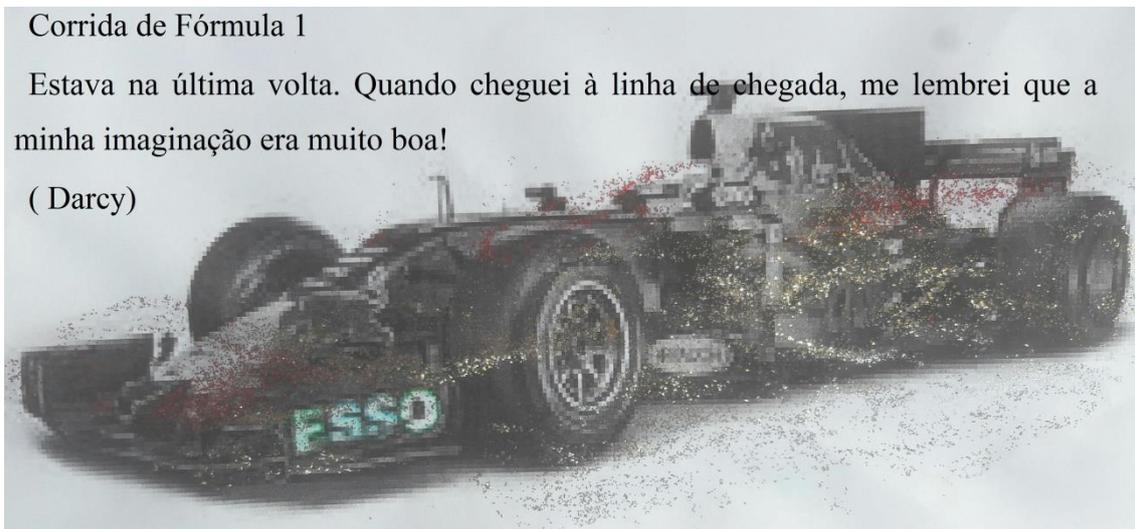
**FRAME 12**

FONTE: [Wikimedia Commons](#)

Corrida de Fórmula 1

Estava na última volta. Quando cheguei à linha de chegada, me lembrei que a minha imaginação era muito boa!

( Darcy )



FONTE: [Arquivo da pesquisa](#)

## FRAME 13



FONTE: Wikimedia Commons



### Relógio doido

Acordei e olhei no relógio da cozinha. Eram 6 horas da manhã e falei para a minha mãe:

- Mãe, vou dormir, são seis horas ainda.

E fui para a cama. Quando deitei, minha mãe me disse:

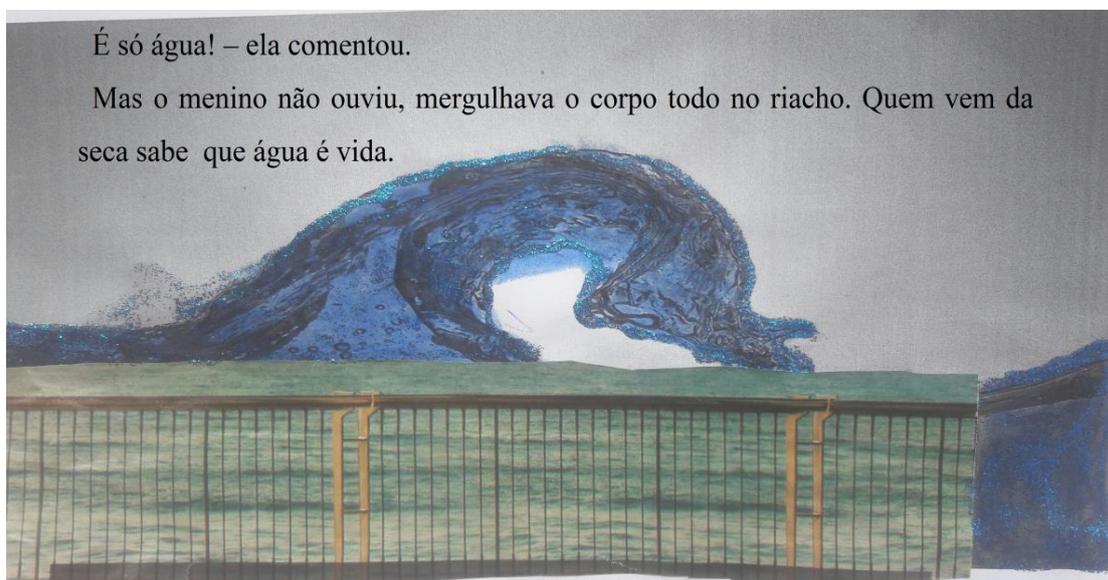
- O relógio está de cabeça para baixo!

( Darcy)

FONTE: Arquivo da pesquisa

**FRAME 14**

FONTE: Wikimedia Commons



FONTE: Arquivo da pesquisa

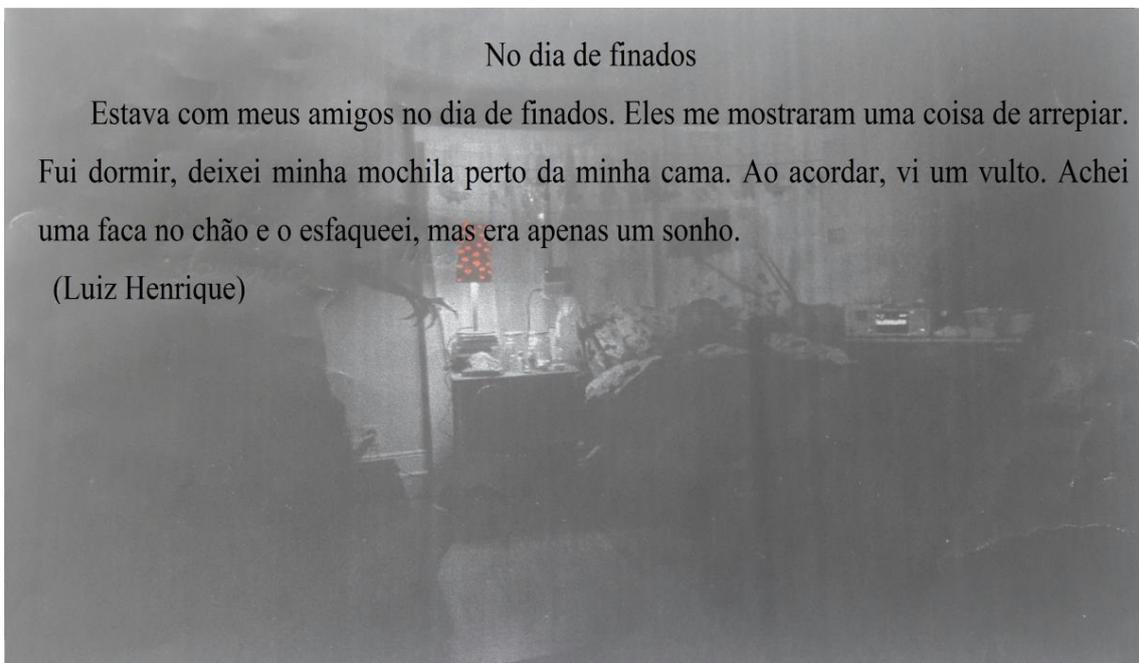
**FRAME 15**

FONTE: [Wikimedia Commons](#)

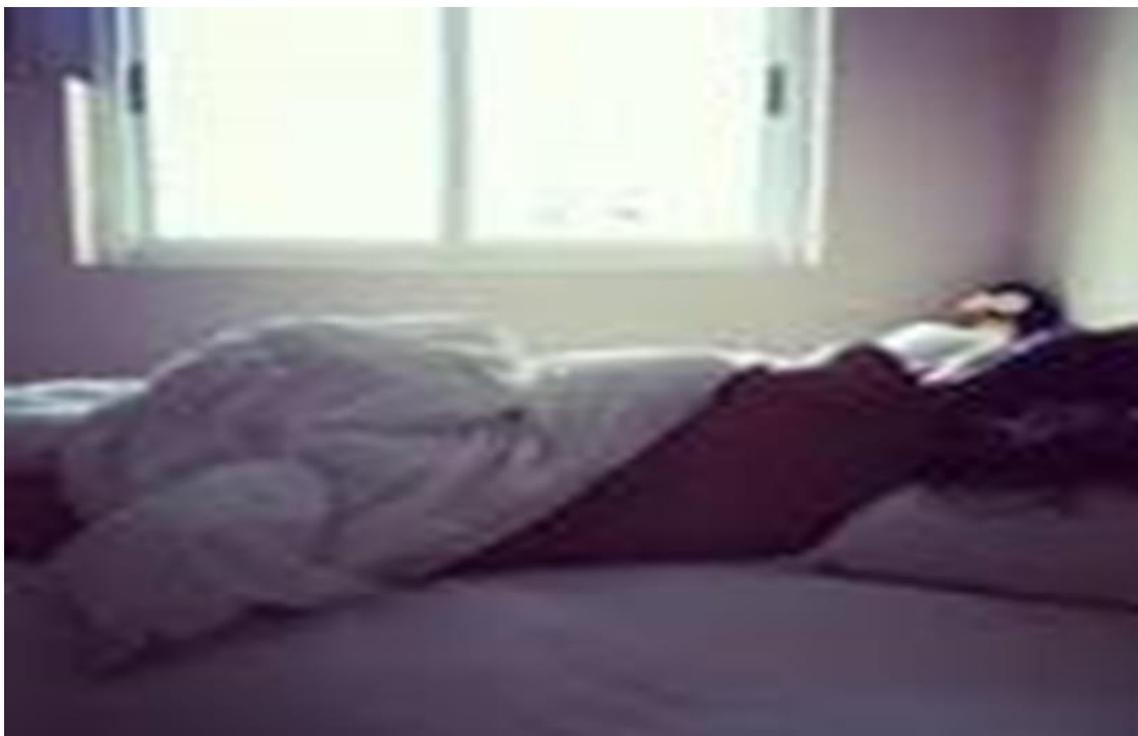
No dia de finados

Estava com meus amigos no dia de finados. Eles me mostraram uma coisa de arrepiar. Fui dormir, deixei minha mochila perto da minha cama. Ao acordar, vi um vulto. Achei uma faca no chão e o esfaqueei, mas era apenas um sonho.

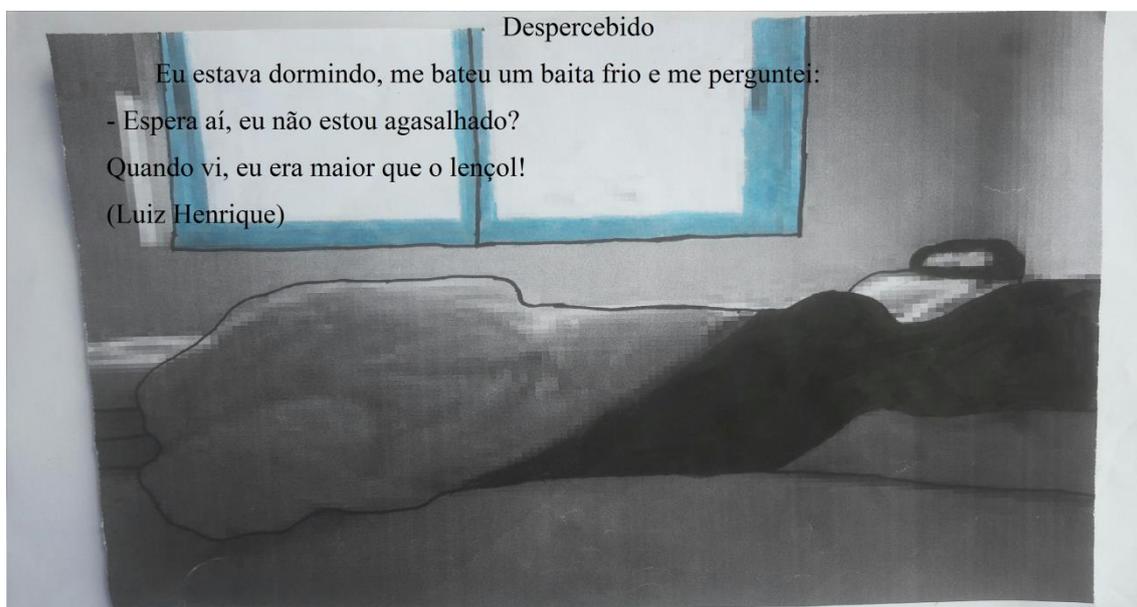
(Luiz Henrique)



FONTE: [Arquivo da pesquisa](#)

**FRAME 16**

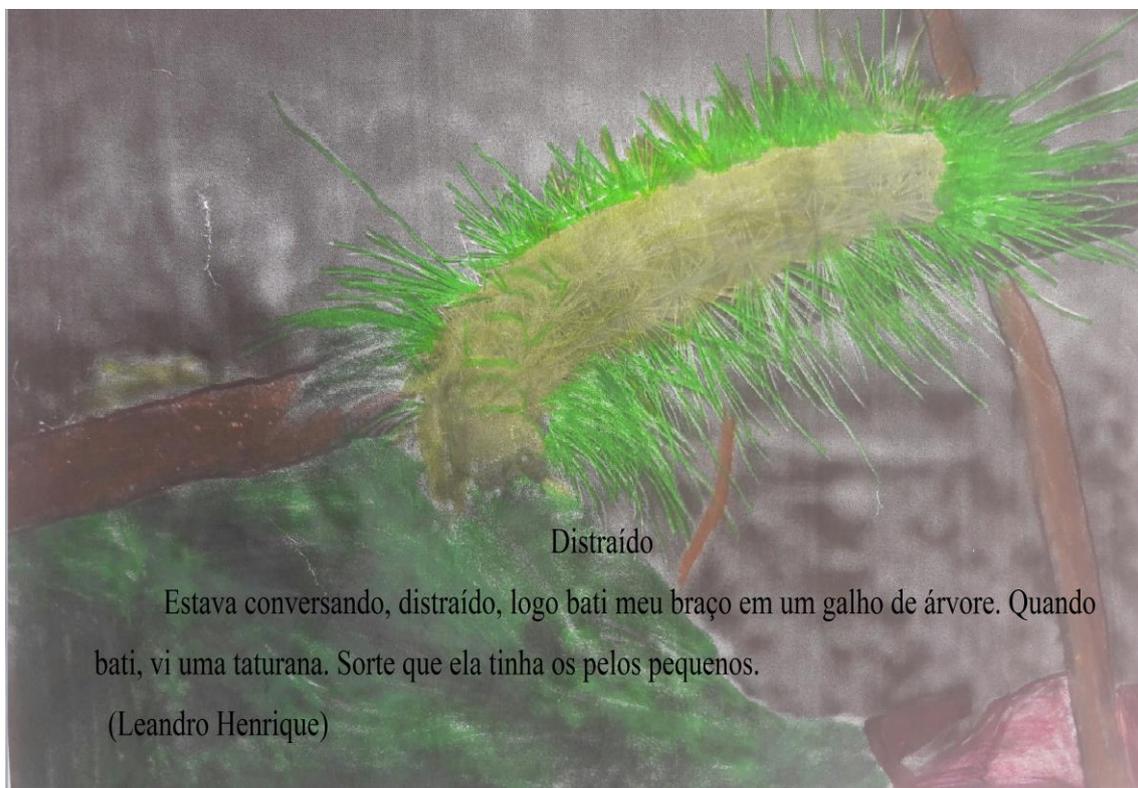
FONTE: [Wikimedia Commons](#)



FONTE: [Arquivo da pesquisa](#)

**FRAME 17**

FONTE: [Wikimedia Commons](#)



Distraído

Estava conversando, distraído, logo bati meu braço em um galho de árvore. Quando bati, vi uma taturana. Sorte que ela tinha os pelos pequenos.

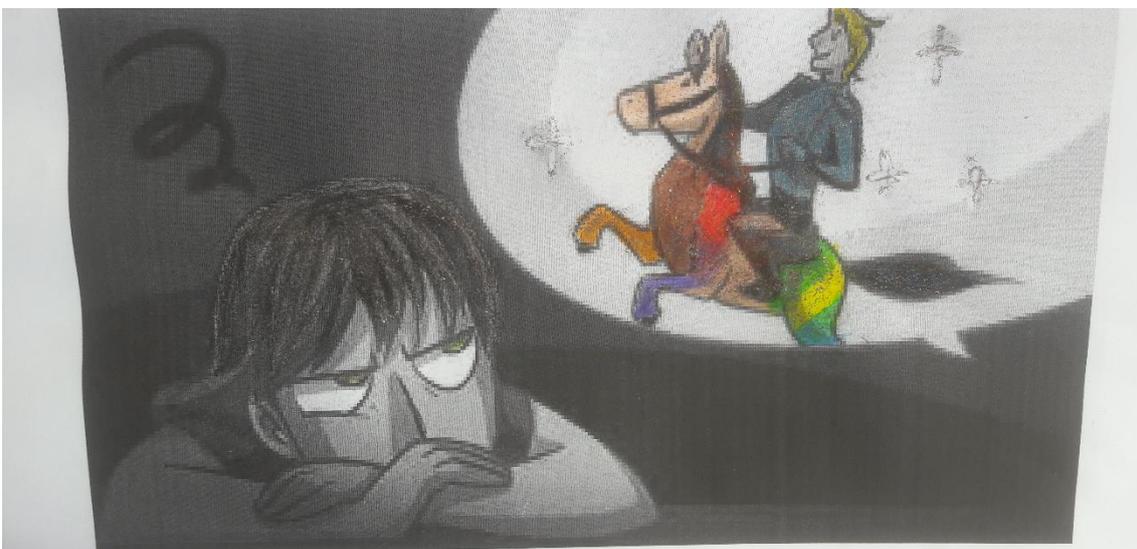
(Leandro Henrique)

FONTE: [Arquivo da pesquisa](#)

## FRAME 18



FONTE: Wikimedia Commons



### Contos de fadas

Eu já acreditei em príncipe de contos de fadas, super-heróis, mas um dia percebi que os contos de fadas não existem.

- E aquele romance, será que poderá se tornar real?

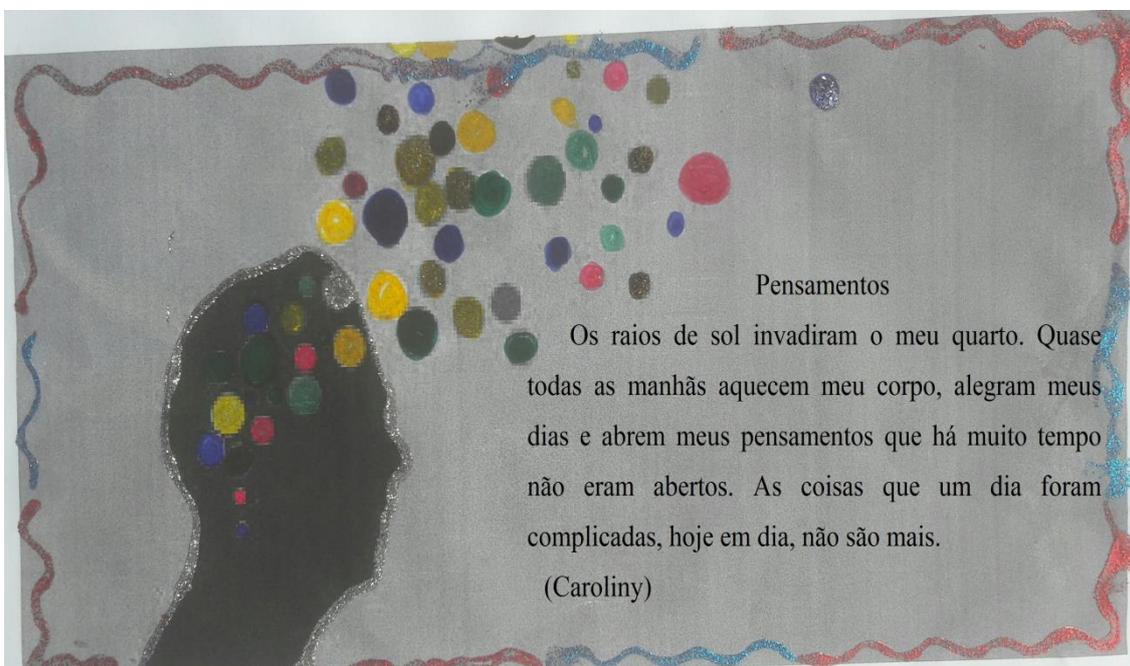
(Fabrícia)

FONTE: Arquivo da pesquisa

## FRAME 19



FONTE: Wikimedia Commons



FONTE: Arquivo da pesquisa

## FRAME 20



FONTE: Wikimedia Commons

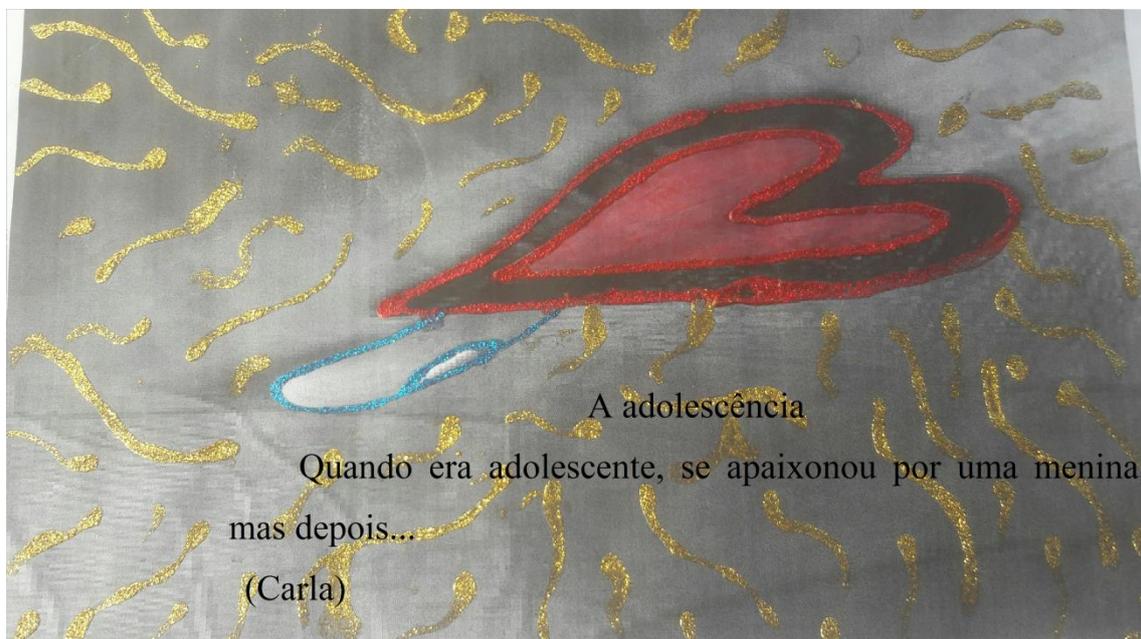


Eu estava na escola e escutei um barulho.  
- Ei, por que estamos correndo?  
- Você não escutou o barulho? Pode ser um tiro ou qualquer outra coisa.  
Era só um pum.  
(Felipe)

FONTE: Arquivo da pesquisa

**FRAME 21**

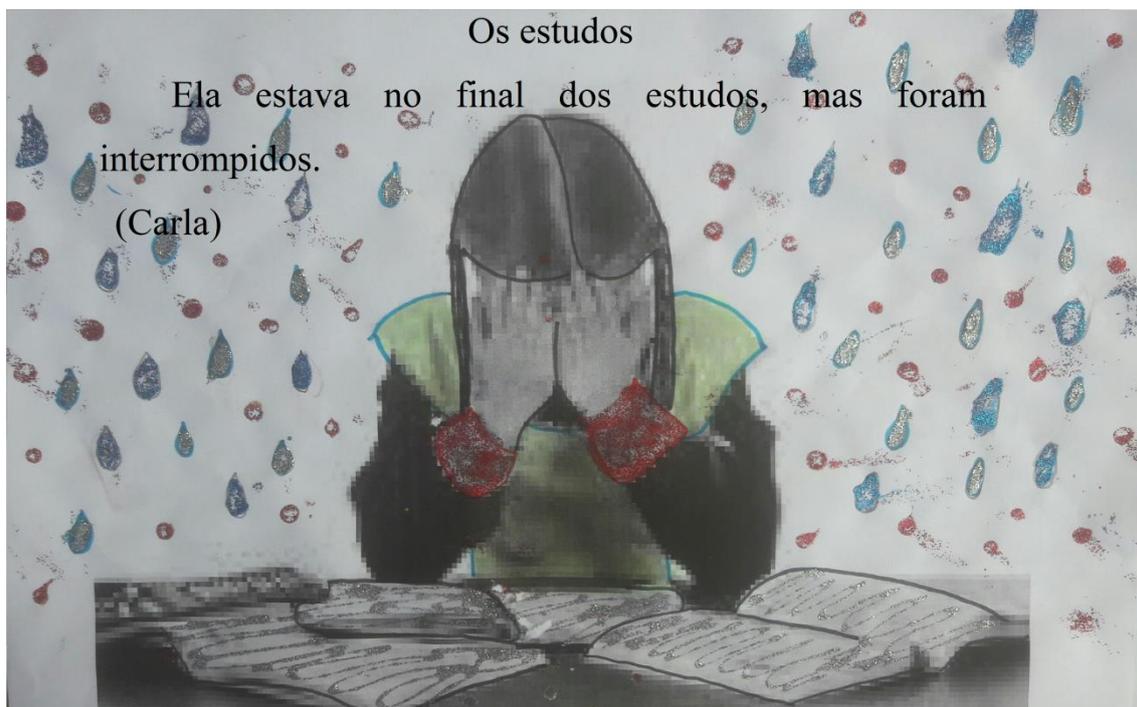
FONTE: [Wikimedia Commons](#)



FONTE: [Arquivo da pesquisa](#)

**FRAME 22**

FONTE: [Wikimedia Commons](#)

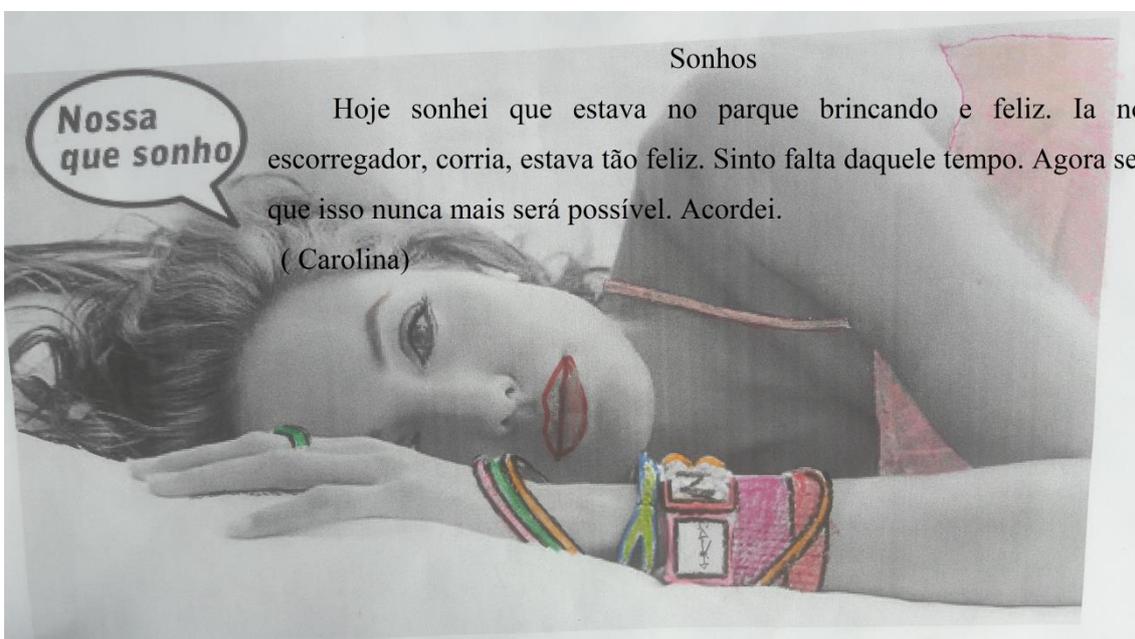


FONTE: [Arquivo da pesquisa](#)

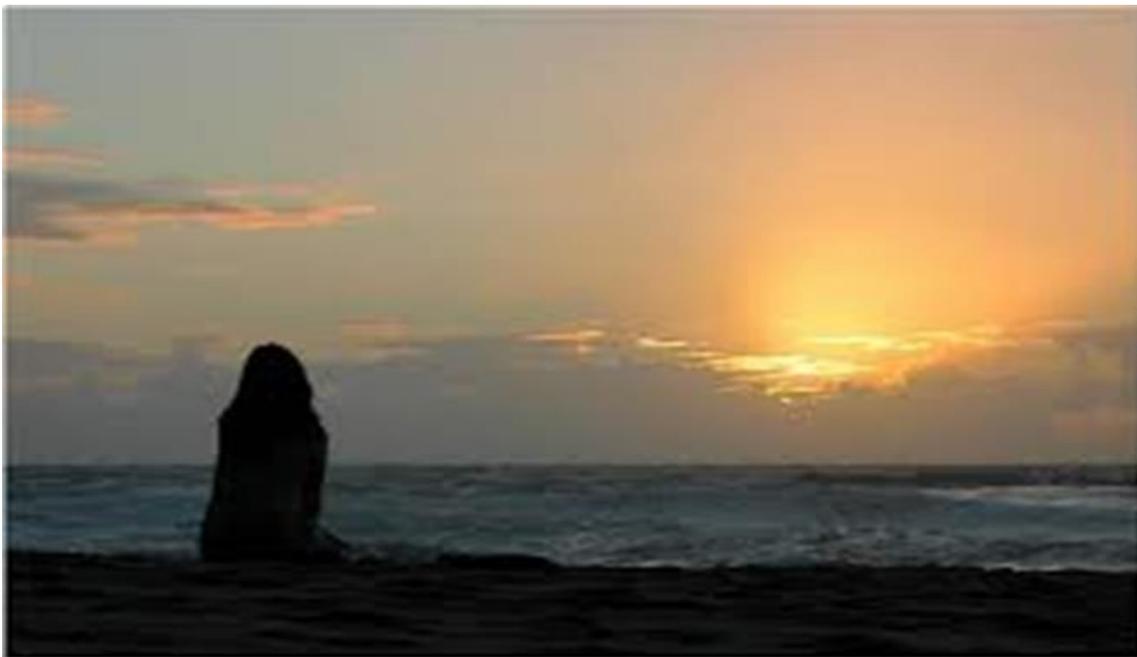
## FRAME 23



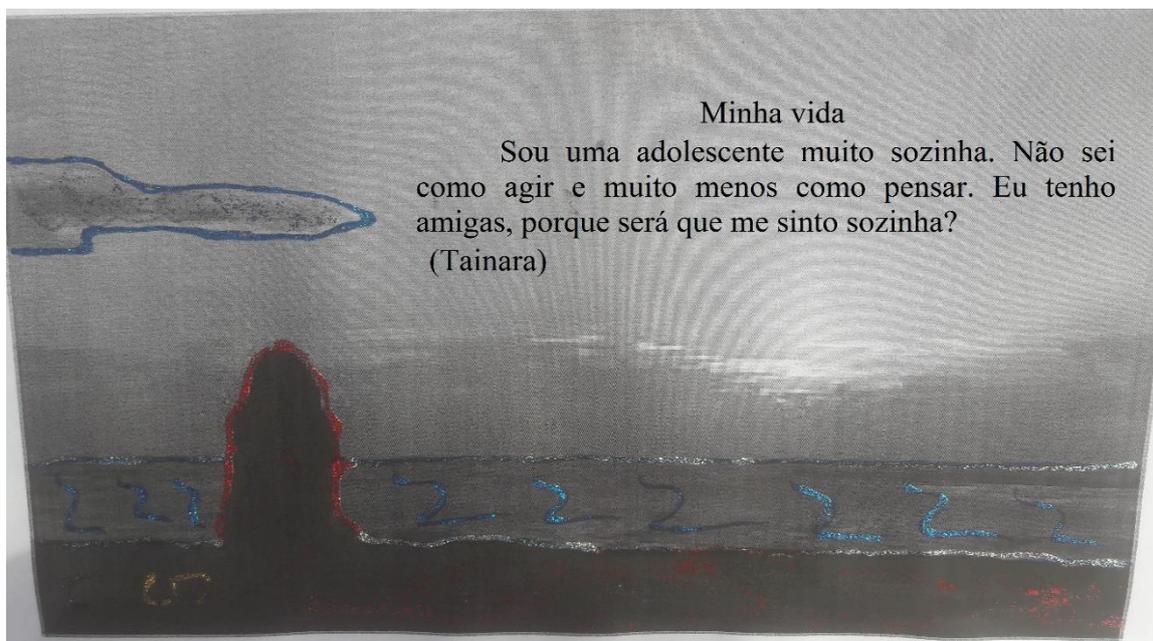
FONTE: Wikimedia Commons



FONTE: Arquivo da pesquisa

**FRAME 24**

FONTE: [Wikimedia Commons](#)



FONTE: [Arquivo da pesquisa](#)

**FRAME 25**

FONTE: [Wikimedia Commons](#)



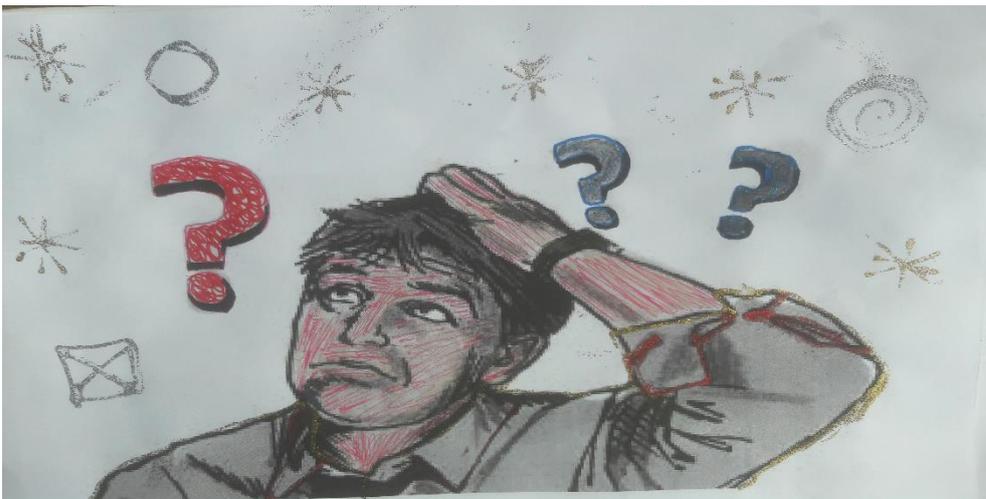
Quando eu era criança, não gostava de brincar com a Mily (minha amiga da escola) porque ela gostava de mim. Os anos se passaram, nós fomos crescendo, agora é ela que não gosta mais de mim.  
(Luis Fernando)

FONTE: [Arquivo da pesquisa](#)

## FRAME 26



FONTE: Wikimedia Commons



Hoje a noite fez um frio...Procurava o controle do ar-condicionado para desligá-lo e não encontrava. Quando olho para cima paro, e penso:

- Mas eu não tenho ar-condicionado!

E... desliguei o ventilador...

(Lorena)

FONTE: Arquivo da pesquisa

## FRAME 27



FONTE: Wikimedia Commons



E a professora disse:  
- Façam duplas.  
Meus três amigos me olham assombrados.  
(Lorena)

FONTE: Arquivo da pesquisa

## FRAME 28



FONTE: [Wikimedia Commons](#)



## Cai de novo

Saí do prédio, pisei na rua, tropiquei, caí e achei um bilhete. Era sorte, abri-o e nele estava escrito que eu iria cair de novo. Levantei, comprei um bolo, tirei um pedaço. Não vi o enorme buraco. Fiquei com mais bolo na cara do que na boca.

(Luiz Eduardo)

FONTE: [Arquivo da pesquisa](#)

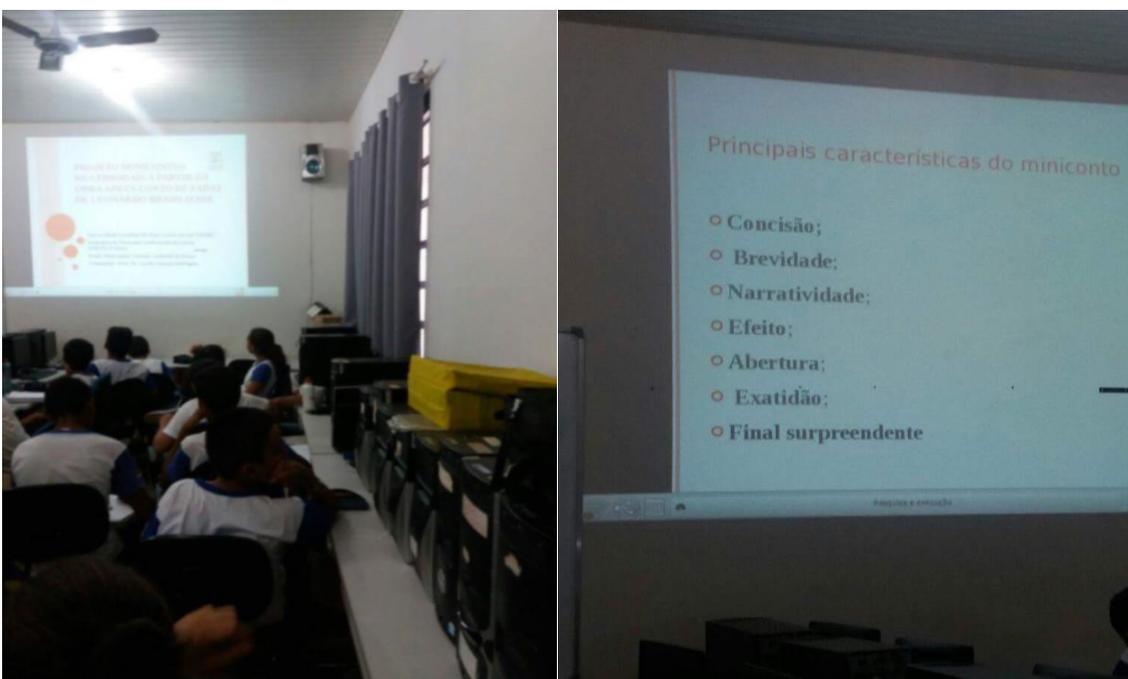
### ANEXO 3 - FOTOS DA APLICAÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA (AULAS E DIVULGAÇÃO AO PÚBLICO)

Apresentação do Projeto interventivo para os alunos (E.E Luiz Frutuoso da Silva)



Fonte: acervo da pesquisa (2017)

Fonte: acervo da pesquisa (2017)



Fonte: acervo da pesquisa (2017)

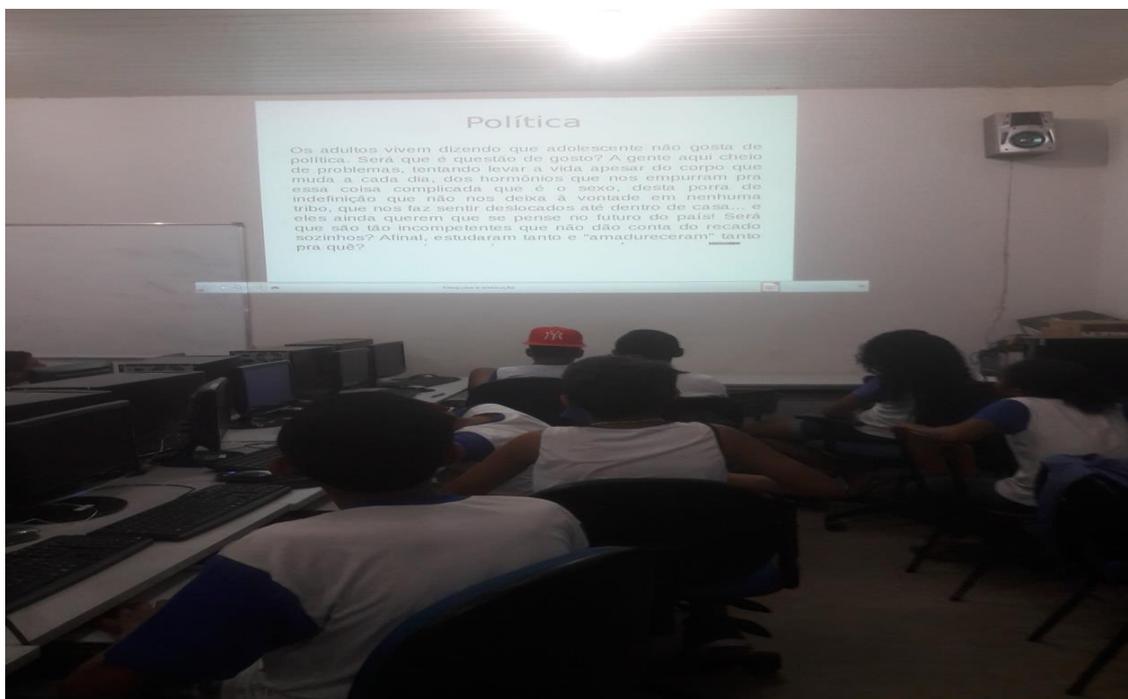
Fonte: acervo da pesquisa (2017)

Audição de minicontos veiculados no site [www.miniconto.com.br](http://www.miniconto.com.br) (E.E Luiz Frutuoso da Silva)



Fonte: acervo da pesquisa (2017)

Fonte: acervo da pesquisa (2017)



Leitura coletiva da obra *Adeus conto de fadas*, de Leonardo Brasiense (E.E Luiz Frutuoso da Silva)

Fonte: acervo da pesquisa (2017)

## Registro das atividades de análise de textos realizadas no Módulo I



Fonte: acervo da pesquisa (2017)

## Produção dos minicontos



Fonte: acervo da pesquisa (2017)



Fonte: acervo da pesquisa (2017)

Escolha das imagens para a produção dos frames (E.E. Luiz Frutuoso da Silva)



Fonte: acervo da pesquisa (2017)

## Produção dos frames



Fonte: Arquivo da pesquisa (2017)

## Produção dos cartazes



Fonte: Arquivo da pesquisa (2017)



Cartazes produzidos pelos alunos

Fonte: Arquivo da pesquisa (2017)

### Etapa de divulgação do Projeto interventivo aos demais alunos da escola



Fonte: Arquivo da pesquisa (2017)

## Anexo – 4 - REGISTROS DA EXPOSIÇÃO DO LIVRO DA TURMA DO 7º “A” NA III FEIRA DO CONHECIMENTO



Tema da III Feira do Conhecimento - Escola Estadual Luiz Frutuoso da Silva

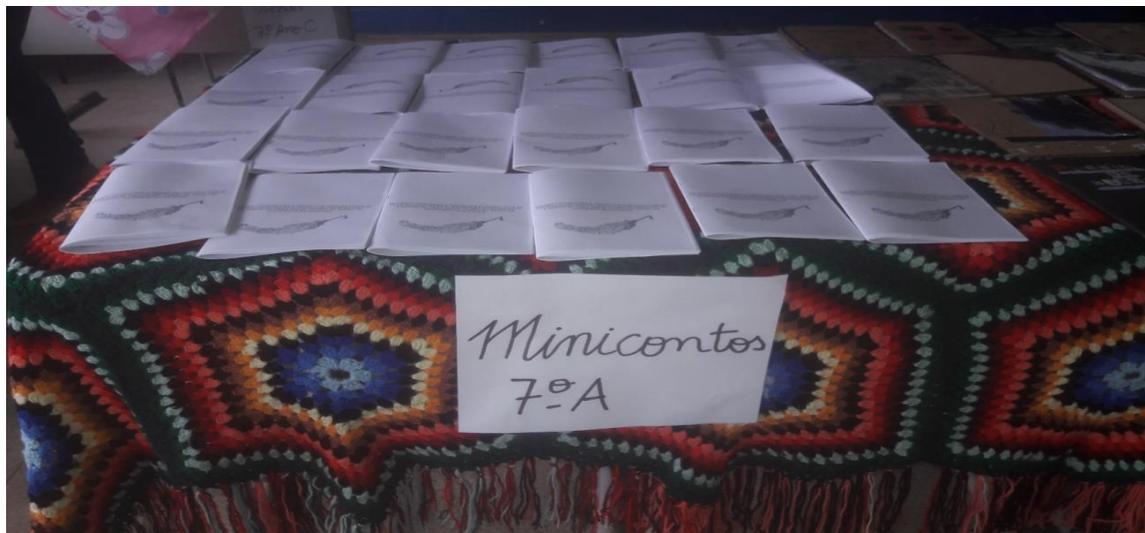
Fonte: Arquivo da pesquisa (2017)



Abertura da III Feira do conhecimento

Fonte: Arquivo da pesquisa (2017)

## Exposição do livro de minicontos para a comunidade escolar – Escola Estadual Luiz Frutuoso da Silva



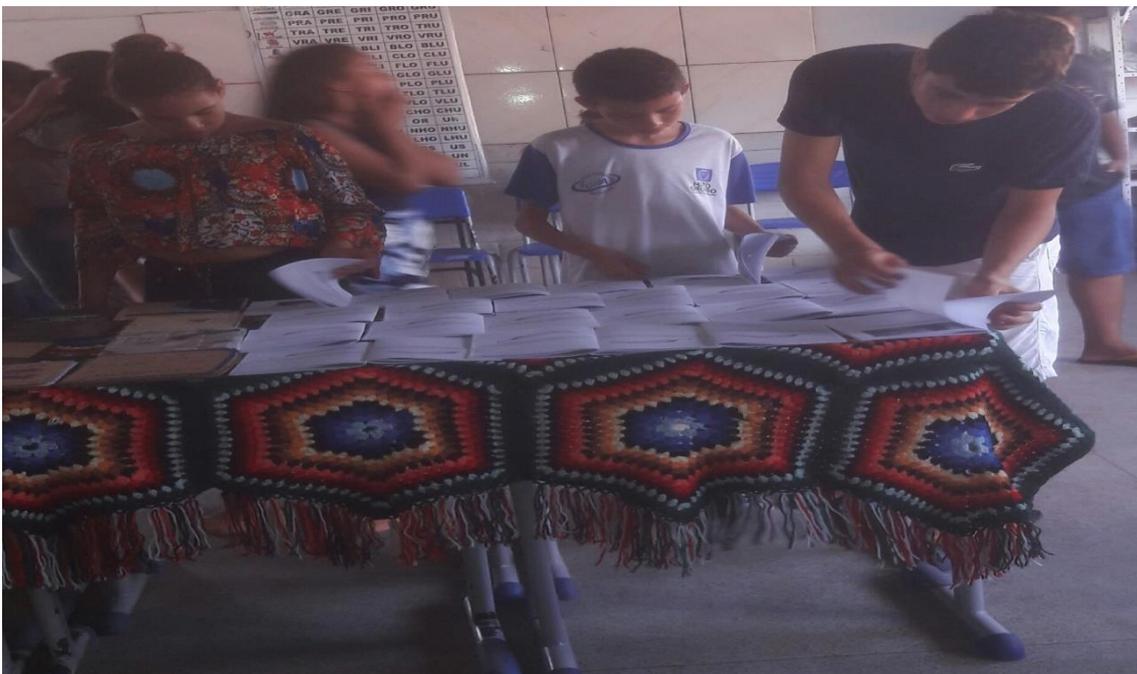
Exposição do livro de minicontos produzido pela turma 7º ano - Fonte: Arquivo da pesquisa (2017)



Exposição dos trabalhos realizados pelos 7º anos

(Fonte: Arquivo da pesquisa (2017))

## Apresentação do livro para a comunidade escolar



Fonte: Arquivo da pesquisa (2017)



Fonte: Arquivo da pesquisa (2017)



Fonte: Arquivo da pesquisa (2017)



Fonte: Arquivo da pesquisa (2017)



Fonte: Arquivo da pesquisa (2017)



Fonte: Arquivo da pesquisa (2017)



Fonte: Arquivo da pesquisa (2017)



Fonte: Arquivo da pesquisa (2017)



Fonte: Arquivo da pesquisa (2017)



Fonte: Arquivo da pesquisa (2017)



Fonte: Arquivo da pesquisa (2017)



Entrega dos livros para os alunos



Finalização do Projeto (Professora e alunos)